

#31 (4) / 2018

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
(7 PKT., CZĘŚĆ B, NR 992)

CZASOPISMO NAUKOWE
HUMANUM POWSTAŁO
W 2008 ROKU

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICY

HUMANUM

ISSN: 1898-8431



HUMANUM



Instytut Studiów Międzynarodowych
i Edukacji w Warszawie

31 (4) / 2018

INDEX  COPERNICUS
INTERNATIONAL

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
(7 PKT., CZĘŚĆ B, NR 992)

CZASOPISMO NAUKOWE
HUMANUM POWSTAŁO
W 2008 ROKU

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICZY

HUMANUM

MIĘDZYNARODOWE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE
INTERNATIONAL SOCIAL AND HUMANITIES STUDIES

INSTYTUT STUDIÓW MIĘDZYNARODOWYCH I EDUKACJI HUMANUM

KOLEGIUM REDAKCYJNE | Editorial boards:

Redaktor Naczelny / Chief Editor
prof. dr hab. Paweł Czarnecki

Sekretarz redakcji / Assistant editor:
mgr Aleksandra Nowosad

REDAKTORZY TEMATYCZNI | Section Editors:

ks. prof. dr hab. Tadeusz Bąk
prof. dr hab. Wojciech Słomski
prof. dr hab. Stanislav Szabo

REDAKTORZY JĘZYKOWI | Language Editors:

Język polski: mgr Tomasz Sańpruch

Język angielski: Andy Ender MA, dr Marcin Łączek

Język słowacki: Mgr. Andrea Gieciová-Čusová

Język czeski: PhDr. Mariola Krakowczyková, Ph.D.

Język rosyjski: Andrey Stenykhin MA

REDAKTOR STATYSTYCZNY | Statistical Editor:

mgr Marcin Moniuszko

REDAKTOR TECHNICZNY | Technical Editor:

mgr Michał Głaczyński

OPRACOWANIE GRAFICZNE, SKŁAD I ŁAMANIE |

Graphic design: mgr Rita Schultz

RADA NAUKOWA | Scientific Council:

Przewodniczący / Chairman: J. E. Bp Prof. ThDr.
PhDr. Stanislav Stolarik, PhD. (Słowacja)

CZŁONKOWIE | Members:

Dr h.c. prof. Ing. Jozef Živčák, PhD. (Słowacja),
Dr h.c Prof. Daniel J. West Jr. PhD. FACHE, FACMPE
(USA), prof. PhDr. Anna Žilová, PhD. (Słowacja),
Prof. Devin Fore, PhD. (USA), Prof. zw. dr hab.
Wojciech Słomski, Prof. MUDr. Vladimír Krčmery
DrSc. Dr h.c. Mult. (Słowacja), Prof. Ing. Alexander
Belohlavek, PhD. (USA), prof. h.c. doc. MUDr. Maria
Mojžešova, PhD. (Słowacja), Prof. dr hab. Ewgenii
Bobosow (Białoruś), Prof. PhDr. Vasil Gluchman,
CSc. (Słowacja), ks. Prof. PhDr. Pavol Dancak, PhD.
(Słowacja), Doc. PhDr. Nadežda Krajčova, PhD.
(Słowacja), JUDr. Maria Bujňakova, CSc.(Słowacja),
Prof. dr hab. Nella Nyczkaló (Ukraina), Prof. dr hab.
Jurij Kariagin (Ukraina), PhDr., Marta Gluchmanova

Lista recenzentów | List of reviewers:

znajduje się na stronie www.humanum.org.pl
oraz na końcu ostatniego numeru
w danym roczniku | list of reviewers available at
www.humanum.org.pl and in the last issue of volume

Adres redakcji i wydawcy | Publisher: Instytut Studiów Międzynarodowych i Edukacji Humanum,

ul. Złota 61, lok. 101, 00-819 Warszawa www.humanum.org.pl / Printed in Poland

Co-editor – International School of Management in Prešov (Slovakia)

© Copyright by The authors of individual text

ŻADEN FRAGMENT TEJ PUBLIKACJI NIE MOŻE BYĆ REPRODUKOWANY, UMIESZCZANY W SYSTEMACH PRZECHOWYWANIA INFORMACJI LUB PRZEKAZYWANY
W JAKIEJKOLWIEK FORMIE – ELEKTRONICZNEJ, MECHANICZNEJ, FOTOKOPII CZY INNYCH REPRODUKCJI – BEZ ZGODNY POSIADACZA PRAW AUTORSKICH
WERSJA WYDANIA PAPIEROWEGO HUMANUM MIĘDZYNARODOWE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE JEST WERSJĄ GŁÓWNA

ISSN 1898-8431

Czasopismo punktowane Ministerstwa Nauki i Szkolnictwa Wyższego w Polsce. Lista B, 7 pkt, poz. 992
The magazine scored by Ministry of Science and Higher Education in Poland. List B, 7 points, pos. 992

31 (4) / 2018



Spis treści

ANA TERESA ALMEIDA: Entre a Bioética e a Ecologia: princípios e fundamentos	3
PAWEŁ CZARNECKI: Sociálna pedagogika a sociálna politika a systém sociálnej starostlivosti a pomoci	15
ALEKSANDRA FELINIAK: The Cooperation of the Educator with the Child's Parents in "Wychowanie Przedszkolne" Periodical	31
PATRIK MATURKANIČ: Wiem, to znaczy, że jestem lub nieprzezwyiczone poczucie wartosci samego siebie (<i>refleksja antropologiczno-psychologiczna</i>)	39
PAULINA LEDWÓJCIK: Alkoholizm jako zjawisko patologiczne zagrażające bezpieczeństwu społecznemu	47
IWONA IGNASIAK-SKUROWSKA: El diálogo en <i>El corazón helado</i> de Almudena Grandes	61
IVICA GULÁŠOVÁ, LADA CETLOVÁ, JOZEF BABEČKA: Zdravotní rizika u obyvatelstva v České republice	67
DAMIAN LISZATYŃSKI: Społeczno-ekonomiczne znaczenie optymalnego rozmiaru sektora publicznego	75
MARLENA STRADOMSKA, KONRAD HARASIM: Die Bedrohung vom Selbstmordterrorismus in der Zivilisation des 21. Jahrhunderts	83

Spis treści – cd.

ZHANG, XINYAN: The Meaning of Being	93
KONRAD HARASIM: Determinants of psychological well-being	97
MARLENA STRADOMSKA: Proces leczenia w sytuacji zagrożenia życia – analiza suicydologiczna na podstawie działalności Polskiego Towarzystwa Suicydologicznego	105
MARIÁN AMBROZY: Štefan Kassay; 2011. Enterprise and Entrepreneurship: Strategic Communication, Vol. 3, Bratislava: Veda, 864 p. – review of book	113
MARIÁN AMBROZY: Rudolf Dupkala: Fantóm imigrácie – Konflikt alebo dialóg kultúr v kontextoch axiologického pluralizmu	121
HYNEK ŠMERDA: RECENZJA: Patrik Maturkanič, Základy etiky (<i>Podstawy etyki</i>), VŠAPs, Terezín 2018, B5 s. 155, ISBN 978-80-87871-05-8.	125



Ana Teresa Almeida

IUCS, Gandra, Porto Ramiro Délio Borges Meneses
IUCS, Gandra, Porto
Portugal

Entre a Bioética e a Ecologia: princípios e fundamentos / *Between Bioethics and Ecology: principles and foundations*

Summary

This work analyzes the relationship between Bioethics and Ecology, while taking into account social interactions. Therefore, it focuses on the origin and evolution of the bioethics concept; on the several elements of Integral Ecology; on the close relationship between Bioethics and the Environment; as well as on the relevance of Environmental Education for the future of our planet.

Key words: Bioethics, Ecology, Environment, Education, Human being.

INTRODUÇÃO

Nosso Planeta vive tempos de intensas modificações tecnológicas, com um crescimento exponencial, que promovem desequilíbrios ecológicos, que caso não sejam corrigidos ameaçam seriamente a vida de todos os seres vivos. Hoje em dia, começamos a entender que a responsabilidade dos danos causados no meio ambiente é do Homem, através da modernização da indústria.

Sabemos que a Ecologia não é um tema que se possa abordar de forma leviana, mas sempre de acordo com os princípios da Bioética de forma a aprofundar o debate, uma vez que a crise ecológica gera consciência de que os seres humanos fazem parte do ambiente e que a luta pela justiça exige também uma luta ecológica (1).

A Ecologia nunca poderá ser pensada de forma isolada, é necessário entendê-la como um problema da Ecologia Social, e sempre de forma multidisciplinar através das organizações sociopolíticas, humanistas e bioéticas. A crise ambiental é resultado da nossa incapacidade de entender os fenômenos de uma forma integrada. Pensar

nesta questão de forma integrada significa colocar em contacto permanente todas as dimensões da vida, expondo constantemente os problemas que nos afetam (2).

Podemos afirmar que o problema é da mentalidade e das ações, uma vez que estas não são pensadas de uma forma antropológicamente mais justa para com o meio ambiente, havendo sempre a partilha de valores positivos, de forma a entender que rumo iremos definir para a Ecologia, sendo essencial a relação com a Bioética (3).

A ORIGEM DA BIOÉTICA

Etimologicamente Bioética deriva das palavras gregas *bios* (vida) + *ethos* (hábito, costume). É definida pela Enciclopédia de Bioética de Reich como “o estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde” (1).

Em 1927, Fritz Jahr publicou aquele que parece ter sido o primeiro documento conhecido a falar sobre Bioética, referindo-a como uma emergência de obrigações éticas não apenas com o Homem, mas com todos os seres vivos. Fritz Jahr apresentou o seguinte imperativo sobre a Bioética: “Respeita cada ser vivo em princípio como uma finalidade em si e trata-o como tal na medida do possível”(2).

Na sua publicação *Ética da Terra*, de 1949, Aldo Leopold expande a definição de Fritz Jahr dizendo que “a ética da terra amplia as fronteiras da comunidade para incluir também o solo, a água, as plantas e os animais”, sendo necessário haver a consciencialização social das pessoas para com o planeta Terra, respeitando as gerações presentes e futuras através do respeito pelos homens, animais e conservação da natureza (3).

Desta definição mais abrangente surge o pensamento de Van Ressenlaer Potter, médico norte-americano, alarmado com os avanços tecnológicos e com os efeitos que o meio ambiente exercia na saúde humana causados pelos comportamentos do homem. Considerava que a missão da Bioética seria consciencializar a humanidade para uma vida digna, tendo a humildade de aprender com as experiências e com os conhecimentos disponíveis, de forma a tornar sustentável a vida das gerações presentes e futuras.

Potter, em 1970, foi referido como o pai da Bioética quando a apresenta como a ciência da sobrevivência, salientando que “nós temos uma grande necessidade de uma ética da terra, uma ética para a vida selvagem, uma ética de populações, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional, uma ética geriátrica e assim por diante (...) Todas elas envolvem a bioética (...)”(3). Um ano após, em 1971, Potter publicou o livro “Bioethics: a bridge to the future”, definindo a Bioética como a ponte entre a ciência e a humanidade, e redefiniu o termo Bioética como o modo de enfatizar os dois elementos essenciais para atingir uma nova sabedoria: conhecimento biológico e valores humanos (4).

A Bioética para Potter era entendida como uma ética da biosfera, englobando parâmetros médicos e parâmetros ecológicos, de forma a preservar um ecossistema em que a espécie humana pode sobreviver, referindo ainda que estes parâmetros devem estar constantemente relacionadas (5).

Foi nos anos setenta que a Bioética foi reconhecida como ciência, principalmente depois da publicação da obra de Potter, e após fundação do Instituto Kennedy de Ética por André Hellegers que ocorreu no mesmo ano. Esta nova ciência é então dividida em duas vertentes: a microbiótica, que focava a parte clínica da bioética, utilizada na aplicação da biologia e da medicina à vida humana, tendo sempre atenção aos constantes avanços tecnológicos na área da saúde, e a outra vertente a macrobiótica, que abrangia todos os campos das questões éticas relacionadas com a vida. Para além da junção do conhecimento científico e filosófico, também incluía a ecologia médica e ambiental para a sobrevivência. Deste modo, e como refere Hottois “a maior parte das questões da Bioética ultrapassa largamente, em profundidade e em vastidão, os limites de uma profissão por mais prestigiada que seja” (6).

No final dos anos noventa, Potter volta a redefinir a Bioética incluindo a vertente social, designando de Bioética Profunda: “Bioética como nova ciência ética que combina humildade, responsabilidade e uma competência interdisciplinar, intercultural e que potencializa o senso de humanidade” (7).

Esta nova definição parece ter sido baseada no conceito de ecologia profunda definido por Arne Naess, referindo que todos os tipos de vida, e também os ecossistemas, têm valor intrínseco e que o homem é apenas uma pequena parte de todo o cosmos, questionando e trazendo à reflexão a visão antropocêntrica que coloca o homem no centro do universo, tudo subjugando ao seu poder. Deu-se deste modo uma viragem definitiva para a vertente macrobiótica (7).

Potter nesta última definição dá importância à humildade e à responsabilidade, o que nos remete a uma ética prática, descrita pelo autor Goldim como “humildade para estar aberta a novos conhecimentos e poder considerar o estar errado, pois a mudança é uma constante e os consensos não são imutáveis; responsabilidade do homem em relação às suas ações e ao seu meio natural, que exige que ele aprenda com as experiências e conhecimentos disponíveis, competência interdisciplinar pela troca de opiniões e saberes, para que as diferentes visões essenciais na bioética, ao contrário de dividir, aproximem as pessoas e facilitem uma sábia síntese de indicadores que possibilitem adequadas soluções para os problemas”. Ainda segundo Goldim, “os problemas propostos para a reflexão bioética ficam mais claros quando discutidos dentro de uma perspectiva interdisciplinar”, dado que “existem dois fatores que sempre influenciam o processo de tomada de decisão, que são o sistema de crenças e os desejos das pessoas envolvidas”(8).

A competência intercultural significa percebermos que não há só uma forma correta de vermos os problemas. Assim, a visão plural é fundamental, tal como a interdisciplinaridade, mas deve evitar-se o relativismo em nome de uma qualquer cultura pelo perigo de validar injustiças locais.

A BIOÉTICA NA ATUALIDADE

Nos últimos 30 anos do século XX a Bioética tem crescido de forma constante, e em 2005 tal crescimento ganhou ainda mais força com a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH), adotada pela UNESCO. A filosofia e políticas transmitidas através da declaração e a tentativa de implementação mundial, refletem o esforço permanente pela dignidade do ser humano.

No final da primeira década do século XXI, os assuntos com mais relevo nesta área são: os avanços dos conhecimentos genéticos centrados em dilemas éticos no início da vida e na saúde humana; dos conhecimentos tecnológicos e científicos que prolongam artificialmente a vida humana e a pertinência ou não do testamento vital; a justiça na saúde; a sustentabilidade ambiental e a sua relação com a saúde dos seres vivos; e a relação entre as várias culturas. Temas estes abrangentes e que envolvem atualmente toda a sociedade.

A existência de uma sociedade mais justa e feliz só será possível com cidadãos mais virtuosos e que tenham como referência os ensinamentos de filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Segundo estes, o elemento essencial de uma cultura ética é a virtude, a existência de características boas e positivas em cada cidadão (9).

A promoção de cidadãos mais virtuosos é atualmente um dos grandes objetivos da educação, através da democratização do ensino e reformas da educação. No entanto, sabemos que a educação de cada pessoa começa desde o nascimento e no ambiente familiar, uma vez que a virtude se adquire desde o colo da mãe, e pela imitação e aquisição dos comportamentos e conhecimentos dos pais e educadores.

Segundo os autores Pessini e Barchifontaine a maturidade humana é alcançada na plenitude do estado ético, onde o ser humano livre e autónomo age segundo valores adequados ao seu modo de existir. Contudo, os valores culturais são adquiridos com as experiências e tradições humanas (10).

Podemos deste modo, através das palavras da autora Oliva Teles, dizer que “a Bioética passou de ciência ou teoria para movimento cultural e social – no fundo, corresponde à necessidade de que a presente sociedade tem de conciliar os conceitos da moralidade com os conflitos éticos resultantes do evoluir da bio-medicina e da tecnologia científica, sob pena de comprometer os destinos da vida humana”. A Bioética apresenta-se como “Ponte” entre ciência e humanidades, uma ponte de sabedoria para o futuro da vida na terra (11). Porém, esta reflexão sobre a bioética necessita de ser repensada constantemente segundo um pluralismo cultural e axiológico que lhe dê a capacidade de intervir em todos os domínios da atividade humana(12).

OS ELEMENTOS DE UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Perante os problemas da sociedade na atualidade é necessário olharmos para todos os aspetos da crise mundial, para tal será importante analisar e pensar sobre os diferentes elementos duma Ecologia Integral, tendo sempre em conta as dimensões humanas e sociais.

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde estes se desenvolvem. Tendo em conta os elementos ambientais, económicos e sociais da Ecologia, é essencial pensar e discutir as condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, colocando sempre que necessário em dúvida os modelos de desenvolvimento, produção e consumo.

Os componentes biológicos, físicos e químicos do planeta estão interligados, do mesmo modo que os seres vivos formam uma rede que nunca terminaremos de individualizar e compreender, visto haver partilha de componentes genéticos entre

várias espécies. Perante estas relações, seria ignorância da nossa parte isolarmos os nossos conhecimentos em vez de percebermos a realidade com uma visão mais ampla.

Nesta visão temos de considerar a relação próxima entre a natureza e a sociedade, uma vez que nós fazemos parte da natureza, sendo na maioria das vezes responsáveis pela sua alteração. Se a poluição de um rio, oceano, campo ou cidade aumentar é essencial entender a realidade, como funciona a sociedade, como funciona a economia e o porquê de certos comportamentos.

Não é assim possível definir uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental encontrar soluções integrais que tenham em conta as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais, de forma a preservarmos os ecossistemas, uma vez que estamos dependentes destes, não tendo noção disso. Os ecossistemas são intervenientes na retenção do anidrido carbónico, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição dos solos, na decomposição dos resíduos, e muitos outros processos que não damos o devido valor.

Com o crescimento económico são criados mecanismos automáticos, simplificando os processos com o objetivo de reduzir custos. Desta forma é salutar a criação de uma ecologia económica, capaz de considerar a realidade de uma forma mais abrangente. Tal como nos diz a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento: “a proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá ser considerada isoladamente”, nunca deixando de parte o humanismo. Hoje, não conseguimos separar a análise dos elementos ambientais sem analisar os elementos humanos, familiares, laborais, urbanos e da relação de cada pessoa consigo própria, demonstrando assim que o todo é superior à soma das partes.

Numa sociedade o estado de saúde das instituições irá ter influência no ambiente e na qualidade de vida humana. Assim sendo, a Ecologia Social é obrigatoriamente institucional e alcança de forma progressiva os vários patamares da sociedade, desde o grupo social primário, à família, às organizações locais, à nação e até à vida internacional.

Em todas estas dimensões sociais temos conhecimento de comportamentos ilegais, apenas porque nesses locais as instituições obedecem a sistemas de governação precários, com o objetivo de beneficiar certas pessoas.

Tal como a nível ambiental, também a Ecologia Cultural está ameaçada e a solução não seria destruir e criar novas cidades possivelmente mais ecológicas, onde nem sempre é desejável viver. É fundamental integrar a história, a cultura e a arquitetura de um lugar, garantido assim a sua identidade original. Assim, a Ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, sendo obrigatório prestar atenção às culturas locais quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente. A cultura não pode ser entendida apenas pelos monumentos do passado, mas sim no seu sentido vivo, dinâmico e participativo; aspetos que não podemos excluir no momento de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente.

O consumismo e a globalização económica atual leva a que a variedade cultural se torne mais débil, perdendo deste modo um dos tesouros da humanidade.

Nunca se poderão tomar decisões meramente técnicas, é essencial ter em consideração os direitos dos povos e das culturas, compreendendo assim que o desenvolvimento de um grupo social supõe um processo histórico no seio de um contexto cultural e onde os cidadãos locais, partindo da sua própria cultura, são as personagens principais.

Um estilo de vida hegemónico juntamente com um modo de produção massivo pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas, podendo originar em casos mais drásticos o desaparecimento de uma cultura, o que pode ser tanto ou mais grave do que a extinção de uma espécie animal ou vegetal.

A Ecologia da Vida Quotidiana é outro dos elementos da Ecologia Integral. Esta remete-nos para a análise dos ambientes onde vivemos, uma vez que estes podem influenciar a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir. Do mesmo modo que no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro usamos o ambiente para exprimir a nossa identidade, pois só assim conseguimos desenvolver uma identidade integrada e feliz.

Devemos valorizar a criatividade que certas pessoas e grupos têm para dar a volta às limitações do ambiente. Todos nós já verificamos edifícios com fachadas deterioradas, mas onde os proprietários cuidam do interior com muita dignidade, ou têm um sentimento de cordialidade e amizade dos vizinhos. Estes aspetos positivos da vida social dos habitantes torna um ambiente à primeira vista inabitável em algo repleto de afetos e harmonia. É assim de louvar a ecologia humana que os pobres conseguem desenvolver, perante tantas limitações. Desta forma, qualquer lugar deixa de ser um calvário, passando a ser um modo de vida digno.

Torna-se clara a relação entre os espaços urbanizados e o comportamento humano, fazendo com que os responsáveis pelos projetos de novos edifícios, bairros, espaços públicos e cidades tenham de absorver as contribuições dos vários saberes que permitem entender os processos, o simbolismo e os comportamentos das pessoas.

Todavia, em muitas partes do mundo a falta de habitação é uma situação grave, nas áreas rurais e até mesmo nas grandes cidades, principalmente devido aos orçamentos estatais cobrirem apenas uma pequena parte da procura. E nestes casos não são só os pobres que têm dificuldades para terem uma casa própria, mas sim uma grande parte da sociedade. Uma casa própria trata-se de uma questão fulcral da ecologia humana, uma vez que tem um papel fundamental na dignidade das pessoas e no desenvolvimento das famílias.

A Ecologia humana implica também algo de muito profundo, como é a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. Bento XVI dizia que existe uma “ecologia do homem”, porque “também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece”(13). Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é fundamental para uma verdadeira Ecologia humana. Não devemos assim ter comportamentos que pretendam “cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela”(14).

A BIOÉTICA E O MEIO AMBIENTE

A questão ambiental surge nos anos 60 e 70, associada a fenômenos político-sociais como a crise do petróleo de 1973, a revolução Hippie, o movimento “Flower Power”, a filosofia da “não-violência” e o Maio de 1968 em Portugal. Contudo, foi depois da atribuição do Prémio Nobel da Paz a Al Gore e ao Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, em 2007 que o meio ambiente começou a merecer maior evidência. O Ambiente passou a ser um tema da moda, toda a gente fala sobre ambiente e certas preocupações da nossa rotina diária focam esta questão.

Mais recentemente, em entrevista ao jornal do Vaticano L'Osservatore Romano, o Bispo presidente do Tribunal da Penitenciária Apostólica, D. Gianfranco Girotti, mencionou que de entre os novos pecados capitais constam a realização de experiências de manipulação genética, nomeadamente com embriões, o tráfico de drogas, as injustiças sociais e crimes contra o meio ambiente.

A degradação do meio ambiente continua a progredir a um ritmo alucinante e está a colocar em risco não só as gerações atuais, mas fundamentalmente as gerações futuras. Esta degradação deve-se acima de tudo à necessidade do homem melhorar a sua qualidade de vida, não pensando no equilíbrio necessário entre as atividade humanas e o mundo natural (15).

A origem dos problemas ambientais não está no próprio meio ambiente, mas sim na percepção errada, que o homem tem da natureza e na sua posterior adaptação, isto porque pensa que pode dominar ao seu belo prazer a natureza. Enquanto os nossos antepassados usufruíam do mundo em proveito próprio, nós, hoje em dia, tentamos conhecê-lo. O nosso saber, os nossos conhecimentos levou à transformação do mundo, através da capacidade de projetar o futuro, de inovar e de criar, o homem foi progressivamente obtendo o poder de influenciar, de modificar situações e de alterar o normal decorrer dos acontecimentos em todos os domínios da vida (16). Contudo, e citando Luis Archer “O Homem não é o senhor absoluto do universo. Ele pode e deve intervir na natureza, mas respeitando as suas leis fundamentais. Pode criar novos equilíbrios ecológicos, mas não pode simplesmente ignorar esses equilíbrios. Deve ser inovador, mas respeitando as regras do jogo” (17). Trata-se assim de um desafio ao nível da alteração dos padrões de comportamento, que terá de ter como base uma lógica de prudência e ponderação.

A capacidade de inovar é na realidade o desafio atual das condições da vida moderna. Que preço o homem irá pagar pelo avanço desmedido da industrialização e da tecnologia, sem atender a qualquer tipo de regra? A independência do ser vivo exige a sua dependência em relação ao meio ambiente. Na realidade, apenas alterando os nossos comportamentos egocêntricos de estar no mundo é que é possível superar a crise ambiental da nossa época. Neste caso é essencial o aparecimento de uma nova forma de conduta em relação à natureza. Surge assim a ética ambiental, com o objetivo de constituir um desafio e uma exigência para uma nova definição de humanismo, onde a liberdade e a responsabilidade deverão ser originar uma prática complexa e multifatorial, ética, política e economicamente sustentável (18).

O ser humano apenas é capaz de usufruir de tudo o que a vida lhe pode dar adotando um comportamento ético ambiental. Porém, a evolução da ciência pelos seres humanos fornece-lhes poderes que antes estavam cingidos à mãe natureza, levando-

se a ponderar até que ponto está o ser humano autorizado a exercer tais poderes, e em que medida aquilo que é tecnicamente possível o é eticamente aceitável (19). Mas será que tudo obedece a uma necessidade incontrolável? Crescimento sem limites? Progresso contínuo? O imperativo científico deve cruzar necessariamente o imperativo ético? Podemos dizer que foi através da análise deste tipo de questões que despertou no Ser Humano a “Consciência Ecológica”.

A mudança de atitude da ação humana perante o meio ambiente tendo vindo a decorrer ao longo de vários anos, principalmente devido a acontecimentos como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em 1972 ou a Cimeira de Joanesburgo em 2004, mas podemos dizer que foi após a Segunda Guerra Mundial que surgiram uma enorme quantidade de movimentos ambientalistas. Este tipo de movimentos fizeram disparar as discussões sobre a importância do meio ambiente, e originaram o aparecimento de várias correntes filosóficas, por vezes com pontos de vista distintos. Destas correntes, podemos facilmente distinguir os defensores de uma ética ambiental antropocêntrica e não antropocêntrica, apesar de ambas convergirem para as mesmas práticas e políticas, os seus princípios são muito distintos. Os princípios da ética antropocêntrica têm como finalidade ética do agir o Ser Humano e o Universo, excluindo as relações humanas, enquanto a ética não antropocêntrica indica o alargamento da comunidade moral a outros seres que não apenas o Ser Humano.

Podemos dizer que estes pontos de vista diferentes destas teorias originam três correntes principais: antropocentrismo radical, ecologia profunda e antropocentrismo moderado. A ecologia profunda assume um lado mais radical e extremista, e surge como defensora da igualdade entre as espécies, desvalorizando o papel do ser humano e do progresso, em relação à natureza. O antropocentrismo radical tem uma posição extrema, favorecendo a exploração exaustiva dos recursos naturais, assim como coloca o Ser Humano como referência central. Em relação ao antropocentrismo moderno, ele apresenta-se como uma ideologia intermédia, sugerindo a modificação de valores antropocêntricos e procura incluir o ambiente natural no desenvolvimento do ser humano e de toda a sociedade.

O antropocentrismo moderno parece ser assim a teoria mais equilibrada, uma vez que tenta criar uma nova visão ética dos problemas ambientais e do modo como o Homem deve reagir para tentar ultrapassar e resolver esses problemas. Esta teoria defende que a tecnologia é indispensável para o progresso científico e económico, assim como pode ser utilizado com o intuito de detetar e gerir os riscos ambientais que ameaçam a sobrevivência e o bem-estar do Ser Humano. Contudo, este é um risco que se pode correr caso as tecnologias não sejam utilizadas de forma direcionada e objetiva, pois só assim é possível diminuir a interferência com o mundo não humano e diminuir desta forma a destruição e poluição dos recursos naturais (20).

A perspetiva do antropocentrismo moderno inclui também fatores biocêntricos, contudo, nunca deixando de considerar o antropocentrismo, uma vez que tudo tem início na ação do Homem, sendo este o único com capacidade de escolher entre o bem e o mal ou o certo e o errado. O Ser Humano necessita de alterar o modo de agir para com a natureza, considerando-se parte integrante desta, em vez de pensar ser o seu dono; tem de refletir e redesenhar a relação que tem consigo mesmo, aceitando-se como é, com as suas virtudes e os seus defeitos; no fundo deve de aceitar a condição de ser natural, uma vez que tal como a natureza, ele faz parte do mesmo mundo.

O homem nunca deverá de ser utilizado simplesmente como um meio, mas permanecer fim em si mesmo; este é um princípio ético fundamental que terá de ser respeitado caso se pretenda um futuro mais sorridente para a humanidade (21).

O filósofo alemão Hans Jonas publicou, em 1979, a obra intitulada “*O Princípio Responsabilidade. Ensaio para uma ética para a civilização tecnológica*”; a ideia central é a de que uma ética para as civilizações tecnológicas deveria basear-se no dever e na responsabilidade do ser humano em relação à natureza e ao futuro das próximas gerações humanas sobre a Terra. Este princípio tem como objetivo principal a harmonia entre as obrigações e os direitos dos homens perante e no meio da natureza. Porém, o princípio da responsabilidade não está cingido às responsabilidades que o homem tem para com as gerações futuras, mas também os deveres que tem para com a natureza.

Inevitavelmente todos nós temos uma responsabilidade para com as gerações futuras, nunca devendo colocar em risco a vida da humanidade. A existência do Ser Humano na Terra corresponde a um valor e a sua preservação das condições do planeta Terra como um dever que todos nós temos de obedecer. Deste modo, não temos o direito de escolher de comprometer as gerações futuras em prol da geração atual. Hans Jonas reforça este ideal através das suas palavras: “*age de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana sobre a Terra*” e “*de modo a que os efeitos do teu comportamento não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida*” (22).

A nossa condição de existência atual deve-se, acima de tudo, ao facto de nos termos tornado “donos e senhores da natureza”. A manutenção da natureza é condição de sobrevivência do ser humano, logo ao preservar a natureza estamos a preservar a vida.

A busca da sustentabilidade ambiental precisa de ser atingida, mas para tal, é essencial incluir a solidariedade social, a cooperação com os países mais desfavorecidos e a responsabilidade ecológica, com o objetivo de não comprometer todos os outros seres vivos. É essencial modificar os padrões de ação atuais para que a equidade, a justiça e o direito sejam atingidos (15). Tal modificação faz com que apareça um novo paradigma onde se incluam os valores de uma cidadania renovada, capaz de formar homens e mulheres capazes de estarem à altura dos grandes desafios do presente e do futuro, sendo para tal necessária uma reordenação das prioridades regionais, nacionais e mundiais.

É urgente haver uma análise profunda sobre as políticas de crescimento económico, bem como as políticas ambientais, análise esta que deve ter em consideração as consequências dos atos, no que diz respeito à gestão dos recursos disponíveis, assim como em relação à melhoria da qualidade de vida (23).

O desenvolvimento de sociedades capazes de acompanhar o processo de crescimento devem ter como base a sustentabilidade humana. Para tal, é essencial o aparecimento de novos modelos sócio culturais, onde os valores e o respeito mútuo se sobreponham ao egoísmo característico do modo de ação do Ser Humano (23).

Não podemos considerar a preocupação com a crise ambiental como uma simples moda ou uma mera previsão do futuro. Temos de compreender que esta crise já é real em diversos locais do planeta.

Contudo, a busca por uma solução para tal problema é um processo complexo, visto que as necessidades coletivas e individuais são distintas. Tal dificuldades são por vezes causadas pelo simples facto do indivíduo não sentir a responsabilidade de preservar os recursos, nem ter noção das consequências que os seus atos podem causar. Mas, estas dificuldades, começam pouco a pouco a desaparecer, uma vez que o Homem, cada vez mais, tem demonstrado mais consciência que este problema ambiental afeta todos os seres humanos, independentemente da idade, género, raça ou estatuto social.

Conscientemente, o Ser Humano olha para a sua casa, o seu mundo, o planeta Terra, com outros olhos, tendo noção que faz parte deste e que depende dele, uma vez que as suas atitudes para com a natureza refletem o seu modo de vida.

A Ética Ambiental começa assim a ser vista como uma nova filosofia de vida do ser humano, assente em novos valores sociais humanos. Tendo como ponto-chave uma saudável relação entre o Homem e a Natureza, incluindo todas as raças humanas e todos os seres existentes, envolvendo também os elementos fundamentais à vida, como a água, o solo, o ar, para não falarmos do espaço e do silêncio. Tal consciencialização do Homem tem duas funções: é percebida como sendo utópica, e por outro lado como a “consciência ética (coletiva)”. Por tudo isto, devemos considerar o ambiente como uma responsabilidade social e como um fator fulcral para a sustentabilidade. O Homem, segundo Edgar Morin, deve colocar o individualismo de parte, e agir como um ser autónomo, auto-eco-organizador, onde a sua autonomia é inseparável da sua dependência (2).

O Ser Humano tem de reaprender a ver, a conceber, a pensar e a agir. O modo como o fazer não é totalmente claro, mas é algo que se vai aperfeiçoando, sem pressa, tendo sempre noção que o impossível se torna possível assim como o possível se torna impossível.

É certo que não temos a Terra Prometida, mas temos de sonhar, de desejar e de aspirar o seu alcance. Para tal, é imperativo começar já a dar respostas sem rodeios e sem manobras a questões essenciais como a falta de saneamento básico, água potável, pobreza, bem como a deficiente distribuição de recursos, sendo que todas elas são os parâmetros básicos para a nossa própria sobrevivência no planeta Terra.

A EDUCAÇÃO COMO CHAVE PARA UM FUTURO IDEAL

O Ser Humano tem noção que o progresso atual e a acumulação de prazeres ou bens materiais não é suficiente para tornar um coração feliz, mas não tem a capacidade de renunciar àquilo que o mercado lhe disponibiliza.

Em certos locais no nosso planeta, onde urge a necessidade de mudar hábitos de consumo, os mais jovens, é certo, que têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso em relação ao meio ambiente, contudo estes crescem num ambiente consumista o que dificulta a maturação de outros hábitos. Deste modo, temos nas nossas mãos um desafio educativo.

A educação ambiental, ano após ano, tem vindo a aumentar os seus objetivos. Inicialmente focada na informação científica e na prevenção dos riscos ambientais, mas na atualidade já inclui alguns “mitos” da modernidade baseados na razão

instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras), tentando também recuperar os vários níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus. A escola, a família, os meios de comunicação ou a catequese são alguns dos meios educativos. Uma boa educação escolar faz com que durante toda a vida o indivíduo recolha os seus efeitos positivos.

Contudo, é fundamental salientar o papel central da família, uma vez que “é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida” (25). A família é o lugar de formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal.

Na família, aprende-se a pedir licenças sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão dum sentimento de avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada de respeito pelo que nos rodeia, tal como a mãe natureza. Desta forma, não devemos descurar nunca a relação que existe entre uma educação apropriada e a preservação de um ambiente saudável. E se queremos obter mudanças profundas, é necessário ter presente que os modelos de pensamento irão influenciar os nossos comportamentos.

CONCLUSÃO

O modelo de desenvolvimento industrial juntamente com uma determinada autoconsciência do homem moderno são o principal motivo do aparecimento da crise ecológica.

Claramente, hoje em dia, o Homem e a sociedade consideram-se donos e senhores da natureza, o que faz com que sejam constantemente cometidos crimes graves contra esta, tornando dia após dia o nosso planeta mais pobre, não só para o Ser Humano, mas para todos os seres vivos.

Todos reconhecemos o impacto que a ciência e a sua evolução pode ter sobre a natureza, na diminuição dos índices de poluição, na preservação de espécies animais e vegetais, na homeostasia dos ecossistemas, contudo tal só pode acontecer se este progresso for utilizado para tal fim. O problema da ecologia atual é que o desenvolvimento está a concentrar a riqueza em poucas mãos, excluindo a grande maioria da população, o que origina enormes desigualdades sociais. Deste modo, estas desigualdades e a revolta dos mais fracos constitui um enorme desafio para a consciência Bioética e ecológica de que é preciso olhar o mundo de outra forma que possibilite novas interpretações da realidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OLIVEIRA, F. "Bíblia, Mito, Ciência e Literatura: abordagem interdisciplinar da História das Origens em Gênesis 1-11". Pelotas: EDUCAT, 1998;
2. MORIN, E. (1991) – «O Pensamento Ecologizado». In: *Os Problemas do Fim de Século*. 3ª ed. Editorial Notícias, pp. 177-191;
3. COSTA, C.A.S. "Teologia: serviço evangélico a ecologia" in: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 34, n. 144, p. 391-402, jun. 2004;
4. REICH, WT. *Encyclopedia of Bioethics*. 2ª ed. New York; 1995;1:XXI;
5. JAHR, F. *Bio=Ethik. Eine Umschau über die ethischen Beziehung des Menschen zu Tier und Pflanze*. Kosmos, Berlin, 1927;
6. LEOPOLD, A. *A Sand County Almanac, and Sketches Here and There*, New York. Oxford University Press, 1987;
7. POTTER, VR. *Bioethics: Bridge to the future*. Englewood Cliffs: Prentice- Hall, 1971;
8. ARCHER, L. *Da Genética à Bioética*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2006:371;
9. HOTTOIS, G. Bioética, in: Hottois, G.; Parizeau, M.-H., (Coords.). *Dicionário de Bioética*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998:64;
10. POTTER, VR. *Palestra apresentada em vídeo no IV Congresso Mundial de Bioética. Tóquio/Japão: 4 a 7 de Nov. de 1998*. Lisboa, O Mundo da Saúde, 1998; 22(6): 370-4;
11. GOLDIM, JR. "Bioética: Origens e Complexidade", HCPA, 2006, 26(2): 86-92;
12. TELES, NO. "Questões Éticas do Diagnóstico Genético Pré-Implantação", in: Nunes R, Melo H, Nunes C (coords.): *Genoma e Dignidade Humana*. Coimbra. Editora Gráfica, 2002;71-100:71;
13. PESSINI, L; BARCHIFONTAINE, C P. *Problemas actuais de Bioética*. Tradução brasileira, 6ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2002:67;
14. TELES, NO. "Bioética em Genética – historial, problemas e princípios éticos", in Nunes R, Melo H. (Coords.). *Genética e Reprodução Humana*. Coimbra: Editora Gráfica, 2000;49-80:49-50;
15. PINTO, JRC. *Bioética para Todos*. Braga: Editorial A. O., 2006:9-10;
16. PAPA BENTO XVI, "Discurso no Bundestag", Berlin (22 de Setembro de 2011): Vaticano, *Acta Apostolice Sedis*, Vaticano, 103 (2011), 668; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/IX/2011), 5;
17. PAPA FRANCISCO, "Catequese (15 de Abril de 2015)": *L'Osservatore Romano*, Vaticano, (ed. portuguesa de 16/IV/2015), 20;
18. CASTRO, P.; MALCATA, F. (2001) - «Ecoética ou Responsabilidade Humana para com o Ambiente». In: *Novos Desafios à Bioética*, coord. Luís Archer, Jorge Biscaia, Walter Osswald, Michel Renaud. Porto: Porto Editora, pp. 277 – 300;
19. BOURG, D. (1996) – «Economia, Ecologia e Humanismo». In: *A Sociedade em Busca de Valores*, coord. Edgar Morin / Ilya Prigogine. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 37-52;
20. ARCHER, L. 1981 – «Temas Biológicos e Problemas Humanos». In: *Brotéria*. Lisboa;
21. FERNANDES, J. (2002) – *A Política e o Ambiente. A dimensão do indivíduo*. Lisboa: Instituto Piaget;
22. ARCHER, L. (1996) – «Bioética: Avassaladora, porquê?». In: *Brotéria*. Lisboa, 142, pp. 449-472;
23. GOLDSMITH, E. (1995) – *O Desafio Ecológico*. Lisboa: Instituto Piaget;
24. KÜNG, H. (1990) – *Projecto para uma ética mundial*. Lisboa: Instituto Piaget;
25. JONAS, H. (1984) – *The Imperative of Responsibility, In Search of an Ethics for the Technological Age*. Chicago: The University of Chicago Press;
26. ARVANITIS, A. (2004) (Apres.) – "The ethics of green diplomacy and water sharing". *Proceedings of III World Conference on Bioethics*. 27 September at 1 October 2004, Cuenca;
27. JOÃO PAULO II, SÃO - *Centesimus annus* (1 de Maio de 1991), nº 39: in: *Acta Apostolice Sedis*, Vaticano, 83 (1991), 842.



Paweł Czarnecki

Faculty of Aeronautics,
Technical University of Košice
Košice, (Slovakia)

Sociálna pedagogika a sociálna politika a systém sociálnej starostlivosti a pomoci / *Social pedagogy and social policy and a system of social care and assistance.*

Summary

This article discusses the relationship between social pedagogy, social policy and the system of social care and assistance. The concept of “social care and assistance” can be understood very broadly. This is not just about direct help and care in the form of social work, social care homes, etc., but about all forms of support provided by the state, starting with different types of activation in the problem of poverty and marginalization, through addressing the problems associated with addictions, organizing help for sick or elderly people. It would not be right to restrict this system to social assistance alone. The so-called social care system is an area of practical activity that is geared towards inducing certain social changes.

Key words: social pedagogy, social policy, social care.

Tento článok hovorí o vzťahoch medzi sociálnou pedagogikou, sociálnou politikou a systémom sociálnej starostlivosti a pomoci. Pojem „systém sociálnej starostlivosti a pomoci“ môžeme chápať veľmi široko. Ide tu nie len o priamu pomoc a starostlivosť vo forme sociálnej práce, domovov sociálnej starostlivosti a pod., ale o všetky formy podpory poskytované štátom, počnúc rôznymi druhmi aktivizácie v prostredí s problémom chudoby a marginalizácie, cez riešenie problémov spojených so závislosťami, až po organizovanie pomoci pre chorých alebo starých ľudí. Nebolo by teda správne obmedziť tento systém len na sociálnu pomoc.¹ Takto

¹ Pod systémom sociálnej starostlivosti je potrebné chápať medzi iným materiálnu podporu pre istú kategóriu osôb, pomoc pri hľadaní zamestnania, prístup k zdravotnej starostlivosti, podporu osamelých rodičov vychovávajúcich deti a pod. Táto pomoc sa týka predovšetkým sociálne rizikových skupín (marginalizovaných osôb, dlhodobo nezamestnaných, chorých, chudobných, starých, závislých a pod.). (Porov. *Polityka społeczna – polityka socjalna (w poszukiwaniu definicji, związków, zależności)*, „Zeszyty Naukowe Wyższej

chápaný systém sociálnej starostlivosti je oblasťou praktickej činnosti, ktorá smeruje k vyvolaniu určitých sociálnych zmien.

Pod pojmom „sociálna politika“ tu budeme chápať určitú skupinu cieľov a metód, ktorá je vypracovaná a zavádzaná do praxe na štátnej úrovni, a ktorá okrem zdravotnej starostlivosti a pomoci zahŕňa aj rad iných činností smerujúcich k uspokojeniu potrieb spoločnosti, napr. osvetový systém, zdravotnú službu, ochranu životného prostredia a pod. Je však potrebné zdôrazniť, že o sociálnej politike sa v literatúre predmetu občas hovorí v oveľa užšom význame a vtedy sa tento pojem vzťahuje iba na politiku, ktorej cieľom je zabezpečenie sociálnej bezpečnosti, pričom keď sa hovorí o ostatných oblastiach, používajú sa pojmy, ako sú „edukačná politika“, „migračná politika“, „pracovná politika“, „rodinná politika“ a pod. V širokom význame tohto slova však sociálna politika zahŕňa *de facto* väčšiu časť činností štátu voči spoločnosti a väčšiu časť prostriedkov pochádzajúcich z rôznych druhov sociálnych dávok.²

Sociálna pedagogika môže byť zdrojom cieľov pre systém starostlivosti a pomoci, ale môže tiež realizovať ciele, ktoré sú samostatne definované týmto systémom, teda môže odpovedať na určité potreby. Zároveň môže byť zdrojom určitých inštitucionálnych riešení alebo sa tiež môže pod vplyvom týchto riešení rozvíjať.³ Na rozdiel od sociálnej práce sa však priamo nezapája do riešenia jednotlivých problémov a ak sa zapája do činnosti systému poskytovania sociálnej starostlivosti a pomoci, robí to predovšetkým na inštitucionálnej a procedurálnej úrovni. Sociálna práca, samozrejme, využíva prínosy sociálnej pedagogiky, pričom pedagogika vytvára istý vplyv na spôsob, akým sa uskutočňujú zmeny v sociálnom fungovaní jednotlivcov. Nie je to však jej základná úloha.

Sociálna pedagogika každej krajiny je formovaná dvomi základnými skupinami činiteľov, ktoré značne ovplyvňujú jej konečné výsledky. Prvou z nich je stav spoločnosti, ako aj typ vzťahu medzi štátom a spoločnosťou (demografická situácia, úroveň bohatstva, pracovná kultúra, individualizmus *versus* kolektivismus atď.), druhou zas už jestvujúci systém sociálnej starostlivosti a pomoci, teda jeho veľkosť, stupeň byrokracie a hierarchie, schopnosť reagovať na sociálne zmeny, postoj riadiacich kádrov a zamestnancov k sociálnym problémom a pod.⁴ Obidve skupiny činiteľov majú dynamický charakter, čo na jednej strane nepochybne sťažuje hodnotenie účinnosti jednotlivých podporných programov a na strane druhej si vyžaduje neustále zmeny v rôznych segmentoch sociálnej politiky.

Pri projektovaní modelov sociálnej politiky je potrebné brať do úvahy nielen samotný fakt jestvovania istých objektívnych obmedzení, ale tiež aktuálnu situáciu, na ktorú má byť sociálna politika istým liekom. To zas spôsobuje, že bez vedenia neustálych výskumov a reflexií nad úlohami a stavom realizovania sociálnej

Szkoły Humanistyczno-ekonomicznej we Włocławku – Nauki Pedagogiczne” 1998, t. III, s. 35.

2 Pojmom sociálna politika sa opisuje aj náuka o sociálnej politike, teda teória sociálnej politiky. V Poľsku sa tejto otázke venuje mesačník „Polityka Społeczna”, vydávaný Ministerstvom práce a sociálnej politiky.

3 To isté sa dá povedať o teórii sociálnej práce. Porov. B. Szatur-Jarowska, *Praca socjalna*, in: *Leksykon polityki społecznej*, pod red. B. Rysz-Kowalczyk, Warszawa 2001, s. 154.

4 Každý byrokratický systém je možné odbyrokratizovať udelením značnej autonómie jednotlivým ohniskám systému a oslobodením riadiacich kádrov od povinnosti dohliadať na vykonávanie centrálné plánovaných úloh. V systéme sociálnej starostlivosti a pomoci by to znamenalo ponechanie veľkej slobody ohľadom rozsahu a formy pomoci riadiacim kádrov centier sociálnej starostlivosti. Samozrejme, to by zas spôsobilo rad nových problémov. Porov. D. Antonowicz, *Funkcjonowanie sektora publicznego. Perspektywa brytyjska*, Toruń 2004.

politiky nie je možné žiadne trvalé riešenie vážnych sociálnych problémov. Sociálna pedagogika má teda v prvom rade plniť výskumnú a kontrolnú funkciu. Jej úlohou je monitorovanie stupňa realizácie cieľov sociálnej politiky z hľadiska vnímania zmien vo fungovaní jednotlivých sociálnych prostredí, diagnostika objavujúcich sa problémov, formulovanie záverov a vypracovávanie spôsobov korigovania činností, ktoré sú neúčinné.

Podstatným prvkom sociálnej politiky štátu je teda kritická diskusia o stave realizácie cieľov tejto politiky, ako aj o činiteľoch, ktoré dosahovanie týchto cieľov sťažujú. Táto diskusia je podstatná okrem iného aj z toho dôvodu, že zavádzanie istej sociálnej politiky so sebou prináša isté dôsledky, ktoré táto politika nepredpokladala, vrátane dôsledkov, ktoré sú v rozpore s jej základnými predpokladmi. Príkladom je politika opatrovníckeho štátu, ktorá sa ukázala byť neefektívnou nie len preto, že pohlcovala príliš veľa prostriedkov a nemohli si ju dovoliť ani tie najbohatšie spoločnosti, ale aj vzhľadom na fakt, že sa pričínila o upevnenie negatívnych sociálnych javov, maskujúc len ich najzjavnejšie prejavy hlbokých sociálnych problémov.

Sociálna politika môže byť i jedným z nástrojov poznania sociálnej skutočnosti z hľadiska výchovných problémov spôsobených novými javmi, ktoré vystupujú v spoločnosti. Je to možné vďaka tomu, že každodenné praktické skúsenosti sociálnych pracovníkov, vychovávateľov, animátorov, organizátorov a manažérov, ktorí vykonávajú sociálnu politiku, sú neoceniteľným zdrojom empirických údajov, a tiež vzhľadom na fakt, že každá sociálna zmena, ktorá je výsledkom zavedenia predpokladov sociálnej politiky do praxe, so sebou prináša isté nepredpokladateľné dôsledky, ktoré sú zas predmetom poznania sociálnej pedagogiky. Inými slovami, sociálna politika je nástrojom sociálnych zmien, ktoré sa zas stávajú predmetom výskumov sociálnej pedagogiky. Nezávisle od toho, či výsledky takýchto výskumov budú následne využité v plánovaní podporných programov, alebo nie, rozširuje sa naše chápanie výchovného pôsobenia na jednotlivca.

Je dobré zdôrazniť, že konečné ciele sociálnej pedagogiky sú napokon identické s cieľmi sociálnej politiky. Cieľom oboch týchto oblastí je pôsobiť na spoločnosť a pozdvihovať kvalitu života jednotlivcov. Sociálna politika jestvuje len natoľko, nakoľko jestvujú inštitúcie, ktoré predpoklady tejto politiky uvádzajú do života. V praxi to znamená, že realizátormi sociálnej politiky sú zamestnanci týchto inštitúcií pracujúci na rôznych postoch, vrátane sociálnych pedagógov. Od ich aktivity (alebo jej nedostatku) závisí účinnosť sociálnej politiky. To, akým činnostiam sa venujú pracovníci systému sociálnej starostlivosti a pomoci, zas závisí od ich osobného postoja voči sociálnym problémom, s ktorými sa stretávajú, a od štátom navrhovaných spôsobov ich riešenia, ako aj od teoretickej prípravy, počas ktorej si osvojujú určitý systém presvedčení a hodnôt vzťahujúcich sa na vzťahy medzi jednotlivcom, spoločnosťou a štátom.

Ďalšou podstatnou funkciou sociálnej pedagogiky je teda priame pôsobenie na spôsob realizácie sociálnej politiky prostredníctvom prípravy kádrov tvoriacich systém starostlivosti a pomoci. Sociálna pedagogika má preto zohrať podstatnú úlohu ako svojský spojenec medzi sociálnou politikou štátu a systémom starostlivosti a pomoci, ktorý túto politiku realizuje v praxi, keďže jednou z jej úloh je príprava budúcich pracovníkov systému sociálnej starostlivosti a pomoci. Skutočne v Poľsku nejestvuje povolanie sociálneho pedagóga, čo však neznamená, že pre realizáciu cieľov sociálnej

politiky nepotrebujeme poznatky o výchovnom pôsobení prostredia na jednotlivca. Pochopenie týchto vplyvov je podmienkou ich vedomého riadenia, čo má v súčasnosti o to väčší význam, že hlavným cieľom sociálnej politiky je aktivizovanie jednotlivcov a učenie sociálnych kompetencií, dovoľujúcich samostatné fungovanie v prostredí a nielen výlučné poskytovanie materiálnej podpory umožňujúcej biologické prežitie. Vzdelávacia funkcia sa napokon spája s výskumnou funkciou, pretože nie je možné vypracovať zoznam kompetencií nevyhnutných pre vykonávanie úloh pracovníka systému sociálnej starostlivosti a pomoci, ak nepoznáme výzvy, pred ktorými tento systém v danej chvíli stojí.

Okrem diagnostiky aktuálneho stavu systému starostlivosti a pomoci by jednou z priorít sociálnej pedagogiky malo byť smerovanie k pochopeniu dlhodobých dôsledkov pôsobenia systému sociálnej starostlivosti a pomoci na spoločnosť. Je totiž nepochybné, že sociálne problémy, ktoré mali byť definitívne vyriešené vďaka zapojeniu mnohých podporných problémov, nielenže neboli vyriešené, ale v tých najrozvinutejších a najbohatších krajinách sa dokonca nastalo začlenenie do života spoločnosti. Donedávna totiž jestvoval neefektívny systém poskytovania sociálnej starostlivosti a pomoci, realizujúci sociálnu politiku smerujúcu k uspokojeniu materiálnych aj nemateriálnych potrieb jednotlivcov, ktorí si tieto potreby z rôznych príčin nedokázali uspokojiť samostatne, pričom zas narastali problémy, ktoré tieto systém nebol schopný vyriešiť. Narastajúce náklady tohto systému spolu so zhoršujúcou sa ekonomickou situáciou mnohých krajín spôsobili, že bolo nevyhnutné vypracovať nové modely sociálnej politiky, prispôbené ekonomickým možnostiam jednotlivých krajín a zároveň prinášajúce nádej, že sociálne problémy generované predchádzajúcim modelom (najmä vrátane závislosti celých sociálnych skupín od štátnej pomoci) sa konečne podarí vyriešiť.⁵

Hlavnou úlohou tohto systému bola doteraz podpora jednotlivcov a skupín v zabezpečovaní základných životných potrieb. Rozsah tejto pomoci závisel na jednej strane od toho, aké štandardy, týkajúce sa povinností štátu voči spoločnosti, boli prijaté v jednotlivých krajinách, a na strane druhej od stupňa ekonomického rozvoja. Na jednom konci sa teda nachádzali napr. škandinávské krajiny, v ktorých sa predpokladalo, že každému jednotlivcovi prislúcha právo nielen na zabezpečenie základných biologických potrieb, ale aj na život v blahobyte, pričom vysoká úroveň zámožnosti škandinávskych spoločností umožňovala realizovanie týchto predpokladov, na strane druhej zas napr. Spojené štáty, v ktorých systém sociálnej starostlivosti a pomoci ponúkal osobám, ktoré ho využívali, oveľa menej. Nezávisle od rozsahu pomoci bolo základným cieľom sociálnej politiky realizovanej týmto systémom poskytovanie pomoci (materiálnej, psychologickej, organizačnej, právnej a pod.)⁶.

Neefektívnosť systému, ktorého hlavným cieľom bolo rozdávanie prostriedkov, začala byť vnímaná už koncom sedemdesiatych rokov.⁷ Hlavnou chybou tohto

5 K téme zákonodarstva, ktoré reguluje fungovanie systémov sociálnej pomoci a starostlivosti v jednotlivých krajinách, porov. S. Nitecki, *System prawny pomocy społecznej w wybranych państwach ze szczególnym uwzględnieniem państw Unii Europejskiej*, in: *Praca socjalna wobec współczesnych problemów...*, s. 105nn.

6 K téme rôznych foriem pomoci porov. napr. M. Adamiec, *Pomaganie: problemy i uwagi. Psychologia pomocy*, in: *Psychologia pomocy. Wybrane zagadnienia*, pod red. K. Popiołka, Katowice 1996.

7 Opatrovnícky štát sa stal predmetom všeobecnej kritiky v súvislosti s naftovou krízou v polovici sedemdesiatych rokov. Vtedy sa kritizovali jeho nadmerné náklady, ako aj neefektívnosť. Porov. J. Wiśniewski, *W poszukiwaniu państwa opiekuńczego – efektywnego. Od tradycyjnego welfare state do The Third Way*, „Studia Socjologiczne” 2002, č. 2.

systemu bola závislosť osôb využívajúcich štátnu podporu, a tým tiež upevňovanie postoja pasivity a bezmocnosti. Preto bolo nevyhnutné vypracovať a zaviesť systém, ktorý by na jednej strane umožnil zmiernenie vážnych sociálnych problémov a efektívne pomáhanie osobám nachádzajúcim sa v ťažkej situácii, a na strane druhej by nevyvolával negatívne dôsledky podobného druhu.

V súvislosti so zmenou sociálnej politiky, ku ktorej za posledné roky došlo v rozvinutých krajinách, si ciele a úlohy systému sociálnej starostlivosti a pomoci v spoločnosti vyžadujú nový prístup. Jednou z výziev, pred ktorými sa ocitla sociálna pedagogika v rozvinutých krajinách, vrátane Poľska, je zmena doterajšej sociálnej politiky a nahradenie modelu založeného na rozdeľovaní bohatstva za model aktívnej sociálnej politiky. Tento model bol v deväťdesiatych rokoch zavedený v Spojených štátoch, následne v Západnej Európe a po roku 2000 sa čiastočne zavádza aj v Poľsku.

Zdá sa, že pojem „aktívna sociálna pedagogika“ nevystihuje úplnú podstatu veci, pretože sugeruje, že predchádzajúci model sociálnej politiky predpokladal pasivitu štátu voči určitým problémom. V modeli aktívnej sociálnej politiky však vôbec nejde o aktivitu inštitúcie sociálnej pomoci a starostlivosti, ale o aktivitu jednotlivcov a skupín, ktorým je poskytovaná štátna podpora. Adekvátnejším by tu teda bol pojem „aktivizačná politika“. Základným predpokladom tejto politiky je myšlienka, podľa ktorej má každý občan právo na aktívnu účasť na živote spoločnosti, a povinnosťou štátu je umožniť túto účasť všetkým svojim obyvateľom. Štát sa teda nesnaží zabezpečiť všeobecné sociálne zabezpečenie, ale ponúka isté nástroje, vďaka ktorým je každý občan schopný sám sa postarať o svoje vlastné zabezpečenie. V tomto modeli si smerovanie k aktivizovaniu jednotlivca a preneseniu zodpovednosti za vlastnú situáciu na neho získava primát nad zabezpečením základných životných potrieb tomu istému jednotlivcovi.

V modeli aktívnej sociálnej politiky je centrálnym pojmom, samozrejme, pojem aktivizovania jednotlivca. Čo treba pod touto aktivizáciou rozumieť? Aktivizovať je možné jednotlivca, ktorý sa stal z istých dôvodov pasívnym, čiže nevyužíva možnosti, ktoré má vo svojom dosahu, a vďaka ktorým by mohol prekonať svoje životné problémy a zvýšiť kvalitu svojho života. Aktivizovanie je už svojou povahou nasmerované na prekonávanie pasivity, teda na vyvolávanie určitej zmeny v postoji a v správaní jednotlivca. Aktivizácia je teda v podstate veci *stricte* výchovnou činnosťou, pretože v rámci štátneho systému sociálnej starostlivosti a pomoci zahŕňa tak jednotlivca, ako aj sociálne prostredie, a tým tiež tvorí doménu sociálnej pedagogiky.

Treba si však všimnúť, že pojem aktivizácia ako výchovná činnosť má isté obmedzenia. Aktivizácia je v programoch sociálnej politiky už vopred nasmerovaná na sociálne vylúčené a marginalizované osoby, pričom sa predpokladá, že k tomuto vylúčeniu a vyčleneniu došlo vinou jednotlivca alebo sa jeho vinou stalo dlhodobým stavom. Takýto prístup je vo vzťahu k časti marginalizovaných osôb zaiste správny, o to viac, že z výskumov vyplýva, že čím dlhšie sa udržiava stav sociálnej marginalizácie jednotlivca, o to ťažšie je tento jednotlivec schopný tento stav prekonať, pričom však jestvuje istá skupina osôb, ktoré sa z vlastnej iniciatívy usilujú využiť všetky dostupné možnosti smerujúce k náprave svojej situácie, no napriek tomu nie sú schopní dostať sa z chudoby a vyčlenenia. Pokusy „aktivizovania“ týchto osôb sú rovnako márne, ako aj mrhanie zdrojmi, ktoré by mohli byť využité oveľa efektívnejšie.

Ako postrehol M. Rymcza, model aktívnej sociálnej politiky bol zavedený hlavne vzhľadom na nižšie náklady v porovnaní s predchádzajúcim modelom.⁸ To znamená, že sociálna pedagogika a sociálna práca⁹ sa v istom zmysle ocitli zoči-voči hotovým faktom, keďže hlavnú úlohu v zmene modelu sociálnej politiky zohrávajú finančné dôvody a nie teoretické predpoklady, ktoré by svedčili o prevahe nového modelu nad predchádzajúcim, takže týmto oblastiam ostáva jedine úloha vykonávateľa sociálnej politiky. Treba však pamätať na to, že dôsledky zavádzania tohto modelu bude možné zhodnotiť až v dlhodobej časovej perspektíve, takže sa môže ukázať, že tento model neprináša požadované výsledky nielen kvôli jeho neefektívnosti, ale z dôvodu značne menších finančných prostriedkov, vyhradených na jeho zavedenie do praxe, v porovnaní s predchádzajúcim modelom.

To však neznamená, že sociálna pedagogika by nemala zohrávať žiadnu úlohu v aktívnom formovaní aktívnej sociálnej politiky. Sociálna pedagogika je jednou z oblastí, ktoré sú zvlášť oprávnené hodnotiť efektívnosť aktívnej sociálnej politiky, pretože dlhodobým cieľom tejto politiky nie je potlačanie negatívnych dôsledkov sociálnych problémov, ale dosah na príčiny týchto problémov a uskutočnenie trvalej zmeny na úrovni tých istých príčin.

Keďže cieľom aktívnej sociálnej politiky je aktivizácia, zmena vzťahu k vlastnej situácii a vybavenosť zodpovedajúcimi kompetenciami, čiže istý druh „výchovy“ jednotlivcov, správne zhodnotenie efektivity činností tohto druhu v rozsahu celej spoločnosti môžu uskutočniť len tie vedné oblasti, ktorých predmetom je výchova. Okrem toho sa zdá, že je nemožné aktivizovať jednotlivcov, ktorí patria do sociálneho prostredia závislého od štátnej podpory, kde sa naučená neschopnosť stala svojskou sociálnou „hodnotou“, ktorá sa odzrkadľuje na spôsobe fungovania jednotlivcov a na tom, ako títo jednotlivci vnímajú svoju sociálnu realitu. Bez zmeny vplyvu prostredia sa aktivizovanie jednotlivcov v rámci aktivizačných programov ponúkaných úradmi práce zdá byť vopred odsúdené na neúspech. Účasť na týchto programoch je vždy časovo obmedzená, kým príslušnosť k istému prostrediu, v ktorom sú zaužívané nesprávne vzorce, je čímsi trvalým.

V súvislosti s tým je možné formulovať požiadavku zapojenia rôznych sociálnych skupín (nezamestnaných osôb, postihnutých, seniorov, závislých a pod.), ako aj sociálnych pedagógov do procesu aktivizácie. Sociálna pedagogika ponúka sociálnej práci trochu odlišnú perspektívu než príbuzné disciplíny,¹⁰ pričom keď zohľadníme špecifikum aktívnej sociálnej politiky a jej cieľov, perspektíva, ktorú ponúka pedagogika, sa zdá byť zvlášť vhodná. Pri tejto príležitosti je vhodné zdôrazniť, že sociálna práca, aspoň v istých rozmeroch, je tiež do istého stupňa výchovným pôsobením, smerujúcim k vyvolaniu zmeny vo fungovaní jednotlivca v sociálnom prostredí a v pretvorení tohto prostredia. Podľa definície sformulovanej International Federation of Social Workers „je sociálna práca profesiou, ktorá podporuje spoločenskú zmenu, riešenie problémov vystupujúcich v medziľudských vzťahoch, ako aj posilňovanie (empowerment) a uvoľňovanie ľudí k vylepšeniu ich životnej situácie. S použitím teórie ľudského správania a sociálnych systémov, sociálna práca pôsobí na miestach, kde ľudia vstupujú do interakcie so svojím prostredím“.

8 Porov. M. Rymcza, *Praca socjalna i pracownicy socjalni w modelu aktywnej polityki społecznej*, in: *Socjologia i polityka społeczna a aktualne problemy pracy socjalnej...*, s. 120.

9 K téme vzťahu medzi sociálnou prácou a sociálnou politikou porov. napr. *Praca socjalna i polityka społeczna. Obszary współdziałania wobec wykluczenia społecznego*, pod red. K. Marzec-Holi, M. Joachimowskiej, Bydgoszcz 2008.

10 Porov. E. Marynowicz-Hetka, *Pedagogika społeczna...*, s. 357.

Jedným z nedostatkov poľského systému sociálnej starostlivosti a pomoci je fakt, že úloha sociálnych pracovníkov je v ňom často obmedzená na diagnostické funkcie, pričom samotné centrá poskytovania pomoci sa zaoberajú rozdeľovaním materiálnej pomoci medzi osobami, ktoré sú na základe formálnych kritérií uznané za oprávnené pre získanie tejto pomoci. Aby toho zlého nebolo málo, ďalšou prekážkou zavádzania jednoliateho modelu sociálnej politiky je dvojaké financovanie systému pomoci a starostlivosti: z prostriedkov pochádzajúcich zo štátneho rozpočtu a z prostriedkov pochádzajúcich z rozpočtu Európskej únie. To spôsobilo nevyhnutnosť prijatia dvojakého druhu právnych predpisov: riadiacich správu prostriedkov z EÚ a regulujúcich správu prostriedkov z verejných zdrojov. Tento fakt spôsobil, že systém sociálnej starostlivosti a pomoci v Poľsku sa v súčasnosti skladá z dvoch nezávisle fungujúcich, či priam konkurenčných podsystemov: úradov práce, ktorých úlohou je aktivizovanie nezamestnaných osôb, a z centier sociálnej pomoci, ktoré poskytujú priamu materiálnu aj nemateriálnu pomoc.¹¹

Táto situácia sa napriek zdaniu stáva činiteľom, ktorý sťažuje vedenie aktívnej sociálnej politiky, keďže v praxi je táto politika obmedzená na skupinu nezamestnaných osôb. Aktivizácia je nepochybne odporúčaná v prípade dlhodobo nezamestnaných osôb či osôb pochádzajúcich z určitého prostredia, avšak príčinou nezamestnanosti ako sociálneho javu nie je pasivita nezamestnaných, ale fakt, že hospodárstvo nevytvára dostatočné množstvo pracovných miest. To zas spôsobuje, že finančné prostriedky, ktoré by mohli byť určené na prácu so sociálne marginalizovanými osobami z dôvodu vlastnej neschopnosti a nedostatku dostatočných sociálnych kompetencií, sú použité na činnosti, ktoré vzhľadom na celkovú hospodársku situáciu nemôžu v sociálnom rozsahu priniesť požadované výsledky.

Aj keď sa zatiaľ zdá, že perspektíva sociálnej pedagogiky vytvára v sociálnej práci a vo fungovaní systému sociálnej starostlivosti a pomoci možnosti efektívnej realizácie cieľov aktívnej sociálnej politiky, aktuálne fungujúci systém, spôsob jeho financovania a jeho právne riešenia podstatne sťažujú, ba priam znemožňujú zavedenie tejto perspektívy ako jedného zo základných ukazovateľov systému. Tieto tendencie, smerujúce k istej neefektívnosti systému a udržiavaniu zaužívaného spôsobu konania, sa napriek zmenám priorít sociálnej politiky nevyskytujú len v Poľsku. V krajinách, v ktorých jestvuje tendencia silného štátneho riadenia, je možné postrehnúť tendencie udržať istú závislosť od štátnej podpory aj vtedy, keď cieľom podpory je – naopak – ukončenie tejto závislosti. Ako príklad tu môže poslúžiť Francúzsko, v ktorom štátom zriadené a financované centrá sociálnej práce chcú takto aktivizovať nezamestnaných a konať proti závislosti celých sociálnych skupín od podpôr. V dôsledku toho sa vytvorila nová forma závislosti od štátnej podpory, v tomto prípade od zamestnania v centrách sociálnej práce.¹² Vplyv na spôsob realizovania modelu aktívnej sociálnej politiky mal v tomto prípade aj druh vzťahu medzi vládou a spoločnosťou a súhlas so širokým rozsahom sociálneho pôsobenia tak zo strany spoločnosti, ako aj zo strany zamestnancov a riadiacich kádrov systému sociálnej starostlivosti.

11 Porov. M. Rymśa, *Praca socjalna...*, s. 125.

12 J. Bourgeois, *Przeciwdziałanie ekskluzji – powrót do zatrudnienia przez aktywność ekonomiczną. Sukcesy, granice i perspektywy w świetle 20 lat francuskich doświadczeń*, in: *Przeciw wykluczeniu społecznemu* (materiały konferencyjne), Fundacja „Pro Caritate”, Warszawa 2003.

Časť autorov upozorňuje na to, že systém sociálnej starostlivosti a pomoci ako nástroj realizácie sociálnej politiky je neefektívny nielen vzhľadom na nesprávne predpoklady sociálnej politiky, ale aj z dôvodu podstaty problémov, ktoré sa tento systém snaží riešiť, ako aj vzhľadom na isté imanentné vlastnosti tohto systému, bez ktorých by nebol schopný fungovať, a ktoré v súvislosti s tým nie je možné z tohto systému vylúčiť. V tom druhom prípade ide o veľkosť a zložitosť, teda jednoducho o fakt, že je to scentralizovaný systém riadený štátom, o rozširovanie administrácie, nasmerované na riešenie sociálnych problémov v masovom rozsahu. V dobe napredujúcej globalizácie a technického pokroku a následne neustáleho úpadku zamestnanosti nie je žiaden jednoliaty systém podpory riadený štátom schopný naplniť všetky sociálne očakávania a potreby.

Z dôvodu spomínaných nedostatkov centralizovaných systémov sociálnej starostlivosti a pomoci sa hľadajú nové metódy riešenia sociálnych problémov. Jednou z takýchto metód má byť spolupráca centier pomoci a starostlivosti s mimovládnyimi organizáciami. Aby teda bolo možné prekonať ťažkosti generované samotným systémom, navrhuje sa presunutie časti úloh realizovaných samosprávnou politikou na mimovládne organizácie.¹³ Nejde tu tak o zapojenie mimovládnych organizácií do systému pomoci a starostlivosti, ako o definovanie zásad spolupráce, ktoré by umožňovali zveriť mimovládnyim organizáciám úlohy, ktoré sú tieto schopné realizovať lepšie alebo s menšími vlastnými nákladmi v porovnaní so štátnym systémom, ako aj o identifikovanie oblastí, v rozsahu ktorých by bola podpora zo strany mimovládnych organizácií možná a dostatočná.

Názory na tému významu mimovládneho sektora pre sociálnu politiku sa líšia. Na jednej strane nechýbajú autori, ktorí si myslia, že mimovládne organizácie sú potrebným doplnením systému sociálnej starostlivosti a pomoci, iní autori však obracajú pozornosť na to, že tieto organizácie môžu byť len doplnením nápomocných činností realizovaných štátom a sú efektívnejšie len v tých oblastiach, v ktorých sa objavujú problémy týkajúce sa relatívne malého množstva osôb. V Poľsku je mimovládny sektor ešte stále oveľa slabší než v rozvinutejších krajinách a nejestvuje ani právna povinnosť spolupráce centier sociálnej pomoci s mimovládnyimi organizáciami. Zdá sa však, že význam tohto sektora bude narastať aj v Poľsku, čo sa bude spájať s aktuálne rýchlo narastajúcimi zmenami v sociálno-hospodárskom systéme. „Slabý mimovládny sektor – píše K. Piątek – znižuje šance na efektívne riešenie už jestvujúcich sociálnych problémov a tých, ktoré na nás čakajú v dobe informatickej revolúcie a globalizácie.“¹⁴

Napriek tomu, že mimovládny sektor je v Poľsku oveľa slabší než v krajinách tzv. starej EÚ, okrem štátnych inštitúcií poskytujúcich sociálnu starostlivosť a pomoc tu pôsobia tisícky mimovládnych organizácií typu *non-profit*, z ktorých každá realizuje vlastné ciele v tých istých sférach, v ktorých pôsobia aj štátne inštitúcie: vzdelávanie, zdravotná starostlivosť či sociálna pomoc. Tieto organizácie, ako hovorí K. Piątek, tvoria čoraz dôležitejší subjekt sociálnej politiky, s ktorým treba rátať, a plnia čoraz väčšiu úlohu, pokiaľ ide o uspokojovanie sociálnych potrieb.¹⁵ Preto

13 Ako postrehla M. Żaluska, sektor mimovládnych organizácií môže byť svojskou „spájajúcou niťou“, ktorá prepája systém pomoci a starostlivosti so spoločnosťou. Porov. M. Żaluska, *Organizacje pozarządowe w społeczeństwie obywatelskim*, Katowice 1998, s. 97.

14 K. Piątek, *Polityka społeczna – praca socjalna...*, s. 116.

15 K. Piątek, *Polityka społeczna – praca socjalna (skomplikowany charakter zależności)*, in: *Sociologia i polityka społeczna a aktualne problemy pracy socjalnej...*, s. 116.

by malo byť dôležitým koordinovanie činností štátnych inštitúcií a mimovládnych organizácií takým spôsobom, aby sa neprekrývali úlohy, ktoré vykonávajú, a tiež kvôli zabezpečeniu celistvosti sociálnej politiky vedenej štátom. Tento druhý cieľ je o to podstatnejší, že vládne organizácie využívajú finančnú podporu štátu (alebo európske granty), a tak sa vynára otázka racionálneho využívania finančných prostriedkov.¹⁶

Z hľadiska sociálnej pedagogiky je podstatné, že tieto organizácie môžu lubovoľným spôsobom definovať svoje vlastné ciele a metódy konania. Silnou stránkou mimovládnych organizácií je nepochybne individuálny prístup voči klientovi, ako aj ľahkosť prispôsobenia ponuky potrebám miestnej spoločnosti. Tieto organizácie okrem toho zvyčajne disponujú obmedzeným rozpočtom, vďaka čomu – na rozdiel od štátneho systému sociálnej starostlivosti a pomoci – neprejavujú tendencie nadmernej byrokracie. Keďže sú tvorené zdola ako reakcia na objavujúce sa problémy, môžu byť zdrojom poznania oných nových problémov. A keďže sa zas možnosti využívania teórie a metód formulovaných sociálnou pedagogikou v praxi zdajú byť v rámci štátnych inštitúcií z vyššie načrtnutých dôvodov obmedzené, mimovládne organizácie môžu tvoriť dokonalejší priestor pre akési experimentálne využívanie teoretických riešení v praxi. Tieto organizácie síce ostávajú nezávislé od sociálnej politiky štátu, avšak závery, ktoré sociálni pedagógovia formulujú vďaka spolupráci s týmito organizáciami, môžu byť úspešne využívané v širšom rozsahu na úrovni systému štátnych inštitúcií sociálnej starostlivosti a pomoci.

Netreba však zabúdať na to, že mimovládne organizácie nie sú schopné realizovať všetky úlohy sociálnej politiky a že okrem nich sa nevyhnutným zdá byť jestvovanie centrálného systému sociálnej starostlivosti a pomoci. O tom, že tieto organizácie nie sú schopné zobrať na seba ťarchu realizácie celku sociálnej politiky štátu v rozsahu poskytovania sociálnej starostlivosti a pomoci, hovoria tie isté činitele, vďaka ktorým tieto organizácie v istých oblastiach získavajú prevahu nad štátnym systémom.¹⁷ Množstvo cieľov, ktoré realizuje mimovládny sektor, spôsobuje, že môžu byť vo väčšom rozmere uspokojené špecifické potreby istých nevelkých sociálnych skupín, avšak problémy, ktoré majú masový charakter, môžu byť efektívne riešené len v rámci systému nasmerovaného na celú spoločnosť, a nie na jej špecifické, lokálne prvky. Jestvuje tiež celý rad problémov, ktorých riešenie so sebou prináša natolko vysoké náklady, že mimovládne organizácie by neboli schopné tieto náklady uniesť (napr. problémy spojené so zdravotnou starostlivosťou), ako aj problémy, ktoré si vyžadujú samostatné právne a inštitucionálne riešenia (napr. resocializácia odsúdených osôb).

Okrem toho fakt, že realizovanie úloh sociálnej politiky by v plnosti nebolo možné bez podpory mimovládneho sektora, nepochybne svedčí o istej nedostatočnosti systému štátnych podporných inštitúcií. Vo sfére predpokladov musí tento systém plniť všetky ciele, kvôli ktorým jestvuje, a ak nie je schopný niektoré ciele realizovať, mal by byť zreformovaný. Téma, že bez mimovládneho sektora by nebolo možné riešiť problémy, ktoré sú v rozsahu záujmu sociálnej politiky, je určite empiricky správna, hoci je potrebné uvedomiť si, že sa spája s negatívnou diagnózou možností štátnych

¹⁶ Porov. tamtiež, s. 117.

¹⁷ Základným problémom mimovládneho sektora v Poľsku sa zdá byť jeho slabá finančná kondícia. Príjmy väčšiny organizácií neprevyšujú niekoľko tisíc zlotých ročne, pričom pomoc zo štátneho rozpočtu a od samospráv využíva okolo 60% z nich. Porov. A. Niesporek, *Trzeci sektor w Polsce. Organizacje pozarządowe w sektorze socjalnym*, w: *Praca socjalna wobec współczesnych problemów społecznych*, pod red. S. Pawlas-Czyż, Toruń 2007, s. 96.

inštitúcií v rozsahu uspokojovania sociálnych potrieb, pre ktoré boli zriadené.

Je ťažké jednoznačne vyriešiť otázku, či v budúcnosti bude práve na týchto mimovládnych organizáciách spočívať hlavná ťarcha realizovať v praxi požiadavky formulované sociálnou pedagogikou na základe analýzy vplyvu sociálnej politiky na spoločnosť. Avšak nezávisle od toho, akú dôležitú úlohu budú plniť ako doplnenie štátneho systému poskytovania sociálnej starostlivosti a pomoci, rozsah ich pôsobenia a možnosť riešenia rozličných sociálnych problémov bude závisieť od stavu občianskej spoločnosti, ako aj od toho, čo sa v sociálnych vedách opisuje ako sociálny kapitál. Efektívnosť pôsobenia mimovládnych organizácií nepochybne závisí od jestvovania siete sociálnych kontaktov, od úrovne dôvery medzi jednotlivcami, občianskej angažovanosti a pod., čo, samozrejme, znamená, že jedným z cieľov sociálnej pedagogiky a sociálnej práce by malo byť smerovanie k posilneniu sociálneho kapitálu.

Pojem „sociálny kapitál“ je často rôzne interpretovaný, preto je potrebné upresniť jeho význam. Tento pojem vychádza z predpokladu, že jestvovanie vybudovaných sietí sociálnych vzťahov priaznivo ovplyvňuje kvalitu života komunity. Okrem fyzického kapitálu v podobe fyzického predmetu (alebo finančných prostriedkov), ako aj ľudského kapitálu v podobe súboru kompetencií, vzdelania, schopností, osobných vlastností a pod., jestvuje kapitál sociálnych kontaktov medzi jednotlivcami. Neopodstatneným je však názor, že v občianskej spoločnosti s vysokou úrovňou sociálneho kapitálu by boli sociálne problémy vyriešené vďaka zaangažovaniu lokálnych komunít a pomoci, ktorú by si členovia týchto komunít poskytovali navzájom. Je to tak preto, že každá komunita disponuje istým objektívne merateľným množstvom zdrojov, ktoré by mohli byť určené na pomoc jej najslabším členom. Jednotlivec, ktorý je členom sociálneho prostredia s vysokou mierou chudoby a sociálnej marginalizácie, teda vstupuje do sociálnych kontaktov hlavne s osobami, ktoré patria do toho istého prostredia. A tak aj vysoká úroveň sociálneho kapitálu nie je dostatočná pre dlhodobé a trvalé riešenie problémov v sociálnom fungovaní jednotlivcov patriacich do prostredia dotknutého chudobou a marginalizáciou.

Iným spôsobom pôsobenia proti nezamestnanosti v rozvinutých krajinách môže byť tzv. netrhové sociálne hospodárstvo. Hlavným cieľom sociálnych podnikov nie je zisk majiteľa kapitálu, ale uspokojovanie potrieb účastníkov hospodárstva, inak povedané, poskytovanie prostriedkov, ktoré dovoľujú uspokojiť základné životné potreby. Činnosť sociálnych podnikov je založená na osobnom poskytovaní práce jednotlivca v rámci podnikov, ktorým prislúchajú isté konkrétne právomoci zo strany štátu (napr. oslobodenie od daní či rôzne formy dofinancovania).¹⁸

Činnosť netrhových sociálnych podnikov je zaiste efektívnym prostriedkom aktivizovania jednotlivcov vylúčených z pracovného trhu a prinávratenia ich na tento trh, avšak je potrebné pamätať na to, že možnosti zamestnania v sociálnom rozmere nezávisia len od aktivity a kompetencií jednotlivcov, ale aj od vlastností pracovného trhu. Ak trh práce negeneruje dostatočné množstvo pracovných miest, vtedy žiadna forma aktivizovania marginalizovaných osôb nebude účinná v boji proti nezamestnanosti. Prívrženci sociálneho netrhového hospodárstva však poukazujú na to, že aj v podmienkach udržiavajúcej sa nezamestnanosti je jestvovanie sociálnych podnikov účelové, pretože dovoľujú nezamestnaným osobám zachovať si

¹⁸ Treba si všimnúť, že túto formu podpory je možné spojiť s činnosťou mimovládnych organizácií, umožňujúc im vytváranie sociálnych podnikov.

schopnosť práce, a tiež sa spájajú s menšími nákladmi než pomoc vo forme podpory či rekvalifikácie nezamestnaných osôb. Tieto podniky sú určené predovšetkým osobám dotknutým sociálnou marginalizáciou, pre ktoré je účasť na prechodnom trhu práce jedinou šancou, ako sa dostať z ťažkej situácie.

Činnosť sociálnych podnikov tvorí zaujímavý predmet výskumov sociálnej pedagogiky, pretože ich cieľom, prinajmenšom v poľskom právnom systéme¹⁹, je aktivizovanie sociálne marginalizovaných osôb. Je potrebné odpovedať medzi iným aj na otázky, aká je dlhodobá efektívnosť sociálnych podnikov v aktivizovaní marginalizovaných osôb, aký je stupeň závislosti marginalizovaných osôb od členstva v sociálnom podniku, spôsob ich pôsobenia na lokálne prostredie a pod. Ak by sa ukázalo, že pre väčšinu členov sú sociálne podniky cieľovým pracovným miestom a nie prostrednou etapou na ceste návratu na trh práce, poukazovalo by to na potrebu vypracovania nových metód aktivizovania skupiny členov sociálnych podnikov, ktorí majú šancu nájsť si zamestnanie pomimo sociálny sektor.

Podobne ako mimovládne organizácie, ani sociálne podniky nie sú ideálnym liekom na problém nezamestnanosti, chudoby a marginalizácie. Ako podniky podliehajúce trhovému zákonu nesú dôsledky vlastných finančných rozhodnutí, a tým sa tiež stávajú náchylnými na zmeny hospodárskej konjunktúry.²⁰ Sociálne podniky zriadené ako druh prechodného zamestnávania, vďaka ktorému by bolo možné prinavrátiť marginalizované osoby na trh práce, sa často stávajú trvalým pracovným miestom. To prináša ďalšie problémy, pretože množstvo sociálnych podnikov, ktoré môžu na trhu fungovať súčasne, je obmedzené a ak sa tieto podniky stanú miestom trvalého zamestnania pre svojich členov, prestávajú plniť funkciu aktivizovania a ich členovia ostávajú osobami marginalizovanými z normálneho fungovania v spoločnosti, akurát s tým rozdielom, že táto marginalizácia má v ich prípade inú formu než v prípade osôb poberajúcich podporu. Tiež je potrebné očakávať, že možnosť vytvárania sociálnych podnikov (nakoľko to, samozrejme, nebudú podniky dofinancované z verejných zdrojov) bude v budúcnosti čoraz ťažšie, čo vyplýva z faktu, že v súvislosti s rozvojom moderných technológií v rozvinutých krajinách sa už dlhé roky úspešne znižuje potreba nájomnej práce.²¹

Pojem netrhové sociálne hospodárstvo je potrebné odlišiť od pojmu trhové sociálne hospodárstvo. Ten druhý pojem označuje typ ekonomického systému so schopnosťou riešiť všetky sociálne problémy, o ktorých vznik sa pričíňuje. Pojem „trhové“ poukazuje na to, že máme do činenia s ekonomickým systémom založeným na voľnej

19 Podľa zákona o sociálnych podnikoch môžu byť ich členmi hlavne sociálne marginalizované osoby, pričom percento osôb, ktoré nie sú dotknuté problémom marginalizácie, nemôže prevyšovať 20%. Sociálne podniky sú okrem toho podnikateľskými subjektmi a podliehajú tým istým právnym predpisom ako všetky ostatné podnikateľské subjekty v Poľsku.

20 V *Streszczeniu sprawozdania sporządzonego dla Europejskiego Komitetu Ekonomiczno-Społecznego przez Międzynarodowe Centrum Badań i Informacji na temat Gospodarki Publicznej, Społecznej i Spółdzielczej (CIRIEC)* z r. 2012 sa tvrdí, že sociálne podniky by si v období hospodárskej krízy poradili lepšie než trhový sektor, okrem toho sú efektívnejšie v takých oblastiach, ako „využitie rozptýlených a nevyužívaných zdrojov v hospodárskej činnosti, nábádanie k využívaniu zdrojov na lokálnej úrovni, rozvoj kultúry podnikania, rušenie trhových obmedzení, zvyšovanie trhovej pružnosti, promovanie zavedenia výroby na mnohých miestach“ a pod. http://www.eesc.europa.eu/resources/docs/a_ces5925-2012_00_00_tra_etu_pl.pdf.

21 Tento proces sa začal už v 70. rokoch 20. stor. a trvá dodnes. Napr. v USA v rokoch 1979 – 1992 narástla produktivita vo výrobnom sektore o 35% a zamestnanosť v tom istom čase o 15%. Porov. J. Marykin, *Koniec pracy. Schyłek siły roboczej na świecie i początek ery postrynkowej*, Wrocław 2003, s. 23n.

konkurencii, čo zas nezadržateľne vedie k marginalizácii istého množstva účastníkov z trhovej hry, prinášajúc nevyhnutnosť zavedenia sociálneho zabezpečenia. Preto je elementom trhu štátne zákonodarstvo, ktoré žiada jestvovanie sociálnych riešení v podnikoch, partnerstvo medzi zamestnancami a zamestnávateľmi, redukciu nadmerných sociálnych nerovností a pod.

Trhové sociálne hospodárstvo funguje v mnohých rozvinutých krajinách starej Európskej únie. Žiaľ, v Poľsku sa jeho zásady nikdy nedostali do praxe, hoci na začiatku transformácie takáto šanca jestvovala²². Reformy, ktoré liberalizujú hospodárstvo, spolu s nedostatkom podstatného sociálneho zabezpečenia spôsobili, že veľké sociálne skupiny boli natrvalo vylčené z účasti na trhovej hre. Napokon, mnohé zo sociálnych patológií, ktoré by bolo možné relatívne ľahko vyriešiť, keby na začiatku obdobia transformácie bolo postarané o zavedenie zákonodarstva požadujúceho realizovanie zásad sociálnej zodpovednosti a ekonomickej spravodlivosti, sa stali trvalým elementom sociálneho života.

To znamená, že dnešný systém sociálnej starostlivosti a pomoci sa musí vysporiadať s dôsledkami chýb, ktoré sa udiali na začiatku deväťdesiatych rokov. Preto sa zdá byť nemožným i jednoduché prenesenie cieľov a metód sociálnej politiky do poľských podmienok z krajín, v ktorých už dávno funguje trhové sociálne hospodárstvo. Aktivizovanie nezamestnaných a marginalizovaných osôb môže priniesť očakávané výsledky len v systéme, ktorý sám zo seba negeneruje polarizovanie spoločnosti a nevedie k vzniku veľkých sociálnych skupín, ktoré sú čiastočne alebo úplne neschopné účasti na hospodárskom živote.

Vážnou chybou, ktorej sa dopustila časť predstaviteľov sociálnych vied v Poľsku, sa zdá byť nekritické prijímanie tézy, podľa ktorej proces globalizácie vedie k vzniku v podstate podobných sociálnych problémov v rôznych častiach sveta, v súvislosti s čím je vyriešenie týchto problémov tiež možné vďaka využitiu podobných metód. S touto tézou sa spája niekoľko iných presvedčení, napr. názor, že globalizácia je nezastaviteľným procesom a že nemáme žiaden vplyv na jeho priebeh; že okrem istých negatívnych dôsledkov prináša rad tých pozitívnych, ktoré napokon prevažujú nad tými negatívnymi, alebo tiež naopak, pozitívne dôsledky pociťuje len malá skupina politických a obchodných elít, kým náklady globalizácie znášajú široké sociálne vrstvy; že globalizácia vedie k oslabeniu národného štátu a k posilneniu nadnárodných organizácií ako rozhodujúcich činiteľov, vedie k zničeniu lokálnych odlišností a kultúrnych tradícií a pod.

Pojem globalizácia nepochybne tvorí činiteľ iniciujúci rôzne politické procesy, vrátane činnosti v rozsahu sociálnej politiky,²³ pričom však treba pamätať na to, že sa môže pričiňovať o zdržanie sa istých politických krokov. S týmto druhým javom máme do činenia okrem iného vtedy, keď štát neiniciuje dostatočnú činnosť sociálneho charakteru, odvolávajú sa na údajne objektívne a nezadržateľné procesy vystupujúce

22 V Poľsku je zásada trhového sociálneho hospodárstva, o ktoré sa má opierať sociálno-hospodársky systém krajiny, zahrnutá v ústave. Myšlienka sociálneho hospodárstva však nie je zatiaľ realizovaná v praxi. „Takmer nikto a nikdy – hovorí T. Kowalik – nehovorí o otázke protiučastnosti nášho reálne jestvujúceho sociálno-ekonomického zriadenia.“ Porov. T. Kowalik, *Spoleczne aspekty transformacji a rola państwa*, „Gospodarka Narodowa” 2001, č. 9.

23 Ako hovorí P. Starosta, globalizácia „nie je len základným teoretickým pojmom, ale aj ideologickým, ktorý prívržencov aj oponentov mobilizuje k určitým politickým krokom“. P. Starosta, *Globalizacja i nowy komunitaryzm*, „Kultura i Społeczeństwo” 2000, č. 3.

v hospodárstve, na ktoré štát nemá vplyv a ktoré sú istým svojským znamením doby. Je možné mať dojem, že v Poľsku máme často do činenia práve s argumentáciou tohto druhu.

Je potrebné upriamiť pozornosť na to, že globalizácia má z hľadiska sociálnej politiky aj pozitívny rozmer. Vďaka tomu, že v rôznych spoločnostiach vystupujú podobné procesy, je možná výmena skúseností, hypotéz a teórií. Proces onej výmeny je v súčasnosti oveľa intenzívnejší než v minulosti.²⁴ Na druhej strane, ako vyplýva z vyššie uvedených poznámok, v krajinách, ako je napr. Poľsko, je druh a rozsah problémov úplne iný než v krajinách Západnej Európy či USA, takže nekritické prenášanie modelov sociálnej politiky, overených v tamtých krajinách, na pôdu Poľska môže spôsobovať to, že namiesto riešenia už jestvujúcich problémov môže prinášať dodatočné ťažkosti.

Pri sledovaní literatúry z oblasti sociológie, teórie sociálnej práce, sociálnej pedagogiky či teórie sociálnej politiky je ľahké postrehnúť, že problém globalizácie a jej vplyvu na fungovanie systému sociálnej starostlivosti a pomoci v Poľsku sa v nej takmer nevyskytuje. Sú síce mnohé publikácie, ktoré sa venujú vzťahom medzi procesmi globalizácie a opatrovníckym štátom, týkajú sa však javov vystupujúcich v krajinách tzv. starej Európskej únie a v anglosaských štátoch. Tieto úvahy, hoci sú z teoretického hľadiska presné a užitočné, sa v poľskej realite dajú využiť len vo veľmi obmedzenom stupni, a to zo zrejmej príčiny – v tejto krajine nikdy nejstvoval opatrovnícky štát. Nepremyslený pokus zavedenia riešení vypracovaných v štátoch, v ktorých sa ekonomický systém už roky opiera o zásady trhového sociálneho hospodárstva, sa pričínil o vyššie spomínaný rozpad systému sociálnej starostlivosti a pomoci na dve navzájom nezávislé fungujúce oblasti, teda o vznik javu, ktorý sa nevyskytol v štátoch s trhovým sociálnym hospodárstvom.

Tak v Poľsku, ako aj v iných krajinách je jednou z hlavných úrovní sporu, ktorý súčasne prebieha v súvislosti so sociálnou politikou, otázka morálnej právomoci štátu zasahovať do ekonomického života spoločnosti, ako aj otázka redistribúcie sociálnych príjmov. Zdá sa, že v posledných rokoch víťazí koncepcia, podľa ktorej by mal štát zasahovať len natoľko, nakoľko je to nevyhnutné pre zachovanie sociálneho pokoja,²⁵ rezignujúc z myšlienky zavedenia všeobecného blahobytu. Z tohto faktu sa občas robia neoprávnené závery, že v súčasnosti sme svedkami bankrotu štátneho bohatstva ako takého a že pokusy rozširovania rozsahu poskytovania sociálnej pomoci v Poľsku sú v súvislosti s tým vopred odsúdené na porážku.

Tak či onak, sociálna pomoc v Poľsku je ešte vždy zameraná hlavne na rozdeľovanie finančných prostriedkov, čo spôsobuje, že sociálne problémy sú v istom rozsahu zmiernené, nie sú však riešené. Z dôvodu obmedzených zdrojov pôsobenie štátu nesiahá príliš hlboko do sociálneho života, hoci je rozsah tohto pôsobenia nepochybne vďaka novým právnym riešeniam čoraz väčší (napr. zákon o pôsobení proti násiliu v rodine, zákon o sociálnych podnikoch, zákon o pôsobení proti alkoholizmu a pod.).

Sociálna pedagogika dnes však aj v Poľsku stojí pred úlohou vypracovania nových metód riešenia sociálnych problémov. Musí však byť možné zaviesť tieto metódy do

24 Porov. J. Szmagliński, *Teoria pracy socjalna a ideologia i polityka społeczna – przykład amerykański*, Warszawa 1996, s. 122.

25 É. Mączyńska, P. Pysz, *Spółeczna gospodarka rynkowa. Idee i możliwości praktycznego wykorzystania w Polsce*, Warszawa 2003, s. 131.

praxe v podmienkach obmedzených materiálnych zdrojov, pričom by tieto metódy mali byť aj efektívnym nástrojom na podporu jednotlivcov aj skupín, ktoré sa ocitli v ťažkej situácii bez vlastnej viny. Nejde pritom o odmietnutie a nahradenie doterajších druhov poskytovania sociálnej pomoci a starostlivosti, ale naopak, o ich zdokonaľovanie na základe skúseností a záverov z chýb urobených v minulosti. V súvislosti so zmenou modelu sociálnej politiky a postupným zavádzaním modelu aktívnej politiky v Poľsku by sa mala zvyšovať úloha sociálnej pedagogiky tak v štátnom systéme sociálnej starostlivosti a pomoci, ako aj v mimovládnom sektore.

Už dnes môže sociálna pedagogika plniť funkciu svojského spojenca medzi mimovládnymi organizáciami a inštitúciami, ktoré realizujú sociálnu politiku štátu. Ide tu predovšetkým o vypracovanie spoločných pravidiel prístupu jednotlivých sociálnych skupín k rôznym formám inštitucionálnej pomoci, ako aj o definovanie kritérií dovoľujúcich odlišiť jednotlivé formy podpory v závislosti od individuálnych vlastností a potrieb odberateľov. Je však potrebné pamätať na to, že činnosť systému sociálnej starostlivosti a pomoci, problémy a výzvy, s ktorými sa tento systém trápí, ako aj sociálna politika, ktorú nasledujúce vlády vedú po roku 1989 a ktorá prináša argumenty v prospech tézy, že aj dnes sa sociálna pedagogika spolu s príbuznými vedami nachádza v úplne inej problémovej situácii v porovnaní so sociálnou pedagogikou v krajinách s dlhšou demokratickou tradíciou. Odlišný je tak druh problémov, s ktorými sa naša krajina zmáha,²⁶ ako aj samotný systém sociálnej starostlivosti a pomoci, ktorý tiež generuje isté špecifické problémy. V Poľsku na jednej strane vystupuje rad javov globálneho charakteru, na ktoré sa snaží odpovedať poľský systém sociálnej starostlivosti a pomoci, čoho príkladom sú pokusy vedenia aktívnej sociálnej politiky, na strane druhej sa však stále trápime s problémami, ktoré vznikli v ranom období transformácie zriadenia, a s nimi súvisiacimi hospodárskymi reformami „šokového charakteru“, ktoré boli zavedené v tom čase.

Sociálna pedagogika by mohla zohrať podstatnú úlohu v rámci aktívnej sociálnej politiky, avšak špecifikum poľského systému sociálnej starostlivosti a pomoci spôsobuje, že jej možnosti pôsobenia na život spoločnosti sú vo veľkej miere nevyužitú. Sociálna pedagogika má však nepochybne významnú úlohu ako disciplína, ktorá diagnostikuje efektívnosť zavádzania predpokladov sociálnej politiky, identifikuje nežiaduce javy na úrovni systému sociálnej starostlivosti a pomoci, ako aj na úrovni inštitúcií zriadených pre realizovanie cieľov tejto politiky.

Sociálna pedagogika nie je jediným teoretickým pozadím sociálnej politiky štátu, preto sa len ťažko dá hovoriť o závislosti sociálnej politiky od sociálnej pedagogiky. Ako som už spomenul, medzi sociálnou pedagogikou a sociálnou politikou, a systémom pomoci a starostlivosti, ktorý je vykonávateľom tejto politiky, jestvujú obojstranné závislosti. Sociálna pedagogika môže byť zdrojom teoretických a praktických inšpirácií pre sociálnu politiku, na druhej strane je zas systém podporných inštitúcií pre sociálnych pedagógov predmetom výskumov, ovplyvňujúc tak stav teoretickej diskusie.

26 Príkladom je problém migrácie obyvateľstva – v Poľsku je to problém nadmernej emigrácie, kým v bohatších krajinách problém nadmernej imigrácie. Porov. K Szymańska, *Migracje jako problem polityki społecznej (na przykładzie Polski)*, in: *Socjologia i polityka społeczna a aktualne problemy pracy socjalnej...*, s. 337n.

Sociálna politika spolu so systémom sociálnej starostlivosti a pomoci nie je, samozrejme, jedinou oblasťou praktických záujmov sociálnej pedagogiky, na druhej strane však treba pamätať na to, že možnosti realizácie teoretických modelov sociálnej pedagogiky sú závislé od aktívnej politiky štátu. Konečné riešenia ohľadom významu a miesta sociálnej pedagogiky v celku systému sociálnej starostlivosti a pomoci nezávisia od sociálnych pedagógov, ale od projektantov modelov sociálnej politiky. Ak bude sociálna pomoc v Poľsku vnímaná hlavne ako činiteľ, ktorý zmierňuje sociálne problémy, ktorých zdrojom nie sú len prebiehajúce objektívne ekonomické a sociálne procesy, ale skôr určité politické rozhodnutia,²⁷ a nie zas ako systém, cieľom ktorého je udržiavanie a podľa možností pozdvihovanie životnej úrovne v spoločnosti. Je však dobré pamätať na to, že – ako som už spomenul – vzhľadom na podstatné chyby súčasného systému sociálnej starostlivosti a pomoci sa možnosti využitia perspektívy sociálnej pedagogiky v praxi v rámci tohto systému zdajú byť veľmi obmedzené, avšak narastajúca úloha mimovládneho sektora spôsobuje, že sociálna pedagogika ešte vždy môže mať značný vplyv na proces riešenia sociálnych problémov a pozdvihovania kvality života jednotlivcov.

BIBLIOGRAFIA

1. Adamiec M., *Pomaganie: problemy i uwagi. Psychologia pomocy*, in: *Psychologia pomocy. Wybrane zagadnienia*, pod red. K. Popiołka, Katowice 1996.
2. Antonowicz D., *Funkcjonowanie sektora publicznego. Perspektywa brytyjska*, Toruń 2004.
3. Bourgeois J., *Przeciwdziałanie ekskluzji – powrót do zatrudnienia przez aktywność ekonomiczną. Sukcesy, granice i perspektywy w świetle 20 lat francuskich doświadczeń*, in: *Przeciw wykluczeniu społecznemu* (materiały pokonferencyjne), Fundacja „Pro Caritate”, Warszawa 2003.
4. Kowalik T., *Społeczne aspekty transformacji a rola państwa*, „Gospodarka Narodowa” 2001, č. 9.
5. Mączyńska E., P. Pysz, *Społeczna gospodarka rynkowa. Idee i możliwości praktycznego wykorzystania w Polsce*, Warszawa 2003.
6. Marykin J., *Koniec pracy. Schyłek siły roboczej na świecie i początek ery postrykowej*, Wrocław 2003.
7. Niesporek A., *Trzeci sektor w Polsce. Organizacje pozarządowe w sektorze socjalnym*, w: *Praca socjalna wobec współczesnych problemów społecznych*, pod red. S. Pawlas-Czyż, Toruń 2007.
8. *Polityka społeczna – polityka socjalna (w poszukiwaniu definicji, związków, zależności)*, „Zeszyty Naukowe Wyższej Szkoły Humanistyczno-ekonomicznej we Włocławku – Nauki Pedagogiczne” 1998, t. III.
9. *Praca socjalna i polityka społeczna. Obszary współdziałania wobec wykluczenia społecznego*, pod red. K. Marzec-Holi, M. Joachimowskiej, Bydgoszcz 2008.
10. Rymśa M., *Praca socjalna i pracownicy socjalni w modelu aktywnej polityki społecznej*, in: *Socjologia i polityka społeczna a aktualne problemy pracy socjalnej*.
11. Starosta P., *Globalizacja i nowy komunitaryzm*, „Kultura i Społeczeństwo” 2000, č. 3.
12. *Streszczeniu sprawozdania sporządzonego dla Europejskiego Komitetu Ekonomiczno-Społecznej przez Międzynarodowe Centrum Badań i Informacji na temat Gospodarki Publicznej, Społecznej i Spółdzielczej (CIRIEC) z r. 2012.*
13. Szatur-Jarowska B., *Praca socjalna*, in: *Leksykon polityki społecznej*, pod red. B. Rysz-Kowalczyk, Warszawa 2001.
14. Szatur-Jaworska B., *Znaczenie pracy socjalnej w polityce społecznej*, in: *Zagrożenia*

27 B. Szatur-Jaworska na začiatku deväťdesiatych rokov „Už vopred sa predpokladá – písala vtedy autorka – že - vôbec nie v dôsledku nepredvídateľných turbulencií, určite – vzniknú situácie, ktoré si budú vyžadovať intervenciu sociálnej pomoci”. Porov. B. Szatur-Jaworska, *Znaczenie pracy socjalnej w polityce społecznej*, in: *Zagrożenia i szanse polityki społecznej Polsce w okresie transformacji*, pod red. M. Książkowskiego i J. Supińskiej, Warszawa 1993, s. 130.

- nia i szanse polityki społecznej Polsce w okresie transformacji*, pod red. M. Księżopolskiego i J. Supińskiej, Warszawa 1993.
15. Szmagliński J., *Teoria pracy socjalna a ideologia i polityka społeczna – przykład amerykański*, Warszawa 1996.
 16. Szymańska K., *Migracje jako problem polityki społecznej (na przykładzie Polski)*, in: *Socjologia i polityka społeczna a aktualne problemy pracy socjalnej*.
 17. Wiśniewski J., *W poszukiwaniu państwa opiekuńczo – efektywnego. Od tradycyjnego welfare state do The Third Way*, „*Studia Socjologiczne*” 2002, č. 2.
 18. Załuska M., *Organizacje pozarządowe w społeczeństwie obywatelskim*, Katowice 1998, s. 97.



Aleksandra Feliniak

Uniwersytet Łódzki
Poland

The Cooperation of the Educator with the Child's Parents in "Wychowanie Przedszkolne" Periodical

Summary

In the Second Republic of Poland, over 300 pedagogical journals were published, most of which, however, came out irregularly and for a period of time¹. Their main task was to improve the competences and professional qualifications of education staff and popularize the achievements of Polish and worldwide pedagogical thought. In addition, pedagogical journals increased the educational awareness of the society, and they hosted discussions on the reconstruction and development directions of the Polish education system.

Key words: pedagogy, teacher, education system.

In the Second Republic of Poland, over 300 pedagogical journals were published, most of which, however, came out irregularly and for a period of time². Their main task was to improve the competences and professional qualifications of education staff and popularize the achievements of Polish and worldwide pedagogical thought. In addition, pedagogical journals increased the educational awareness of the society, and they hosted discussions on the reconstruction and development directions of the Polish education system.

1 J. Sosnowska, *Wydawcy polskich czasopism pedagogicznych adresowanych do wychowawczyń przedszkoli i ich rola w popularyzowaniu idei wychowania przedszkolnego w II Rzeczypospolitej*, in: *Oświatowe i edukacyjne aspekty działalności wydawniczej w XX i pierwszych latach XXI wieku*, red. I. Michalska, G. Michalski, Wydawnictwo UŁ, Łódź 2016, p. 31-55. Cf.: K. Wira-Swiątkowska, „Wychowanie Przedszkolne” jako czasopismo propagujące idee nowego wychowania, in: *Z teorii i doświadczeń pedagogicznych*, „Łódzkie Studia Pedagogiczne” No. 1, p. 91. Cf.: M. J. Żmichrowska, *Wybrane zagadnienia czasopiśmiennictwa pedagogicznego w Polsce w latach 1918-1939*, Wyższa Szkoła Pedagogiczna, Olsztyn 1992, p. 21.

2 J. Sosnowska, *Wydawcy polskich czasopism pedagogicznych adresowanych do wychowawczyń przedszkoli i ich rola w popularyzowaniu idei wychowania przedszkolnego w II Rzeczypospolitej*, in: *Oświatowe i edukacyjne aspekty działalności wydawniczej w XX i pierwszych latach XXI wieku*, red. I. Michalska, G. Michalski, Wydawnictwo UŁ, Łódź 2016, p. 31-55. Cf.: K. Wira-Swiątkowska, „Wychowanie Przedszkolne” jako czasopismo propagujące idee nowego wychowania, in: *Z teorii i doświadczeń pedagogicznych*, „Łódzkie Studia Pedagogiczne” No. 1, p. 91. Cf.: M. J. Żmichrowska, *Wybrane zagadnienia czasopiśmiennictwa pedagogicznego w Polsce w latach 1918-1939*, Wyższa Szkoła Pedagogiczna, Olsztyn 1992, p. 21.

In interwar Poland more and more importance was attached to research on the early childhood period. In the years 1918-1939 several titles were published which were addressed to kindergarten educators³. One of the most important periodicals was "Wychowanie Przedszkolne" (Eng. "Pre-school Education") issued by Towarzystwo Wychowania Przedszkolnego (Eng. Kindergarten Education Society)⁴. The journal was created following the initiative of Maria Weryho-Radziwiłowicz, an outstanding educator and social activist, an author of theoretical, methodological and journalistic publications and texts for children⁵. "Wychowanie Przedszkolne" was published continuously from 1925 to 1939. In the years 1925-1931 it was a monthly, and later a bimonthly. Maria Weryho-Radziwiłowiczowa was the editor-in-chief throughout the whole period of the magazine's existence. Its editorial office was located in Warsaw at Aleja 3 Maja, no. 16/6 in the flat of M. Weryho-Radziwiłowiczowa and her husband's, Rafał Radziwiłowicz.

In the introduction to the first issue of "Wychowanie Przedszkolne", its editor-in-chief presented the scope of the problems discussed on its pages. It was to "contain articles of scientific and methodological character in the field of education; tips on how to use talks, stories, games, exercise the senses, crafts and other activities to make those activities pleasant and useful; to notify its readers of the current state of pre-school education in the country and abroad; to establish a close relationship between the educators and the editors, posting their questions and relevant answers to them by the editors of the magazine; reports, evaluation of pedagogical books and children's literature"⁶. The editors cooperated with many prominent representatives of the world of science, educators, psychologists, physicians and social activists who were the authors of the treaties and articles contributing to a high substantive level of the periodical. Foreign patterns followed in pre-school education and the innovative methodology of working with a child were popularized through the translations of foreign-language articles. "Wychowanie Przedszkolne" consisted of two main parts. The theoretical one included texts from the field of pedagogy, psychology and medicine, while the methodological one contained examples of practical applications of solutions for pedagogical work with small children. The internal layout and titles of the respective sections of the magazine changed frequently.

Teacher's cooperation with parents is an important element of the process of bringing up a small child. There were several articles devoted to this issue on the pages of "Wychowanie Przedszkolne". The introduction to the subject matter was the text by M. Uklejska⁷. The author emphasized the great significance of the family home as a place in which the personality of a child is shaped, the first ethical and aesthetic and religious attitudes are formed. M. Uklejska also drew attention to sociological changes adversely affecting the condition of family at the time. In her opinion, family disintegrated in towns/cities and lost its former, multi-generational character. The

3 J. Sosnowska, *Wydawcy...*, p. 32-33. On the publishing market, the following magazines existed at the time: „Sprawy Przedszkolne”, „Opieka nad Dzieckiem”, „Dziecko i Matka”, *Wychowanie Przedszkolne*, „Zagadnienia Przedszkolne”, „Życie Dziecka”, „Zagadnienia Przedszkolne i Wychowawcze”, „Plan Prac w Przedszkolu”, „Moje Dziecko” and „Przed-szkole”.

4 O Towarzystwie Wychowania Przedszkolnego, see *ibidem*, p. 4–5.

5 K. Wira-Swiątkowska, *Kształcenie wychowawczyń przedszkoli w działalności Marii Weryho-Radziwiłowiczowej*, in: *Historyczne i współczesne konteksty kształcenia nauczycieli wczesnej edukacji*, ed. W. Leżańska, Łódź 2004, p. 151–156.

6 M. Weryho-Radziwiłowiczowa, *Słowo wstępne*, „Wychowanie Przedszkolne” (later: WP) 1925, no. 1, p. 1.

7 M. Uklejska, *Dom rodzinny*, WP, 1931, no. 3, p. 66-69.

weakening or even severance of extensive family ties meant that parents, even though they gained more freedom in raising their own children, based the educational process mainly on personal authority at the same time. An educator was to strive to establish cooperation between the kindergarten and the family home. Familiarity with the child's living conditions, creating an atmosphere of mutual trust, fostering a sincere conversation with parents and their support in the educational process, are the necessary activities of each educator. In addition, kindergarten was supposed to free children from fears and worries originating from the family home. M. Uklejska's reflections were later developed in other articles.

According to E. Rybicka, establishing contact with the child's home, an educator was left to her own initiative and resourcefulness⁸. The greatest emphasis was to put on a good understanding of the family environment and only on the basis of own observations and conclusions should educational cooperation be undertaken. M. Witkowski, in turn, paid particular attention to the importance of knowing the child, his/her physical and mental characteristics⁹. Educational cooperation was to be the basis for obtaining such knowledge, that is mutual exchange of information and insights between the teacher and parents and observation of "child's behavior in specific situations: at work, play, in relationships with peers (...)"¹⁰. The coordination of these activities required goodwill on both sides and diplomacy in the educator's conduct. For M. Witkowski, the essence of pre-school education consisted in "not only raising children, but rather in bringing up parents through children, raising the cultural level of its surroundings and creating a favourable atmosphere for consolidating cultural influences brought by the educator". The condition for the implementation of the principle of cooperation between home and kindergarten was to understand the methods of working in kindergarten and its educational methods by parents¹¹. Similar conclusions were made by M. Uziembło who stressed that "kindergarten is an area from which parents can draw patterns for themselves". Although home and kindergarten can differently perceive educational tasks and employ other methods, their harmonious cooperation is very beneficial for the child¹².

One of the forms of cooperation of kindergarten with the family environment, discussed on the pages of "Wychowanie Przedszkolne", were educators' home visits. According to E. Rybicka, every opportunity that arises should be used to establish contact with parents¹³. Even when enrolling a child for kindergarten, information about their family and social background, etc. can be obtained. The initial conversation also allows an educator to draw conclusions on the basis of the behavior and manner of speaking of a parent or guardian. It is worth noting that in the context of home visits of educators, E. Rybicka repeatedly used the term 'visit', avoiding the term 'interview', often used in literature, which she associated with police interrogation. The author emphasized that the visit should be friendly, marked with kindness and characterised by genuine interest in the child. The first visit of the educator should be announced in order not to embarrass parents nor cause unnecessary reluctance on the part of other household members. She also suggested that the first visit should be

8 E. Rybicka, *Współpraca wychowawczyń z domem dziecka*, WP, 1937, no. 5, p. 129.

9 M. Witkowski, *Jeszcze w sprawie współpracy wychowawczej przedszkola i domu*, WP, 1938, no. 1, p. 1.

10 *Ibidem*, p. 2.

11 *Ibidem*.

12 M. Uziembło, *Współpraca przedszkola z domem dziecka*, WP, 1938, no. 6, p. 167.

13 E. Rybicka, *Współpraca...*, p. 130.

linked to a specific situation, for example, the child's absence from kindergarten, the approaching "Christmas", or social assistance organized by the pre-school institution. In order to get to know the actual family environment, educational atmosphere and factors influencing the child, the consecutive visits were not necessarily to be announced. E. Rybicka recommended at least two visits during the year, depending on the child and his/her home. An appropriately run visit, i.e. involving conversation with parents, the observations made and conclusions drawn from them could help solve a number of educational problems. Alongside a friendly chat, there should arise an opportunity to discreetly and carefully influence parents. The educator, based on the conclusions drawn from home visits, was able to "penetrate the child's psyche and apply the most appropriate way to approach him or her"¹⁴.

The readers of "Wychowanie Przedszkolne" could also get acquainted with a sample interview outline to be followed with the child's parents or guardians:

I. Accommodation:

- ✓ floor (basement, attic),
- ✓ number of rooms,
- ✓ number of windows (are they large? is the room well-lit?), what direction it faces (north, east etc.),
- ✓ is the room warm?, ventilated?,
- ✓ what is the floor made from? (wooden, stone),
- ✓ cleanliness, aesthetics (pictures, flowers, etc.),
- ✓ number of people sleeping in the room with a child, does the child have his/her own bed, if not, who do they sleep with? (1, 2, 3 people),
- ✓ does s/he have any toys?, his/her own corner, shelf or toy cabinet?,
- ✓ furniture (expensive or cheap, accommodation cluttered or empty),
- ✓ is there a toilet?, where is it?, is there running water?, the possibility of washing and bathing.

II. Family conditions – father, mother, siblings, roommates (family, provided they live together):

- ✓ family environment (workers, intellectuals, etc.),
- ✓ occupation (for each of the above),
- ✓ whether currently employed,
- ✓ how many hours and when?
- ✓ education and the degree of refinement of each person living with the child

¹⁴ M. Uziębło, *Współpraca...*, p. 169.

- ✓ health condition, ethical side, addictions, heredity,
 - ✓ attitude to the child and punishments applied.
- III. Financial conditions - examine them in a delicate way in terms of the ability to nurture and dress the child
- IV. Playmates
- V. Child's lifestyle at home:
- ✓ how many hours does s/he sleep and at what times?
 - ✓ hours of play (or, possibly, work, for example, looking after his/her little sister),
 - ✓ does s/he spend any time in the yard, street, walking, how many hours, with whom?.
- VI. What do the nearest and dearest think about the child? ¹⁵.

A properly conducted interview allowed the educator to investigate all factors affecting the child's life. On its basis, it was possible to diagnose and solve, among others, the following problems:

- ✓ to teach parents or guardians the principles of hygiene, while explaining its purposefulness,
- ✓ to explain how to deal with a given child to make him/her obedient, self-reliant and orderly,
- ✓ to explain the ineffectiveness and harmfulness of corporal punishment, frightening children, and adjust the manner of punishment,
- ✓ to make parents aware of the necessity to provide their child with a hot breakfast or tea before going to kindergarten.

Another common form of cooperation between kindergarten and parents, also discussed on the pages of "Wychowanie Przedszkolne" were meetings. Z. Podolakowa, in her article, presented their ready-made outline. In her opinion, the first meeting should be a general informative meeting, during which an educator should inform parents about the "child's kindergarten kit" (a uniform, slippers, own towel, comb and toothbrush), fees, medical care and medical check-ups, the child's birth certificate and documentation, the duration of classes, the daytime plan in kindergarten, about feeding and breakfasts (a napkin and own mug, bag or small basket for food, not wrapping foods in newspapers, not giving them too many sweets, especially those not prepared at home but bought), to account for the child's absences, about the scope of parental care, about the customs and orders prevailing in the kindergarten, at the hours set in kindergarten for interviews with mothers¹⁶. The second meeting, according to Z. Podolakowa, could be devoted to hygiene matters – "but not so

¹⁵ W.W.A., *O konieczności wywiadów domowych*, WP, 1933, no. 1, p. 7-9.

¹⁶ Z. Podolakowa, *Współpraca wychowawczyń z rodziną dziecka*, WP, 1934, no. 5, p. 132-134.

much about the child's hygiene as about its requirements and insufficiencies among kindergarten children"¹⁷. During this kind of meeting one should "emphasize the need for pedantic cleanliness as a condition necessary for life and health of the child, touch upon the sleep hygiene, clothes, nutrition, explain and bring to the attention the procedures and habits in the scope of hygiene, which are first taught and reinforced at kindergarten (washing hands before and after meals, brushing teeth, gargling, wiping shoes, cleaning the toilet, using a waste bin, etc.)"¹⁸. Further meetings, according to Z. Podolakowa, should be divided into two groups. The subject of the first ones should be educational topics discussing, among others, hygienic, cultural and social habits as well as material and financial issues and parental benefits for the kindergarten, e.g. in the form of the jobs performed or materials supplied. During the others ones, the educator should inform parents about:

- ✓ excursions and walks – where they took place, why and for what purpose,
- ✓ activities – which took place in kindergarten, what was their educational value, together with discussion and presentation of children's products from various materials and drawings, and determining their role in the child's life,
- ✓ games which are most often chosen and suggested by children,
- ✓ toys available in kindergarten¹⁹.

The presence of parents in kindergarten was also an excellent opportunity to have talks. The presenter could be a person specially invited for this purpose, such as a school educator, psychologist or physician²⁰. The educator could also take advantage of ready-made talks published in "Wychowanie Przedszkolne", e.g. about the importance of conversations with a small child and their influence on improving his/her cognitive abilities²¹. Additionally J. Wierzbińska suggested that during the meetings or home visits, the teacher should convince parents about the important role of music in bringing up children as singing gives them a lot of joy and has a positive impact on their psychophysical development²².

Another form of cooperation between educators and children's parents, discussed in "Wychowanie Przedszkolne", was their duty hours at the kindergarten. According to M. Uziembło, one or two times a week an educator should be available to parents at fixed hours after work. During such duty hours, in a direct conversation with the parent she should discuss all matters related to the child, exchange mutual observations and remarks, useful for both parties, as well as assess to what extent the parent complied with her instructions²³. The whole conversation was to take place in a calm, friendly atmosphere, and be characterised by tactfulness and kindness. The educator should assume that parents want to help and understand the child, and hear out their griefs and concerns as well²⁴.

17 Ibidem, p. 132-133.

18 Ibidem.

19 Ibidem.

20 M. Uziembło, *Współpraca...*, p. 168.

21 P. Krasnogórska, *Pogadanka na zebraniach rodzicielskich*, WP, 1933, no. 2, p. 57-59.

22 J. Wierzbińska, *Współpraca rodziców dzieci z wychowawczynią w dziedzinie umuzykalnienia*, WP, 1938, no. 1, p. 3-4.

23 M. Uziembło, *Współpraca...*, p. 168.

24 Z. Podolakowa, *Współpraca...*, p. 132.

In addition, E. Rybicka also mentioned a very important issue of inviting parents to kindergarten from time to time during its opening hours in “Wychowanie Przedszkolne”. Their better understanding of how the institution functioned made their cooperation with the educator more effective. She recommended, among others, for mothers to be involved in serving breakfasts or organizing some ceremonies, trips and games, and other types of social works for the kindergarten. E. Rybicka also suggested that at kindergartens, similarly to schools, the Parental Care Circles be created, which are a form of permanent cooperation of parents with the educator, meant to help in feeding children and organising material help for poorer families²⁵. She also urged educators to organize trips, during which the children could learn about their parents’ workshops and workplaces. She believed that the educational value of such trips is high²⁶.

The articles published in “Wychowanie Przedszkolne” cover a wide spectrum of forms of cooperation between the educator and the child’s parents. The goal of all the suggested activities was to ensure child’s proper mental, physical and intellectual development. The educator was to act as a link between pre-school and home education, collect information and exchange information with the child’s family, skilfully correct parental education errors and influence parents educatively, compare her daily observations with observations made during home interviews and conversations with parents, and apply the conclusions thus drawn to solve educational problems. It should be noted that most of the articles published in “Wychowanie Przedszkolne” in the scope of cooperation between an educator and the family environment were in the form of direct suggestions, extremely important from the point of view of kindergarten teachers.

BIBLIOGRAPHY

1. Krasnogórska P., *Pogadanka na zebraniach rodzicielskich*, „Wychowanie Przedszkolne” 1933, nr 2.
2. Podolakowa Z., *Współpraca wychowawczyni z rodziną dziecka*, „Wychowanie Przedszkolne” 1934, nr 5.
3. Rybicka E., *Współpraca wychowawczyni z domem dziecka*, „Wychowanie Przedszkolne” 1937, nr 5.
4. Sosnowska J., *Wydawcy polskich czasopism pedagogicznych adresowanych do wychowawczyń przedszkoli i ich rola w popularyzowaniu idei wychowania przedszkolnego w II Rzeczypospolitej*, w: *Oświatowe i edukacyjne aspekty działalności wydawniczej w XX i pierwszych latach XXI wieku*, red. I. Michalska, G. Michalski, Łódź 2016.
5. Uklejska M., *Dom rodzinny*, „Wychowanie Przedszkolne” 1931, nr 3.
6. Uziembło M., *Współpraca przedszkola z domem dziecka*, „Wychowanie Przedszkolne” 1938, nr 6.
7. W.W.A., *O konieczności wywiadów domowych*, „Wychowanie Przedszkolne”, 1933, nr 1.
8. Weryho-Radziwiłłowiczowa M., *Słowo wstępne*, „Wychowanie Przedszkolne” 1925, nr 1.
9. Wierzbińska J., *Współpraca rodziców dzieci z wychowawczynią w dziedzinie umykalnienia*, „Wychowanie Przedszkolne” 1938, nr 1.
10. Wira-Swiątkowska K., *„Wychowanie Przedszkolne” jako czasopismo propagujące idee nowego wychowania*, w: *Z teorii i doświadczeń pedagogicznych*, „Łódzkie Studia Pedagogiczne”, Łódź 2003.

²⁵ E. Rybicka, *Współpraca...*, p. 129; M. Uziembło, *Współpraca...*, p. 167.

²⁶ E. Rybicka, *Współpraca...*, p. 132-133; Z. Podolakowa, *Współpraca...*, p. 134.

11. Wira-Świątkowska K., *Kształcenie wychowawczyń przedszkoli w działalności Marii Weryho-Radziwiłłowiczowej*, w: *Historyczne i współczesne konteksty kształcenia nauczycieli wczesnej edukacji*, red. W. Leżańska, Łódź 2004.
12. Witkowski M., *Jeszcze w sprawie współpracy wychowawczej przedszkola i domu*, „Wychowanie Przedszkolne”, 1938, nr 1.
13. Żmichrowska, M. J. *Wybrane zagadnienia czasopiśmiennictwa pedagogicznego w Polsce w latach 1918-1939*, Olsztyn 1992.



Patrik Maturkanič

Terezín
Czech Republic

Wiem, to znaczy, że jestem lub
nieprzezwyćzione poczucie wartości
samego siebie
(refleksja antropologiczno-psychologiczna) /
I know, therefore I am or the insurmountable value
of the Self
(an anthropological - psychological reflection)

Summary

The intention of the presented scientific contribution is to show, from an anthropological - psychological point of view, the insurmountable value of the human being and its greatness. On the basis of eight established aspects, we recognize the diametrical differences between humans and other living organisms. Only humans (homo) can carry a number of attributes that are derived from their unique universal capabilities, as proven by the eight subchapters of this study. There is no doubt that knowing the value of the self in relation to our own self-worth (I know, therefore I am) is undoubtedly the most fundamental goal of our human "path".

Key words: human-homo, human being, knowing thyself, psychology.

WSTĘP

Od niepamiętnych czasów ludzie pytali i ciągle zadają sobie pytania o swoje własne (pra) istnienie: kim jestem, skąd „pochodzę“, dokąd zmierzam, itp. Nad tymi podstawowymi kwestiami chcemy się tutaj zastanowić, tzn. co stanowi ludzkie życie, a więc kim jest człowiek. Z tego wynika, że bez tych nieustannie pojawiających się pytań trudno jest odkryć samego siebie, a tym samym stworzyć najbardziej satysfakcjonującą całość ludzkiego istnienia.

1. UŚWIADOMIENIE SOBIE WŁASNEJ TOŻSAMOŚCI

Dla niektórych czytelników być może tytuł tego podrozdziału będzie wydawać się nieważny. Przecież kto z nas wątpi w tożsamość samego siebie? Jeśli zatrzymamy się w tym miejscu i odłączymy od ciała i otworzymy bardziej duchową płaszczyznę człowieka, odkryjemy i jednocześnie zdamy sobie sprawę z tego, jak cudowną i niemożliwą do pokonania wartość, kryje w sobie człowiek, ale także poprzez swoją myśl i różne postawy odkrywa każdą istotę ludzką. Wystarczy zdać sobie sprawę, ile razy dziennie, nawet nieświadomie, wymawiamy słowo „ja“, gdy pokazujemy na siebie samego i w ten sposób zidentyfikujemy osobę swojej egzystencji, swojego bycia. Jesteśmy zatem osobą¹, kimś, kto jest kimś zdecydowanie konkretnym, ma swoją własną, oryginalną osobowość. Dla lepszego wyjaśnienia podanych tutaj informacji, rozwińmy głębiej problematykę tego ważnego rozumowania: Tylko człowiek jest w stanie przemyśleć, mieć poglądy, porównywać, a tym samym oceniać swoje własne myśli oraz – nie bójmy się tego powiedzieć – oceniać wiedzę, która zawiera ważne informacje. Jestem osobą świadomą własnego Ja, które jest wewnętrznym podmiotem aktywności psychicznej w nas samych. Mówimy tu o ludzkiej egzystencji jako *homo psychologicus*. Reprezentowany jest jako punkt matematyczny, ukryty w głębi ludzkiej istoty, z którego pochodzą nasze psychiczne działania. Nie bójmy się powiedzieć, że jest to właśnie dusza, której cechy poznajemy z właściwości tego naszego Ja. Jest to jednocząca zasada wszystkich naszych psychicznych działań. Chociaż są one różnorodne, zlewają się w jedno. Wspomniane tu Ja się nigdy nie zmienia, pozostaje cały czas takie samo, nawet jeśli cielesna strona (ludzkie ciało) wielokrotnie się w życiu zmienia. Naszemu wewnętrznemu Ja przypisuje się wszystkie swoje czyny na różnych etapach życia pomimo, że podczas naszego życia tak wiele się zmieniło i ciągle się zmienia. Jestem cały czas tym Ja (w innym znaczeniu, niż ciało), które się nie zmienia i jest niezależne od materii ciała. Piękny przykład uświadomienia sobie materialnego świata w świecie sztuki, tzn. element zmysłowy (kolorы, kształty, obrazy itp.), pokazuje niemiecki myśliciel Hegel, ponieważ to właśnie w sztuce „obszar duchowy“ wyraża się za pomocą zmysłów (patrz *Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Wykłady o estetyce, WW 12,64,64,89*). To, co przekazuje się za pomocą środków

1 Por. „Osoba jest jednym z najczęściej używanych i omawianych pojęć w dziedzinie bioetyki, do którego wzrostu przyczynił się rozwój biotechnologii. Określanie granic pomiędzy dozwolonymi i niedozwolonymi działaniami biomedycznymi, które człowiek może wykonać, domyślnie zakłada lub w sposób widoczny odnosi się do statusu osoby. Samo pojęcie osoby nie narodziło się tak po prostu w historii, a nawet dziś nie można powiedzieć, że wśród filozofów panuje tu zgoda. Dlatego słusznie pojawia się pytanie, dlaczego „osoba” zasługuje na taką uwagę w nowej dyscyplinie, jaką jest bioetyka, aż do tego stopnia, że jest jednym z najbardziej fascynujących konceptów dla bioetyki. Powodów może być więcej. Po pierwsze, „osobę” intuicyjnie postrzega się jako podmiot godny ochrony. Dla pytanie, kim jest osoba, trudno jest osiągnąć konsensus. W sferach etycznych i prawnych termin ten wydaje się odpowiedni do określenia granic pomiędzy dozwolonymi i bezprawnymi ingerencjami w ludzkie życie. Wielu uważało, że „osoba” będzie najbardziej odpowiednim pojęciem do ustalenia etycznego i prawnego konsensusu minimum bioetycznego. Z drugiej strony musimy powiedzieć, że ten termin przeżywa kryzys, który jest spowodowany niespójnością w jego definiowaniu i rozumieniu. Oznacza to, że często widzimy jego szerokie zastosowanie, często bardzo elastyczne, ale kosztem niejednoznaczności znaczeniowej. W związku z tym możliwe i właściwe jest odwoływać się do godności i praw osoby ludzkiej, ale pozostaje problem, że nie wszyscy rozumieją „osobę” tak samo. Do pytania „jak powinniśmy postępować wobec osoby?”, trzeba dopowiedzieć „co lub kto jest osobą?”. Dyskusja na temat osoby wyraźnie przesuwają się z etyki i prawa w dziedzinie filozofii. Filozoficzna różnica w rozumieniu ma oczywiście poważny wpływ na różne stosowanie standardów etycznych.” THURZO, V., *Identita, ontologický a etický štatut ľudského embrya. Epistemologický problém a jeho riešenie*, in *Acta 1/2015*, Bratislava 2015, s. 43-44.

artystycznych, ma duchową treść (wypełnienie) a my, naszym wewnętrznym Ja, jesteśmy zdolni do postrzegania tego splendoru.²

2. POZNAWANIE – PROCES UZYSKIWANIA WIEDZY

Podczas jednego kolokwium naukowego usłyszałem zdanie, że życie człowieka jest tak naprawdę wielką tajemnicą. Oprócz „odkrycia“ samego siebie, jak widzieliśmy w poprzedniej części, człowiek jest istotą, która poznaje wszystko, co dzieje się wokół niego. Dlatego też nazywany jest *homo cognitus*. Chociaż jesteśmy niedoskonali i wielokrotnie zmienni (doskonałość jest stanem niezmienności), to musimy wewnątrz swojego Ja zastanowić się nad zdolnością człowieka do ciągłego poznawania. Celem nie jest zmiana obiektu, ale jak najwierniejsze naśladowanie w świadomości podmiotu. To postaramy się opisać i wyjaśnić. Trzeba wyjaśnić, że ludzkie poznanie, jeśli poruszamy się w płaszczyźnie naukowej (teorii), jest myślowym modelem obiektu. Jeśli teoria jest zgodna z obiektem to mówimy, że teoria jest prawdziwa. Poznanie jest subiektywne, ponieważ wytwarza je podmiot, ale prawdziwe poznanie jest również obiektywne, ponieważ wyraża stan obiektu, a nie tylko stan psychiczny podmiotu.³ Inne spojrzenie zaś przedstawia płaszczyzna nienaukowa (praktyka), tzw. efektywne działanie⁴, które w istotny sposób wpasowuje się w zrównoważoną, ludzką kreatywność każdego z nas. Interesujące, ale nie mniej istotne dla całkowitego rozwoju człowieka jest jego poznanie w świetle „przysłonięcia go” przyszłością.⁵ Znowu tylko człowiek jest w stanie zadać sobie pytanie, gdzie zdąża (*homo religiosus*),

2 Por. MATURKANIČ, P., *Základy etiky*, Terezín 2018, s. 16.

3 Por. DOLISTA, J., FEBER, J., *Filosofická antropologie*, České Budějovice 2007, s. 74.

4 Por. „Ludzkie poznanie jako skuteczne działanie należy zatem do dziedziny biologicznej, ale zawsze jest doświadczane w tradycji kulturowej. Wyjaśnienie fenomenów kognitywnych opiera się na tradycji naukowej i jest istotne w takiej mierze, w jakiej spełnia kryteria naukowe. Wewnątrz tej tradycji jest jednak wyjątkowe, ponieważ przynosi fundamentalny zwrot pojęciowy: poznanie nie ma nic wspólnego z obiektem, ponieważ poznanie jest skutecznym działaniem i przez to, że poznajemy, jak poznajemy, tworzymy siebie sami. Poznanie, jak poznajemy, nie rozpoczyna się w żadnym ustalonym punkcie początkowym i nie kontynuuje liniowo wyjaśniania, dopóki wszystko nie będzie jasne. Poznać, jak poznajemy, ma więcej wspólnego z chłopcem w galerii obrazów Eschera.” KUCÍREK, J., *Radikální konstruktivismus – podněty pro aplikovanou psychologii*, in *Aplikovaná psychologie. Vybraná témata*, Praha 2017, s. 222.

5 Por. Poznać człowieka oznacza poznanie przede wszystkim jego przyszłości. W świetle przyszłości można ocenić znaczenie teraźniejszości, ponieważ człowiek „jest” doskonały, jeśli zdaje sobie sprawę z tego, co ma być. Prawdziwość naszego życia i jego wartość mierzymy stopniem naszego uczestnictwa w realizacji przyszłości. Dlatego naszą główną troską powinno być odkrywanie przyszłości. Człowiek, który chciałby pozostać tylko człowiekiem, zdradziłby wzlot wszechświata ku przyszłości. Przez „przyszłość” Teilhard nie rozumie przyszłości nadchodzących dni i lat, ale przede wszystkim nowy, lepszy sposób życia. Odkrycie człowieka nie zatrzymuje rozwoju; w człowieku cały wszechświat dokonał nowego skoku do przodu, a ludzka „moc” życia staje się natychmiastową podstawą i źródłem oczekiwań oraz przygotowań dla nowej przyszłości. Człowiek chce przezwyciężyć samego siebie i chce stworzyć warunki dla kolejnego i „decydującego momentu”, w którym rodzi się „nowe życie”. Wartość każdego momentu historii zależy przede wszystkim od jego wlotu w przyszłość, od oczekiwań i przygotowania przyszłości. Ludzkość potrzebuje zatem „proroków”, których spojrzenie rozpoznaje horyzonty przyszłości; potrzebuje prekursorów, którzy przygotowują życie [...]. Wolność sprawia, że człowiek cały czas różni się coraz bardziej od materialnego wszechświata i stopniowo ujawnia unikalną treść swojej osobowości tym, że staje się „jedynym” w swoim rodzaju. Równocześnie jednak wzrastająca miłość łączy człowieka ze wszystkimi jego braćmi i całym wszechświatem. Poprzez wolność człowiek staje się „jednością”, a poprzez miłość „wszystkim”. Coraz bardziej jest świadomy swojego „ja” i „my” [...]. Miłość chce stopniowo eliminować różnice społeczne i ekonomiczne, przezwyciężać konflikty i wojny, przybliżyć narody i kontynenty. Nauka i technologia oferują najlepszą pomoc miłości, której życiowa siła chce zbudować zjednoczony i pojednany świat przyszłości.” BOUBLÍK, V., *Člověk očekává Krista*, Kostelní Vydří 1997, s. 71–73.

a może nawet w kontekście niezmiennego, doskonalszego sposobu życia, znaleźć sens i spełnienie swojej życiowej podróży. To właśnie jest jeden ze sposobów uczenia się, a tak naprawdę, poszukiwania siebie!

3. SWOBODA – MOŻLIWOŚĆ CIĄGŁEGO DECYDOWANIA I WYBORU POMIĘDZY DOBREM I ZŁEM (AKT WOLI)

Niewątpliwie jednym z najważniejszych elementów człowieka jest jego wolność, która może mieć kilka ważnych wymiarów, takich jak wolność sumienia, wolność woli, wolność zgromadzeń, wolność słowa i wolność religijnego wyznania. Jeśli jednak szukamy właściwej odpowiedzi na pytanie o ludzką wolność, dojdziemy do wniosku, że jest to możliwość ciągłego decydowania (według swojej woli) i ponoszenia odpowiedzialności za to. W rzeczywistości jest to wybór pomiędzy dwoma podmiotami, którymi docelowym obszarem jest dobro lub zło, innymi słowy decydujemy się na tę lub przeciwną rzecz (tak - nie).⁶ Niezwykłość wolności leży w akcie woli arbitralnej decyzji, kiedy istota ludzka, w przeciwieństwie do zwierzęcia, może zgodnie ze swoimi możliwościami i umiejętności oceniać (przewidywać) wpływ swojego późniejszego działania. W ten sposób staje się dojrzały swoich czynów, dobrowolnie narodzonych w jego poznaniu (*homo liberalis*). W kontekście zapisanych tu słów nie powinniśmy zapominać, że nie jesteśmy tylko odizolowanymi jednostkami, ale „mieszkańcami w społeczeństwie“ naszej planety Ziemi. Tworzymy spójną jednostkę ludzką, zależną od siebie nawzajem. Wynika z tego również to, że jesteśmy tak naprawdę ludźmi równymi sobie samym, a zatem bez żadnych wymówek i wyjątków powinniśmy szanować nasze prawa i obowiązki tam, gdzie wolność zajmuje główne miejsce. W tym miejscu chciałbym zacytować stwierdzenie angielskiego filozofa i polityka Johna Stuarta Milla, który w XIX wieku ogłosił wielu z nas dobrze znane zdanie: „Wolność jednego się kończy tam, gdzie zaczyna się wolność drugiego“. Świadomie przedstawiam ten tak często cytowany przez nas cytat, którym się racjonalnie łączymy, ale i celowo oddzielamy, czyli w jakimś stopniu chronimy się przed drugą osobą. Pozwólcie mi się nie zgodzić, ponieważ bycie naprawdę wolnym, a przez to wewnętrznie usatysfakcjonowanym, nie oznacza oddzielenia swoich działań od bliźniego, nawet jeżeli wzajemny szacunek dla drugiego człowieka (autonomia ludzka) jest niewątpliwie istotnym elementem życia każdego człowieka. Nie powinniśmy jednak zapominać o wzajemnej zgodzie między ludźmi, opartej na zaufaniu, chęci rozsądnego przystosowania się dla dobra rzeczy, itp., ale przede wszystkim wzajemnej przyjaźni.

⁶ Por. „W każdej chwili swojego życia człowiek przeżywa je i może intuicyjnie postrzegać swoją zdolność do powiedzenia „tak” lub „nie”, przyjąć lub odrzucić, stworzyć lub zniszczyć; a całe życie składa się z takich postaw, z takich tak lub nie. Nie można wątpić w swoje ja, to ja jest oczywiste, mówi Descartes, ponieważ wątpić już oznacza myśleć, a myślenie oznacza istnienie. Ale jeśli ja jest widoczne, to jest widoczna także jego wolność, ponieważ nieuwolnione ja nie jest nim. To są genialne przemyślenia Fichtego, to co wynioskował z Kartezjusza. Ponieważ ja jest przedmiotem wszelkich aktów myślenia i wątpliwości (ego cogito et ego dubito), a na podstawie każdego aktu jest wolność: ja mogę myśleć i nie myśleć, mogę wątpić i nie wątpić. Najbardziej ze wszystkiego wolność jest widoczna w powątpiewaniu, ponieważ wątpliwość jest wyborem między sądami: ja mogę powiedzieć „tak” lub „nie”, ale jeszcze w ten sposób nie zdecydowałem, czy powiem „tak” lub „nie”. W wątpliwości (jak to rozumiał Kartezjusz) jest jeszcze jedna nowa i wyższej kategorii wolność: wolność niepowiedzenia ani tak, ani nie. Ale człowiek może także swobodnie nie wątpić: wątpliwość jest postawą i czynnem filozofa. I wielu, a jest ich więcej niż dość, korzysta ze swojej wolności do niewątpienia i niemyślenia i do trwania w niewątpiącej bezmyślności.” VYSESLAVCEV, B., *Srdce v křestanské a indické mystice*, in *Tajemství srdce*, Velehrad 1999, s. 66-67.

4. JĘZYK (LUDZKA MOWA), KOMUNIKACJA

Innym ważnym elementem istoty ludzkiej jest zdolność do jej wyrażania się, innymi słowy do przenoszenia informacji. To nie są jedynie wymyślone sygnały zrodzone bezpośrednio w głosie, ale jest to przede wszystkim sprawa intelektu, rozumu, który zaliczamy do wewnętrznego ludzkiego świata. Człowiek jako jedyny ma zdolność do myślenia konceptualnego i mowy (języka), czego zwierzę nie umie (postępuje tylko według zmysłów). Tutaj ma źródło łączenie pewnych słów, które tworzą docelowe zdania. Zaczynamy mówić o świecie ludzkiej mowy (sztuka), w którym osoba tworzy rozmowę z drugim partnerem, czyli dialog, który powinien dla zachowania pozytywnego kształtu uwzględniać pewne zasady. Szczególnie komunikacja w życiu osobistym (rodzinnym) lub w miejscu pracy niesie ze sobą niezastąpiony stopień zadowolenia i szczęścia.⁷ Mówimy o pewnej umiejętności tworzenia ludzkiego życia! Jeśli zastanowimy się nad fenomenem mowy bardziej dogłębnie, to stwierdzimy, że pełnowartościowe życie *homo loquens* z pewnością nie mogłoby rozwinąć się, jako zamknięta jednostka, ale tylko w odniesieniu do innej osoby. Jesteśmy więc zależni od siebie nawzajem. W ten sposób wchodzimy w kolejną, piątą część tego studium.

5. SPOŁECZEŃSTWO

Bez współistnienia z innymi ludźmi nikt z nas nie wyobraża sobie własnego istnienia. W zasadzie już przy samych narodzinach nowego istnienia ludzkiego życia wymagana jest obecność dwóch biologicznych dorosłych osób, tzn. mężczyzny i kobiety. Następnie potrzebna jest opieka, wychowanie, przekazywanie podstawowych informacji w formie edukacji, doświadczenia i praktyki, ale przede wszystkim wzajemne relacje miłości (rodzicielskie, partnerskie, przyjacielskie, itp.). Jesteśmy zależni od siebie nawzajem, tzn. pierwszy potrzebuje drugiego (edukacja, zdrowie, handel, itp.), przy czym czasem nie możemy wykluczyć ze swojego życia danych osób (rodziców, rodzeństwa itp.). Z drugiej zaś strony możemy wpływać na wybór konkretnych ludzi, z którymi się spotykamy (zatrudnienie, mieszkanie, itp.) lub tych, z którymi żyjemy (wybór partnera życiowego). Człowiek, jako istota społeczna (*homo sociologus*), ma wiele możliwości spełnienia swojego życia w otoczeniu bogatym w relacje międzyludzkie, a to właśnie w relacjach społecznych z innymi. Nie wolno nam zapominać o tym, że tam, gdzie jest większa grupa osób, należy przestrzegać pewnych zasad,

⁷ Por. „1. Przyjmij własne stanowisko na temat tego, co przekazuje się jako informacje (na przykład o niedostatecznej pracy podwładnego). 2. Obudź gotowość i chęć partnera do właściwego wykorzystania informacji do rozwiązania zadania (na przykład jak postępować, aby uniknąć powtarzania błędów). 3. Zajmij stanowisko wobec odbiorcy twoich informacji, zawsze staraj się poznać, jakie są jego specjalistyczne umiejętności, doświadczenie i poziom intelektualny. Postaraj się poznać jego fundamenty, temperament, zdolności do pracy lub bezradność. Spróbuj po prostu wczuć się w jego skórę. Formuła powinna być taka, aby pasowała do jego sposobu myślenia. 4. Informuj w odpowiednim zakresie, w rzetelny, obiektywny i zrozumiały sposób. Nie ma sensu męczyć kogoś obarczając go nieistotnymi wiadomościami lub niezrozumiałymi informacjami. 5. Zwróć uwagę na to, że twoje zachowanie może na przykład wzbudzić wątpliwości co do twoich kompetencji. 6. Łącz informacje ustne z opiniami (na przykład ilustrującymi problematykę). Druga osoba lepiej zrozumie interpretację jakiejś procedury, kiedy ją zademonstrują lub pokażą. 7. Szanuj znaczenie informacji dla odbiorcy (na przykład nieprzyjemna informacja, że nie można spełnić wymagań partnera) i weź pod uwagę możliwą reakcję emocjonalną. 8. Sprawdź, w jaki sposób i w jakim stopniu informacje zostały zrozumiane przez odbiorcę na przykład poprzez odpowiednio dobrane pytania kontrolne.” MEDZIHORSKÝ, S., *Aserti-vita*, Praha 1991, s. 59.

aby z jednej strony narzucić konkretne zasady, z drugiej zaś strony, aby chronić każdą osobę tworzącą społeczeństwo wartości. Przykładem może być dziecko w wieku szkolnym, które przy pomocy swoich rodziców w wyznaczone dni chodzi do szkoły podstawowej, gdzie przy przestrzeganiu regulaminu szkoły formuje (udoskonala) nie tylko własną osobowość, ale i współuczestniczy w życiu innych. To prowadzi nas do głównego elementu społeczności, którym jest uniwersalne, wspólne dobro⁸, co samo w sobie jest wielkim zagadnieniem, zwłaszcza u ludzi, którzy mają możliwość i środki wpływu na obecne czasy historii najnowszej.

6. OGRANICZENIA HISTORYCZNE

Jeśli myślimy w tym miejscu o człowieku, musimy zacząć od jego prapoczątków – od „zrodzenia“. Według naukowców mówimy tu o *homo sapiens* 40-10 000 lat p.n.e. Za pierwszych reprezentantów dzisiejszego człowieka uważa się pierwszych rolników, którzy porzucili koczowniczy tryb życia. Minęło wiele tysięcy lat, a my – współcześni - na podstawie historycznych przemian i wydarzeń wiemy, że „pojęcie czasu cyklicznego“ jest kolejnym ważnym znakiem charakteryzującym człowieka. Tylko on może „czytać“ w ruchu z kart przeszłości i terażniejszości aż do bliskiej i odległej przyszłości. To rozgraniczenie tak zmieniającego się trójczasu daje człowiekowi możliwość dojrzwania i tym samym stawania się osobowością nie tylko dla siebie, ale także dla środowiska, w którym żyje. Musimy naprawdę powiedzieć, że *homo historicus*, w swoim „pełnym przygód“ czasie historycznym, tworzy cudowną i niezastąpioną, wzajemnie powiązaną, różnokierunkową mozaikę, z całym ludzkim pokoleniem.⁹

8 Por. „Celem społeczeństwa, które tworzą osoby, jest wspólne dobro. Jest wspólne dlatego, że ludzie je przyjmują. Tak więc celem społeczeństwa nie jest dobro jednostki, ani suma indywidualnych dóbr każdej osoby, która tworzy społeczeństwo. Oznaczałoby to, że społeczeństwo rozpadło się na części. Celem społeczeństwa jest dobro wspólne. Nie oznacza to jednak, że jest to własne dobro całości, która odnosi się sama do siebie i poświęca się samej sobie. Celem społeczeństwa jest dobre życie ludzkie, życie osób. To dobro jest wspólne dla całości i części, na którą się rozlewa. Dlatego dobro wspólne zakłada i wymaga uznania podstawowych praw jednostek i zawiera jako najważniejszą wartość, jak największy dostęp jednostek do ich własnego życia oraz wolnego rozwoju.“ SPRUNK, K., *Základní pojmy politické filosofie*, Praha 1997, s. 27.

9 Por. Weźmy na przykład pod uwagę dla nas już fundamentalny, świat korzystania z energii, którą dzisiaj większość Ziemiaków traktuje jako oczywistą rzecz. Jej początki sięgają niemal 120 tysięcy lat p.n.e., kiedy to być może człowiek nie był jeszcze pełnoprawnym człowiekiem (rozwój), kiedy człowiek nauczył się wykorzystywać ogień do gotowania, ogrzewania i do ochrony przed zwierzętami. Wiele lat później (1000 lat p.n.e.) Chińczycy odkryli węgiel i zaczęli go używać jako paliwa do produkcji stali. Pięćset lat później (500 lat p.n.e.) Rzymianie zaczęli używać do oświetlenia w domu tzw. sycylijskiej ropy. Kolejna ogromna zmiana wystąpiła w XVII wieku, kiedy to mieszkańcy Europy nauczyli się gromadzić energię słoneczną w zamkniętym środowisku za szybą i w ten sposób powstała szklarnia. W następnym stuleciu następuje wielki postęp, kiedy to Benjamin Franklin konstruuje piorunochron i tak rozpoczyna czas poznawania elektryczności. Kilka lat później James Watt wynalazł pierwszy silnik parowy. Początek XIX w. przyniósł większe zapotrzebowanie na energię, kiedy to zaczęto produkować pierwsze środki transportu, takie jak parowce i lokomotywy, po których w ubiegłym wieku nastąpiła produkcja samochodów i samolotów. Wiele rzeczy rozwija się poprzez ich historyczną definicję, podobnie jak brzmi tytuł tego rozdziału. W kontekście już wspomnianego użycia energii, inicjator czasu historycznego, czyli człowiek, w ostatnich latach wynalazł źródła energii odnawialnej, które mają mieć jak najlepszy wpływ na środowisko. Dzielimy ją, przeciwieństwie do tradycyjnych paliw kopalnych, na przykład na energię wiatrową, energię słoneczną, energię wodną, itp.

7. KULTURA

Nie będę się mylił, jeśli powiem, że to właśnie kultura życia sprawia, że człowiek jest istotą kulturową i dlatego nazywany jest *homo culturalis*. Kultura ta i w konsekwencji jej kultywowanie przejawia się w różnych sferach.¹⁰ Przede wszystkim jest to kultura myślenia, gdzie poprzez rozum, czyli intelekt, człowiek definiuje pewne pojęcia wyrażające poznanie istoty podmiotu. Znajduje to odzwierciedlenie w kulturze w zróżnicowanych aktywnościach, które są uwarunkowane wolnym wyborem. W tym miejscu trzeba powiedzieć, że chociaż każda osoba jest w dużej mierze kierowana przez jej „własny zestaw genetyczny” i oczywiście środowisko, w którym żyje, to nie wolno nam zapominać o istotnym elemencie edukacji. Systematyczne kształtowanie, szczególnie we wczesnych latach życia, jest niezastąpione. W tym procesie młody człowiek zaczyna nie tylko myśleć, ale przede wszystkim przyjmować od swoich rodziców (najbliższych) zasady kulturowego zachowania. Nie myślimy tutaj tylko o podstawowych społecznych zasadach wyrażania siebie, ale także o emocjonalnym elemencie, który jest niezbędny do szczęśliwego i harmonijnego życia każdego z nas. Kultura emocjonalna przejawiająca się w uczuciu przywiązania, radości, przyjaźni, ale przede wszystkim miłości, jest istotnym, żywym wymiarem człowieka, gdy postrzegamy go nie tylko jako rozumną (rozum) i świadomą (wola) istotę. Jesteśmy istotami bardzo wrażliwymi (emocje) na potrzeby zarówno materialne, jak i duchowe.

8. PRAKTYKA – DZIAŁANIE

Jedynie człowiek, w przeciwieństwie do innych żywych istot natury (zwierzęta i rośliny), jest w stanie wykonywać czynności praktyczne, co jest źródłem tytułu całego artykułu: Wiem, to znaczy, że jestem... Jest to właśnie istota ludzka, która bierze w świadomy sposób w swoje ręce naturalny materiał i przekształca go (wytwarza) w konkretne dzieło. Mówimy o człowieku pracowniku (*homo laborans*), który dzięki swojej różnorodności i oryginalności często staje się człowiekiem twórcą (*homo faber*). Kolejną działalność w życiu człowieka widać w jego działaniach mających na celu pozyskanie kapitału, handlu, działalności gospodarczej. W tym kontekście nazywamy go człowiekiem ekonomistą (*homo aeconomicus*). Z wielu innych czynności praktycznych wybierzmy jeszcze jedną działalność ludzką, w której odkrywamy człowieka jako estetę (*homo aestheticus*), który swoimi umiejętnościami kultywuje, upiększa. Z drugiej strony, musimy z przykrością stwierdzić, że w praktyce świadomego, ale także ukierunkowanego mężczyzny lub kobiety, często spotykamy się nie tylko z pozytywnymi, ale także i negatywnymi czynami. To również świadczy o możliwości podjęcia przez każdą osobę wolnej decyzji, co rozważaliśmy w trzecim podrozdziale tego studium.

10 Por. „Możemy zakładać leśne kultury lub ocenić rolnicze kultury. Ale możemy też cieszyć się z wysokiej kultury i mieć nadzieję na podniesienie poziomu kulturowego miasta. Jak pokazują przykłady, pojęcie kultury ma podwójne znaczenie. Opiera się na łacińskim słowie *cultura*, które początkowo odnosi się do pielęgnowacji i uprawy ziemi. Jednak już rzymski mówca Cyceon użył tego słowa w innym znaczeniu, gdy mówił o *cultura animi*, o kultywacji ducha. Dlatego przez długi czas przy używaniu słowa *cultura* musiało się wskazywać, co jest przedmiotem wspomnianej kultywacji, pielęgnowania lub uprawy - czy to natury, czy ducha. Możemy uprawiać do tej pory nieuprawianą ziemię i możemy z kimś rozmawiać w sposób kultywowany. Od czasów renesansu pojęcie kultury coraz bardziej koncentruje się na dbaniu o duchową egzystencję. Kultura stała się cechą wyróżniającą: dokonano rozróżnienia między narodami, które cechuje kultura, a barbarzyńcami.” HUBER, W., *Etika. Základní otázky života*, Praha 2016, s. 80.

PODSUMOWANIE

Po napisaniu wyżej wymienionych, kilku przemyśleń dotyczących wartości i wielkości człowieka, zdajemy sobie wyraźnie sprawę z tego, że temat jest daleki od wyczerpania. Był to pewnego rodzaju filozoficzno-psychologiczny obraz istnienia istoty ludzkiej. Jest niewątpliwie pewne, że wiedza o człowieku, a więc o nas samych jest podstawową osią wszystkich ludzkich działań i – powiedzmy sobie szczerze - różnych wyników tych działań. Przede wszystkim jednak chodzi o wewnętrzną i zewnętrzną, całościową równowagę duszy i ciała, gdy dzięki harmonijnej przynależności poznanej prawdy jesteśmy zdolni do tworzenia „lepszego jutra” nas wszystkich.

literatura:

1. BOUBLÍK, V., *Člověk očekává Krista*, KN, Kostelní Vydří 1997, ISBN 80-7192-271-4.
2. DOLISTA, J., FEBER, J., *Filosofická antropologie*, VŠERS, České Budějovice 2007, ISBN 978-80-86708-37-9.
3. HUBER, W., *Etika. Základní otázky života*, Vyšehrad, Praha 2016, ISBN 978-80-7429-642-0.
4. KUČÍREK, J., *Radikální konstruktivismus – podněty pro aplikovanou psychologii*, in *Aplikovaná psychologie. Vybraná témata*, Grada, Praha 2017, ISBN 978-80-271-9977-8.
5. MATURKANIČ, P., *Základy etiky*, VŠAPs, Terezín 2018, ISBN 978-80-87871-05-8.
6. MEDZIHORSKÝ, S., *Asertivita*, Elfa, Praha 1991, ISBN 80-900197-1-4.
7. ŠPRUNK, K., *Základní pojmy politické filosofie*, Trinitas, Praha 1997.
8. THURZO, V., *Identita, ontologický a etický štatut ľudského embrya. Epistemologický problém a jeho riešenie*, in *Acta 1/21015*, RKCMBF UK Bratislava, Bratislava 2015, ISSN 1335-8081.
9. VYŠESLAVCEV, B., *Srdce v křesťanské a indické mystice*, in *Tajemství srdce*, Refugium, Velehrad 1999, ISBN 80-86045-03-X.



Paulina Ledwójcik

Wojskowa Akademia Techniczna
Poland

Alkoholizm jako zjawisko patologiczne zagrożające bezpieczeństwu społecznemu / *Alcoholism as a pathological phenomenon jeopardizing social safety*

Summary

Social safety includes all the legal acts and organizational activities carried out by the government, non-governmental entities and citizens themselves. They aim to assure a certain level of life to the individuals, families and social groups refraining them from social marginalization. 1 The threats to social safety should be prevented by the state. Social pathologies are one of them. They constitute various social phenomena and individual or social groups' attitudes that are contradictory to the values of certain cultures and cause some social damages. Some of the threats are as following: prostitution, violence, drug addiction, criminality, suicidal behavior, vandalism, and alcoholism. Nowadays the threats connected with alcoholism are increasing. It is due to the advertisement and widespread availability 2. Alcohol abuse not only entails serious health and social issues but it also has detrimental effects on one's emotions and socio-economic situation.

Key words: alcoholism; social pathologies; safety, threats; social marginalization; addiction.

I. WSTĘP

Bezpieczeństwo społeczne obejmuje całokształt działań prawnych oraz organizacyjnych, które są realizowane przez podmioty rządowe, pozarządowe i samych obywateli. Mają one na celu zapewnianie pewnego poziomu życia osobom, rodzinom i grupom społecznym, a także niedopuszczanie do ich marginalizacji i wykluczenia społecznego (Leszczyński 2012: 12). Istotnym zadaniem państwa jest między innymi zapobieganie zagrożeniom bezpieczeństwa społecznego, wśród których znajdują się patologie społeczne. Są to zjawiska społeczne, zachowania jednostek lub określonych grup społecznych, które są sprzeczne z wartościami danej

kultury. Wskazać można prostytutkę, przemoc, narkomanię, przestępczość pospolitą, zachowania suicydalne, wandalizm i alkoholizm, któremu głównie poświęcony jest artykuł.

Współcześnie mamy do czynienia ze wzrostem zagrożeń związanych alkoholem. Przyczynia się do tego jego dynamiczna reklama a także powszechna dostępność (Liczmańska 2012: 22). W wyniku zmian cywilizacyjnych zmienia się kultura spożycia alkoholu. Nadużywanie alkoholu wiąże się nie tylko z poważnymi problemami społecznymi i zdrowotnymi, ale powoduje także szkodliwe następstwa natury emocjonalnej i społeczno-ekonomicznej. Osoby uzależnione borykają się z problemami zdrowotnymi prowadzącymi do przedwczesnej śmierci. Dodatkowo nadużycie alkoholu ma także wpływ na członków rodziny, wśród których pojawiają się schorzenia psychosomatyczne oraz zaburzenia emocjonalne (Młyński 2018:25).

II. BEZPIECZEŃSTWO SPOŁECZNE I JEGO PATOLOGIE

Obowiązkiem państwa jest między innymi dbałość o życie, zdrowie i mienie obywateli. Bardzo ważne jest także zaspokajanie ich potrzeb odpowiadających minimum życiowemu (Gierszewski 2018: 25). Aleksandra Skrabacz bezpieczeństwo społeczne przedstawia jako: „jedną z kategorii bezpieczeństwa narodowego, która odnosi się do ochrony egzystencjalnych podstaw życia oraz umożliwia realizację aspiracji życiowych przez tworzenie warunków do pracy i nauki, ochronę zdrowia oraz gwarancje emerytalne” (Skrabacz 2012: 10). Obowiązkiem państwa jest troska o obywateli, niezależnie od posiadanego przez nich statusu materialnego. Ważne jest, aby każdy człowiek mógł realnie uczestniczyć w życiu społecznym (Leszczyński 2008: 23).

Istnieje wiele zagrożeń bezpieczeństwa społecznego. W różny sposób oraz z różną siłą oddziałują na bezpieczeństwo rzeczywiste, jego postrzeganie i odczuwanie przez obywateli. Najczęściej jako źródła zagrożeń społecznych wymieniane są patologie społeczne.

Pojęcie „patologia” wywodzi się z języka greckiego (*pathos* – cierpienie, *logos* – nauka). Od wielu lat stosowane było w medycynie dla oznaczenia czynników powodujących chorobę. Dopiero pod koniec XIX wieku termin ten zaczęto stosować do określenia zachowań ludzkich skierowanych przeciwko ogólnie akceptowanym wartościom (Dobiszewski 2004: 153). Patologię można przedstawić jako destruktywne oraz autodestruktywne zachowania ludzi, grup oraz całych społeczeństw. Jest to taki rodzaj działalności, który pozostaje w sprzeczności z wartościami danego społeczeństwa (Podgórecki 1976: 24). Są to postawy i zachowania ludzi, które naruszają normy etyczne, a także wyrządzają mniej wymierne szkody społeczne. Według założeń J. Kwaśniewskiego termin „patologia” odnosi się do pewnej formy społecznego zła, które przedstawiane jest jako „cechy życia zbiorowego, które w żaden sposób nie dadzą się pogodzić z uznawanymi i akceptowanymi powszechnie wartościami społecznymi. Negatywne skutki mogą przynosić różne postawy i działania jednostek, grup i zbiorowości, stosunki między ludźmi i grupami społecznymi, sposoby zarządzania, sposoby rozwiązywania napięć i konfliktów, działania sformalizowanych instytucji, urzędów, organizacji czy systemów politycznych, społecznych itp.” (Kwaśniewski 1991: 23). Patologie społeczne są uzależnione od społecznych ocen. Te zjawiska, które są niezgodne z wzorcami zachowań systemów normatywnych społeczności mogą się

nasilać, co będzie stale zakłócało funkcjonowanie danej społeczności oraz realizację jej celów (Wódz 1973: 10).

W wyniku rozwoju społeczeństw zwiększa się poziom patologii (Pospiszył 2009: 12). Jest to wynikiem niewystarczającej kontroli zarówno formalnej, jak i nieformalnej. Patologie społeczne są zagrożeniem dla człowieka w społecznej przestrzeni bezpieczeństwa. Wśród zjawisk patologicznych P. Majer oraz A. Urbanek wyróżniają (Majer i Urbanek 2016: 15):

- prostytutkę,
- przemoc,
- narkomanię,
- przestępczość pospolitą,
- zachowania suicydalne,
- wandalizm,
- alkoholizm.

Prostytucja jest to rodzaj patologii zaliczany do wykolejenia obyczajowego. Termin ten Magdalena Jasińska definiuje jako „uprawnienie stosunków płciowych w celach zarobkowych. Kontakt seksualny zachodzi wówczas bez zaangażowania uczuciowego” (Jasińska 1991: 23). Według Iwana Blocha jest to „forma pozamałżeńskich stosunków płciowych, odznaczająca się tym, że prostytutująca się jednostka, mniej lub bardziej bez wyboru, oddaje się nieokreślonej liczbie osób, jawnie i notorycznie, rzadko bez zapłaty, na ogół w formie zawodowego sprzedawania się w celu odbywania stosunków seksualnych lub innych zachowań tego rodzaju albo w celu dostarczania jakichś podniet dających zadowolenie seksualne i w rezultacie tego zawodowego uprawiania nierządu staje się określonym stałym typem” (Albański 2010: 84). Prostytucja jako patologia społeczna związana jest z wieloma innymi zagrożeniami. Bardzo często łączy się ze światem przestępczym. Może także stanowić czynnik stymulujący inne przestępstwa takie jak np. handel ludźmi. Prostytucja stwarza duże ryzyko zakażenia wirusem HIV, towarzyszą jej również niekorzystne konsekwencje psychologiczne.

Ważnym zjawiskiem wśród patologii społecznych jest przemoc. W znaczeniu ogólnym jest to ukierunkowany lub nieukierunkowany atak fizyczny lub znęcanie się psychiczne wobec osoby lub zwierzęcia. Jedną z definicji „przemocy” przedstawia także I. Pospiszył, określając, że przemoc to „wszelkie nieprzypadkowe akty wykorzystujące przewagę sprawcy, które godzą w osobistą wolność jednostki, przyczyniają się do jej fizycznej lub psychicznej szkody i wykraczają poza społeczne normy wzajemnych kontaktów, albo też wszelkie akty udręczenia i okrucieństwa” (Pospiszył 2009: 57). Z przemocą mamy do czynienia, kiedy sprawca czuje się bezkarny. Podejmuje działanie, które narusza dobro oraz prawa ofiary. Zawsze posiada charakter intencjonalny, narusza prawa i dobra osobiste jednostki (Surzykiewicz 2000: 57). Zjawisko to jest także analizowane przez badaczy zajmujących się bezpieczeństwem. Między innymi S. Koziej wskazuje, iż używanie przemocy oraz przeciwstawianie się jej stanowi główną treść kryzysów i konfliktów społecznych. Jego zdaniem przemoc

można przedstawić jako wymuszenie realizacji własnych interesów kosztem interesów innych podmiotów (Koziej 2006: 17). Przemoc może być także postrzegana w kategorii patologii społecznej.

Kolejnym rodzajem patologii jest narkomania. Jest to stałe lub okresowe przyjmowanie w celach niemiedycznych środków odurzających lub substancji psychotropowych (Ślusarczyk 1991: 7). Mariusz Jędrzejko wyróżnia trzy rodzaje narkomanii – fizyczną, psychiczną i społeczną (Jędrzejko 2009: 20). Narkomania fizyczna jest to stan patologiczny spowodowany podawaniem środków narkotykowych. Ujawnia się w zespole objawów, który określanany jest „zespołem braku”. Polega na zaburzeniach w funkcjonowaniu krążenia, układu nerwowego oraz trawiennego, do których dochodzi w wyniku przerywania bądź znacznego zmniejszenia dawki narkotyku. Aby zapobiegać temu zjawisku konieczne jest więc nieustanne jego używanie. Narkomania psychiczna odnosi się z kolei do stanu umysłu, który jest związany ze stałym bądź okresowym używaniem narkotyków dla przyjemności. Trwałość oraz nasilenie uzależnienia w tym przypadku zależy od rodzaju przyjmowanej substancji oraz cech struktury psychicznej jednostki. Natomiast narkomania społeczna oznacza używanie narkotyków w grupie. Pociąga za sobą bezwzględne respektowanie panujących w niej zasad oraz obyczajów. Handel narkotykami oraz związane z nim zjawisko narkomanii to współcześnie problem światowy. Przemysłowcy oraz handlarze narkotykowi spowodowali, iż substancje te są dostępne niemal w każdym zakątku świata. Zjawisku temu towarzyszy przemoc, przestępczość oraz korupcja (Ślusarczyk 1991: 7).

Innym rodzajem patologii jest przestępczość pospolita. Są to przestępstwa przeciwko życiu i zdrowiu, wolności, obyczajowości, mieniu, wymiarowi sprawiedliwości, dokumentom itp. Wśród nich znajdują się wszelkie rodzaje przestępstw poza zbrodniami przeciwko ludzkości, zbrodniami wojennymi oraz zbrodniami przeciwko pokojowi.

Zachowania suicydalne to kolejna z patologii społecznych zagrażających bezpieczeństwu. Jest to kontrowersyjny oraz trudny problem. Według Marty Makary-Studzińskiej zamachy samobójcze można podzielić na dwie podstawowe grupy (Makara-Studzińska 2001: 221):

- samobójstwa dokonane,
- samobójstwa usiłowane (tzw. próby samobójcze).

Samobójstwo według Erwina Stengela jest definiowane jako „rozmyślny akt samouszkodzenia, który przed popełnieniem wyklucza w świadomości sprawcy pewność przeżycia” (Hołtys 1978: 19). W działaniach sprawców można wyodrębnić pewien ciąg zachowań. Rozpoczyna się on od uświadomienia sobie przez jednostkę destrukcyjności swojego zachowania. Najbardziej łagodną postacią w tym wymiarze będą posiadały akty potencjalnie zagrażające życiu. Następnie dochodzi do samouszkodzenia, które nie wyklucza pewności przeżycia oraz samouszkodzenia, które wyklucza pewność przeżycia. Ostatnim ogniwem jest samouszkodzenie, którego skutkiem będzie śmierć (Makara-Studzińska 2001: 222).

Kolejnym rodzajem patologii jest wandalizm. Jest to umyślne niszczenie jakichś dóbr i wartości. Godzi on najczęściej w dobro, które wydaje się niczyje lub należy do osoby bliżej nie określonej. Akty wandalizmu są popełniane najczęściej z powodu potrzeby psychicznej, dla samej potrzeby dokonania aktu przemocy (Leszczyński 1984: 81).

Wśród krótko scharakteryzowanych patologii do jednej z najpoważniejszych należy zaliczyć alkoholizm. Szczegółowe aspekty tego zagrożenia społecznego przedstawią dalsza część artykułu.

III. ALKOHOLIZM W LITERATURZE PRZEDMIOTU – UWARUNKOWANIA, SKALA ZJAWISKA

Alkoholizm według definicji encyklopedycznej jest uznawany za nałogowe używanie alkoholu, które prowadzi do ograniczenia sprawności fizycznej i umysłowej. Przewlekłe prowadzi do chorób psychicznych, ciężkich schorzeń wątroby, nerek, żołądka, itd. Dodatkowo alkoholizm przyczynia się do zwiększenia przestępczości, szerszeniu się chorób wenerycznych a także posiada ujemny wpływ na potomstwo. W literaturze przedmiotu alkoholizm jest różnie definiowany. Często można spotkać się z zamiennym stosowaniem takich terminów jak pijaństwo, alkoholizm czy nałóg. Dodatkowo są one wyróżniane w oparciu o niepowiązane ze sobą kryteria (Hryniewicz 1972: 27).

Alkoholizm jest to jeden z częstszych przejawów patologii społecznej. Jest to choroba woli, która uniemożliwia człowiekowi powstrzymanie się od spożywania alkoholu (Majer i Urbanek 2016: 169). Alkoholizm według Jana Karola Falewicza można rozpatrywać w trzech kategoriach zagrożeń (Falewicz 1993: 37):

- biologiczne: prowadzi do degradacji człowieka oraz patologii rodziny osoby uzależnionej, przenosi na dzieci dysfunkcje w środowisku społecznym;
- ekonomiczne: alkoholizm posiada wpływ na efektywność pracy, może powodować wypadki w czasie jej trwania, jest zabroniony w trakcie, może więc prowadzić do jej utraty; w szerokim aspekcie pijaństwo wiąże się z powiązaniem przestępczymi, powstawaniem grup mafijnych, działań zarówno na pograniczu prawa, jak i poza jego granicami;
- społeczno-kulturowe: prowadzi do powolnego rozpadu więzi rodzinnych oraz społecznych, czego skutkiem może być rozpad rodziny, zaburzenia procesu socjalizacji dzieci i młodzieży, w wyniku nadużywania alkoholu dochodzi do kształtowania negatywnych postaw społecznych (znieczulica, cynizm, oportunizm, itd.).

Przez lata kształtowały i kształtują się kryteria rozpoznawania zaburzeń spowodowanych nadużywaniem alkoholu. Jest to związane z nieustannym poszukiwaniem odpowiedzi na pytanie „Jakie stosować kryteria przy rozróżnianiu picia?”. Światowa Organizacja Zdrowia za najbardziej czytelny wskazała model statystyczny. Polega on na charakterystyce przeciętnej ilości oraz częstości spożywania alkoholu. Został on także uznany przez Państwową Agencję Rozwiązywania Problemów Alkoholowych, która określiła poszczególne wzorce picia alkoholu (Cierpiałkowska i Ziarko 2010: 62):

- picie ryzykowne: taki wzorzec picia sprzyja szkodom zdrowotnym, polega na tym, że kobieta w ciągu tygodnia spożywa średnio 20-40 g alkoholu, zaś mężczyzna 40-60 g;
- picie szkodliwe: wzorzec ten pojawia się, kiedy średnie spożycie na tydzień u kobiet przekracza 40 g, zaś u mężczyzn 60 g.;

- picie okazjonalne: picie alkoholu zarówno przez młodzież jak i osoby dorosłe stanowiące ryzyko pojawienia się uzależnienia.

Alkohol może różnie oddziaływać na poszczególne osoby. W związku z tym należy przedstawić uwarunkowania uzależnień. Uwarunkowania te dzielą się na biologiczne, psychiczne i społeczne (Ryś 2008: 15).

Biologiczne uwarunkowania alkoholizmu dotyczą genetycznego dziedziczenia właściwości metabolicznych oraz biologicznych, które sprzyjają szybkiemu uzależnieniu. Dotyczy to przede wszystkim metabolizmu alkoholu, tego jak reaguje na alkohol mózg, centralny układ nerwowy oraz inne organy. Utlenianie alkoholu w największym stopniu odbywa się w wątrobie, za pomocą enzymów, które posiadają indywidualne odmiany i zakres działania u poszczególnych jednostek. Odmienność ta może sprzyjać spożywaniu alkoholu w dużych ilościach, bez odczuwania konsekwencji. Sytuacja taka prowadzi do szybszego uzależnienia się od alkoholu. Irena Pospiszyl wskazuje, że biochemiczne podłoże alkoholizmu wynika także z zaburzeń w przemianie węglowodanów oraz tłuszczów u osób wysokiego ryzyka. Zaburzenia te polegają na niezdolności niektórych aminokwasów do przemiany węglowodanów i tłuszczów w procesie metabolizmu. Alkohol ułatwia ten proces i wywołuje specyficzną potrzebę – „głód alkoholowy” (Pospiszyl 2009: 142). Włodzimierz Majkowski wskazuje także na następujące przyczyny popierające biologiczną koncepcję uzależnienia (Majkowski 1998: 76):

- wrodzone bądź nabyte niedobory endorfin, ich niedobór czyni organizm podatnym na uzależnienie;
- osoby uzależnione pozostają nimi do końca życia, bowiem w mózgu dokonują się nieodwracalne zmiany;
- każdy organizm inaczej zachowuje się w reakcji na substancję toksyczną, także na alkohol, co świadczy o genetycznym uwarunkowaniu pewnych predyspozycji.

Analizując psychiczne uwarunkowania uzależniania można wskazać następujące hipotezy (Ryś 2008: 19):

- Hipoteza redukcji napięcia: jednostka sięga po alkohol, aby uzyskać stan znacznej redukcji napięcia psychicznego, posiada przeświadczenie, iż efekt ten może osiągnąć poprzez spożycie alkoholu;
- Hipoteza uczenia się przez warunkowanie: w tym przypadku znaczenie posiada rola zmian (wewnętrznych oraz zewnętrznych), które są wywołane działaniem alkoholu, alkohol sprzyja osiągnięciu wyznaczonych celów;
- Hipoteza modelowania: przyczyną wstępowania uzależnienia jest obserwowanie oraz modelowanie destrukcyjnych wzorców picia stosowanych przez osoby bliskie, największe znaczenie będą posiadały postawy rodziców.

Dodatkowo można wskazać pewne cechy osobowości, które sprzyjają uzależnieniu się od alkoholu. Jerzy Mellibruda wskazuje wśród nich (Mellibruda 1999: 20):

- słabe „ego”, postrzeganie siebie w sposób negatywny, niedojrzałość emocjonalna, impulsywność;

- neurotyczność, wysoki lęk, stany depresyjne, histeryczność;
- wrażliwość na bodźce, intensyfikacja wrażeń;
- zależność emocjonalna oraz interpersonalna od innych osób.

Duże znaczenie w poszukiwaniu przyczyn uzależnień posiadają uwarunkowania społeczne. Szczególnie ważne jest w tym przypadku środowisko rodzinne. Na skutego negatywnego i długotrwałego oddziaływania najbliższego otoczenia może dojść do ukształtowania „osobowości przednałogowej” (Karpowicz 2003: 49). Negatywne oddziaływanie rodziny powoduje pojawienie się u dziecka takich cech jak niska samoocena, poczucie krzywdy, żal, złość. Dodatkowo brakuje właściwych metod radzenia sobie ze stresem. Wszystko to sprzyja sięganiu po alkohol. Przeżyte w dzieciństwie traumy, stres oraz zaniedbania także mają wpływ na częstość sięgania po alkohol. Jednostka dorastająca w rodzinie z uzależnieniem alkoholowym często nie będzie posiadała właściwych umiejętności interpersonalnych, kompetencji w nawiązywaniu oraz podtrzymywaniu związków. W tym przypadku należy wskazać, iż alkohol oddziałujący na organizm przyczynia się do pewności, a także sprawia, że osoba pijąca postrzega samego siebie o wiele korzystniej (Dziewiecki 1998: 115).

Anna Kościan wyróżnia także duchowe czynniki sprzyjające uzależnieniu. Wśród przyczyn sięgania po alkohol wskazuje między innymi brak poczucia celu oraz sensu życia, brak spełnienia potrzeb duchowych. Dotyczy to swoistej tęsknoty za celami wyższymi i dążenia do tego co nieosiągalne i niedostępne. Alkohol pozwala na minimalizowanie niedosytu, daje poczucie wyższości oraz wszechmocy (Kościan 2011:8).

Rys. 1. Średnio alkohol na 1 mieszkańca w litrach 100% alkoholu w latach 1993-2017.



Źródło: Opracowanie własne na podstawie <http://www.parpa.pl/index.php/badania-i-informacje-statystyczne/statystyki>, dostęp 21.10.2018.

Analizując zjawisko alkoholizmu warto wskazać, jaka jest jego skala w Polsce. Poziom spożycia alkoholu w populacji przedstawia się za pomocą wskaźnika spożycia stuprocentowego na osobę. Według danych Państwowej Agencji Rozwiązywania Problemów Alkoholowych (PARPA) spożycie 100% alkoholu w przeliczeniu na jednego mieszkańca w roku 2017 wynosiło 9,45 litra (www.parpa.pl). Poziom spożycia alkoholu od wielu lat posiada tendencje rosnącą, przy zachowaniu pojedynczych spadków w roku 2009 i 2014 wynikających z podniesienia podatku akcyzowego. Aktualnie notowane poziomy są zdecydowanie wyższe niż na początku lat 90. Dane dotyczące spożycia alkoholu w latach 1993-2017 zostały przedstawione na rysunku 1.

PARPA od wielu lat analizuje szczegółowo dane dotyczące uzależniania od alkoholu. Informacje na temat liczby osób uzależnionych przedstawia tabela 1.

Tabela 1. Populacje osób, u których występują różne kategorie problemów alkoholowych (dane szacunkowe)

	% populacji	W Polsce (38,6 mln)	W mieście 100 tys. mieszkańców	W mieście 25 tys. mieszkańców	W gminie 10 tys. mieszkańców
Liczba osób uzależnionych	Ok 2% populacji	ok. 800 tys.	ok. 2.000 osób	ok. 500 osób	ok. 200 osób
Dorośli żyjący w otoczeniu alkoholika (współmałżonkowie, rodzice)	Ok. 4% populacji	ok. 1,5 mln	ok. 4.000 osób	ok. 1.000 osób	ok. 400 osób
Dzieci wychowujące się w rodzinach alkoholików	Ok 4% populacji	ok. 1,5 mln	ok. 4.000 osób	ok. 1.000 osób	ok. 400 osób
Osoby pijące szkodliwie	5-7% populacji	2-2,5 mln	5.000-7.000 osób	1.250-1.750 osób	ok. 500-700 osób
Ofiary przemocy domowej w rodzinach z problemem alkoholowym	2/3 osób dorosłych i 2/3 dzieci z tych rodzin	Razem ok 2 mln osób: dorosłych i dzieci	Około 5.300 osób: dorosłych i dzieci	Około 1.330 osób: dorosłych i dzieci	Około 530 osób: dorosłych i dzieci

Źródło: Opracowanie własne na podstawie <http://www.parpa.pl/index.php/33-analizy-badania-raporty/132-statystyki>, dostęp 04.11.2018.

Według danych PARPA ogółem 25% Polaków spożywa alkohol przynajmniej raz w tygodniu. Odnosząc się do płci, więcej piją mężczyźni. Najczęściej alkohol jest spożywany w domu, u znajomych, przyjaciół oraz u rodziny.

IV. ALKOHOLICY JAKO OSOBY SZCZEGÓLNIIE ZAGROŻONE WYKLUCZENIEM SPOŁECZNYM

Wykluczenie społeczne (marginalizacja) jest to zjawisko bądź sytuacja, w której dochodzi do niepodjęcia uczestnictwa w życiu społecznym (Frąckowiak i Motyka 2015: 322). Wykluczenie społeczne jest to zjawisko wielowymiarowe. Oznacza niemożność uczestnictwa w życiu gospodarczym, politycznym i kulturowym. Dochodzi do ograniczenia dostępu do dóbr, instytucji, łamania praw człowieka. Alkohol nierzadko jest przyczyną wykluczenia społecznego

Nadużywanie alkoholu przez osoby uzależnione posiada wiele ujemnych skutków, które ujawniają się w różnych sferach życia człowieka, konsekwentnie prowadzących do wykluczenia społecznego. Wskazać można przede wszystkim negatywny wpływ na zdrowie osoby pijącej. Wśród osób młodych alkohol często prowadzi do zgonów i inwalidztwa. Jest to także ważna przyczyna wypadków. Jego spożycie w młodym wieku może mieć także wpływ na rozwój emocjonalny i zaburzenia procesu dojrzewania (Frąckowiak i Motyka 2015: 322). Należy także wskazać, iż wśród osób dorosłych w Polsce z przyczyn bezpośrednich lub pośrednich związanych z piciem alkoholu co roku umiera kilkanaście tysięcy osób. Uzależnienie powoduje zmiany w funkcjonowaniu fizjologicznym, psychologicznym oraz poznawczym. Jest to przyczyna wielu chorób, np. marskość wątroby, zapalenie trzustki, polineuropatia alkoholowa, itd. U wielu osób nadużywających alkohol dochodzi do zmian w obrębie ośrodkowego układu nerwowego. W związku z tym możliwość podjęcia trwałej abstynencji jest ogromnym wyzwaniem. Osobnym typem szkód zdrowotnych są uszkodzenia płodów w związku ze spożyciem alkoholu przez kobiety ciężarne. W wyniku takiego postępowania może dochodzić do występowania alkoholowego zespołu płodowego (FAS – Fetal Alcohol Syndrome). W jego efekcie dzieci rodzą się z obniżoną wagą, obniżoną odpornością oraz uszkodzonym układem nerwowym. Dominującym objawem FAS jest upośledzenie intelektualne oraz zaburzenia zachowania (Dyr. 2006: 395).

Alkohol posiada także negatywny wpływ na życie rodzinne. Dodatkową konsekwencją może być współuzależnienie, które jest określane jako „szkodliwy sposób na przystosowanie się” (Ciosek 2011: 210). Prowadzi to do utrudnienia realistycznej oceny sytuacji, a tym samym możliwości rozwiązania problemów. U osób współuzależnionych często dochodzi do problemów emocjonalnych, zaburzeń lękowych oraz depresyjnych. W rodzinach osób nadużywających alkohol często pojawia się przemoc. Szczególnie trudna sytuacja dotyczy dzieci, które są wychowywane w rodzinach z problemem alkoholowym, bowiem dotyka je wiele zagrożeń związanych z uzależnieniem rodzica. Ciągły stres posiada także negatywne skutki dla rozwoju fizycznego. Część młodych ludzi wynosi z domu nieakceptowane społecznie schematy zachowań oraz reakcji emocjonalnych, co w konsekwencji zakłóca ich funkcjonowanie w dorosłości. Mówi się wtedy o występowaniu Syndromu DDA (Dorosłe Dzieci Alkoholików). Powrót takiego dziecka do stabilności jest możliwy wyłącznie przy długotrwałej interwencji psychoterapeutycznej (Ryś 2011: 93).

Powszechnie znany jest także wpływ alkoholu na wydajność w pracy oraz karierę zawodową. Praca pod wpływem alkoholu jest zakazana i powszechnie nieakceptowana przez społeczeństwo.

Bardzo często alkoholizm idzie w parze z bezrobociem, co w dużym stopniu wpływa na wykluczenie społeczne. Relacja może być w tym przypadku obustronna – alkohol wpływa na utratę pracy lub bezrobocie jest przyczyną spożycia alkoholu. Dodatkowo oba te czynniki mogą się pojawić w wyniku zupełnie niepowiązanej sytuacji, która będzie wyjaśniała, dlaczego niektóre osoby są bezrobotne oraz uzależnione od alkoholu.

Wskazać można następujące społeczne skutki nadużywania alkoholu (Auleytner i Głąbicka 2001: 121):

- w wyniku nadużywania alkoholu dochodzi do spadku wydajności oraz zwiększenia kosztów w sferze opieki zdrowotnej, opieki społecznej, transporcie oraz wymiarze sprawiedliwości;

- nadużywanie alkoholu obciąża system opieki zdrowotnej (zgon, przejścia do szpitali związane z nadużywaniem alkoholu);
- spożywanie alkoholu sprzyja wypadkom łamania prawa, przestępczości, samobójstwom, aktom przemocy;
- picie alkoholu to jedna z przyczyn spadku wydajności pracy, powoduje absencję, wypadki oraz obniżenie jakości wykonywanej pracy;
- alkohol częstym powodem rozwodów;
- nadużywanie alkoholu posiada ujemny wpływ na role pełnione przez człowieka w społeczeństwie oraz w rodzinie.

Przedstawione przykłady mogą mieć wpływ na wykluczenie społeczne jednostki nadużywającej alkohol. Wykluczenie społeczne to ograniczenie zwyczajowej i społecznie akceptowanej drogi życiowej. W rezultacie takiej sytuacji jednostka bądź grupa społeczna nie ma możliwości uczestnictwa w działaniach obywateli społeczeństwa, na co zdecydowany wpływ posiada nadużywanie alkoholu.

V. INSTYTUCJE WSPIERAJĄCE WYCHODZENIE Z UZALEŻNIENIA

Alkoholizm to nie tylko fizyczne uzależnienie od alkoholu, ale także choroba myśli i uczuć (Pietrzyk 2000: 104). Alkohol także najczęściej nie jest głównym problemem alkoholika. Leczenie nie kończy się więc w momencie zaprzestania picia. Jest to wręcz przeciwnie dopiero jego początek. Bardzo ważne jest wsparcie ze strony osób i instytucji, zajmujących się uzależnieniami. Poniżej zaprezentowano poszczególne podmioty zajmujące się problemami alkoholowymi.

Placówki leczenia uzależnienia odwykowego (np. szpitale, ośrodki terapii, poradnie terapii i uzależnień) oferują leczenie w formie psychoterapii uzależnień. W niektórych zapewniana jest także pomoc medyczna, która ukierunkowana jest na leczenie alkoholowych zespołów abstynencyjnych. Wymienione placówki posiadają różne formy funkcjonowania (całodobowe, dzienne, ambulatoryjne). Większość placówek oferuje także pomoc dla współuzależnionych.

Gminne/miejskie komisje rozwiązywania problemów alkoholowych prowadzą działalność w każdej gminie (Dz.U. 1982 Nr 35 poz. 230.). Wśród ich zadań można wskazać między innymi rozpoczęcie procedury nałożenia na uzależnionego obowiązku poddania się leczeniu. Musi jednak zaistnieć warunek rozkładu życia rodzinnego osoby uzależnionej, demoralizacja nieletnich, uchylenie się od pracy bądź systematyczne naruszanie porządku i spokoju społecznego. Najczęściej osoba uzależniona jest zgłaszana do Komisji przez osobę z rodziny. Zadania Gminnych/Miejskich komisji rozwiązywania problemów alkoholowych są określone w ustawie o wychowaniu w trzeźwości i przeciwdziałaniu alkoholizmowi. Do zadań tych zalicza się (Dz.U. 1982 Nr 35 poz. 230):

- podejmowanie działań służących realizacji zadań własnych gminy odnoszących się do profilaktyki i rozwiązywania problemów alkoholowych;

- prowadzenie działalności zmierzającej do orzeczenia o zastosowaniu wobec osoby uzależnionej obowiązku podania się leczeniu;
- wydawanie opinii wobec zezwoleń na sprzedaż napojów alkoholowych;
- kontrola przestrzegania zasad oraz warunków korzystania z zezwoleń sprzedaży napojów alkoholowych;
- prowadzenie współpracy z zespołami interdyscyplinarnymi oraz grupami roboczymi na podstawie ustawy o przeciwdziałaniu przemocy w rodzinie.

Interdyscyplinarne zespoły do spraw przeciwdziałania przemocy podobnie jak komisje rozwiązywania problemów alkoholowych działają w każdej gminie. Wśród ich członków można wskazać przede wszystkim przedstawicieli pomocy społecznej, oświaty, ochrony zdrowia i Policji. Głównym zadaniem zespołów jest inicjowanie działań zmierzających do wyeliminowania przemocy w rodzinie a także udzielenie pomocy jej członkom.

Ośrodki pomocy społecznej także działają w każdej gminie. Można w nich uzyskać informacje o instytucjach wspierających osoby uzależnione, a także członków ich rodzin. Ośrodki wspierają w załatwianiu spraw urzędowych i innych spraw bytowych.

W szerokim wachlarzu zadań, jakie są realizowane przez pomoc społeczną znajdują się także jasno określone w ustawie regulacje dotyczące pomocy osobom uzależnionym. Ustawa o pomocy społecznej w art. 3 pkt. 9 wyjaśnia: „pomocy społecznej na zasadach określonych w ustawie udziela się osobom i rodzinom, w szczególności z powodu: [...] alkoholizmu lub narkomanii [...]” (Dz. U. 2004 Nr 64 poz. 593). Zatrudnione w ośrodkach pomocy społecznej osoby rozpoznają potrzeby społeczne, które są w niewystarczającym stopniu zaspokajane przez inne instytucje. Pierwszym krokiem jest profilaktyka i wczesne rozpoznawanie problemów alkoholowych. Wśród podopiecznych ośrodków pomocy społecznej znajdują się osoby będące w szczególnej grupie ryzyka problemów alkoholowych – długotrwale bezrobotni, bezdomni, samotne matki. Wśród zadań profilaktycznych wskazać można między innymi:

- edukację na temat zagrożeń uzależnieniami, diagnozę zagrożeń;
- reagowanie na spożywanie alkoholu przez podopiecznych (aby uzyskać świadczenia konieczne jest zachowanie trzeźwości);
- edukację w zakresie wiedzy o uzależnieniu, współuzależnieniu i jego skutkach.

Możliwość uzyskania świadczeń pomocy społecznej uzależnia się od podejmowania przez podopiecznych działań ukierunkowanych na rozwiązanie problemu alkoholowego.

W niektórych gminach prowadzone są świetlice socjoterapeutyczne. Ich celem jest pomoc w opiece i wychowaniu dzieci, które pochodzą z rodzin problemowych. Dzieci, które uczęszczają do takiej świetlicy mogą liczyć na pomoc psychologów i socjoterapeutów (www.parpa.pl).

Podczas pomocy uzależnionym ważną rolę spełniają także grupy samopomocowe. Grupy samopomocowe, złożone z osób, które borykają się z podobnymi problemami, tego rodzaju grupy nie zawsze są prowadzone przez wykwalifikowanych terapeutów, często liderem jest osoba dotknięta tym samym problemem (samopomoc).

boris.org.pl). Ich skuteczność jest uzależniona od zaangażowania, umiejętności i wiedzy uczestników. Dzięki uczestnictwu w grupach samopomocowych dochodzi do ukształtowania się nowego układu relacji międzyludzkich, polegających na współpracy. Samo bycie częścią grupy może posiadać znaczenie terapeutyczne. Terapia grupowa pozwala na nowe poznanie świata. Udział w grupie terapeutycznej to szansa na spotkanie osób w podobnej sytuacji. Najważniejsza w niej jest zasada równości. Jest to przeciwieństwo biurokratycznych modeli instytucji, które zajmują się opieką zdrowotną. Bardzo ważnym elementem jest także dobrowolność uczestnictwa w grupie.

VI. PODSUMOWANIE

Zadaniem każdego państwa jest zapobieganie zagrożeniom bezpieczeństwa społecznego, wśród których wskazać można między innymi nadużywanie alkoholu. Alkoholizm i inne patologie społeczne są jednak bardzo często ze sobą powiązane. Alkoholizm jest patologią szczególnie niebezpieczną ze względu na swoją specyfikę. Wynika to z powszechnej dostępności alkoholu. Dodatkowo jego spożywanie w niewielkiej ilości nie jest postrzegane jako coś negatywnego. Utrudnia to właściwą identyfikację ryzyka oraz wymaga tworzenia narzędzi pozwalających na walkę z uzależnieniem. Alkoholizm niesie za sobą skutki zarówno w wymiarze krótkoterminowym, jak i długoterminowym. Nadużywanie alkoholu oraz uzależnienie od jego spożycia powoduje wiele szkód dla jednostki – od problemów zdrowotnych, po szczególne zagrożenie wykluczeniem społecznym. Wszelkie działania prowadzące do redukcji szkód oraz zapobiegające mnożeniu się problemów to niezbędna aktywność instytucji państwowych.

Ważnym zadaniem jest prewencja alkoholowa i tworzenie odpowiednich instytucji zajmujących się przeciwdziałaniem uzależnieniom i leczeniem ich. Korzystanie z proponowanych rodzajów pomocy nierzadko prowadzi do powrotu do prawidłowego pełnienia ról społecznych.

LITERATURA:

1. Albański L., *Wybrane zagadnienia z patologii społecznej*, Kolegium Karkonoskie w Jeleniej Górze, Jelenia Góra 2010.
2. Auleytner J., Głębicka K., *Polskie kwestie socjalne na przełomie wieków*, Towarzystwo Wiedzy Powszechnej. Wyższa Szkoła Pedagogiczna, Warszawa 2001.
3. Bielicki E., *Z problematyki resocjalizacyjnej. Patologia społeczna. Patologia indywidualna. Etiologia kryminalna*. Kara, Wyd. Kujawsko-Pomorska Szkoła Wyższa, Bydgoszcz 2005.
4. Bołoz W., *Uzależnienia i odpowiedzialność*. Studia nad Rodziną, nr 2, 1998.
5. Ciosek M., *Sekretny świat rodziny z problemem alkoholowym*, Studia Gdańskie, Wizje Rzeczy 2011.
6. Dobiszewski A., *Przyczyny i przejawy patologii społecznej*, *Polityka i Społeczeństwo*, 1/2004.
7. Dyr W., *Efekty działania alkoholu w okresie prenatalnym w modelu zwierzęcym*, *Alkohol Narkom* 2006, 4.
8. Dziewiecki M., *Rola Kościoła w wychowaniu do wolności w kontekście integralnego spojrzenia na profilaktykę*. Studia nad Rodziną, nr 2, 1998.
9. *Encyklopedia Powszechna PWN*, Warszawa 1985.
10. Falewicz J.K., *ABC problemów alkoholowych*, Państwowa Agencja Rozwiązywania Problemów Alkoholowych, Warszawa 1993.

11. Frąckowiak M., Motyka M., Charakterystyka problemów społecznych związanych z nadużywaniem alkoholu, *Hygeia Public Health* 2015, 50(2).
12. Gierszewski J., *Bezpieczeństwo społeczne jako dziedzina bezpieczeństwa narodowego*, Akademia Pomorska w Słupsku, Historia i Polityka Nr 23(30) /2018.
13. Hryniewicz L., *Człowiek- alkohol- alkoholizm*, Wyd. PWN, Warszawa 1972.
14. Karpowicz J., *Paradygmaty psychoterapii*, Eneteia, Warszawa 2003.
15. Kinney J., Leaton G., *Zrozumieć alkohol*, PARPA, Warszawa 1996.
16. Koziej S., *Między piekłem a rajem. Szare bezpieczeństwo na progu XXI wieku*, Wyd. Adam Marszałek, Toruń 2006.
17. Kwaśniewski J., *Patologia społeczna. Wybrane problemy*, Warszawa 1991.
18. Leszczyński J., *Wandalizm - aspekty socjologiczne, psychologiczne i prawne*, B. Hołyst (red.), Warszawa 1984, *Palestra* 30/1(337).
19. Leszczyński M., *Bezpieczeństwo społeczne a współczesne państwo*, „Zeszyty Naukowe Akademii Marynarki Wojennej”, Rok LII nr 2 (185), 2011.
20. Lisiecki M. (red.), *Zarządzanie bezpieczeństwem – wyzwania XXI wieku*, Wyd. Wyższej Szkoły Zarządzania i Prawa, Warszawa 2008.
21. Majer P., Urbanek A., *Bezpieczeństwo społeczne. Ewolucja, instytucje, zagrożenia*, *Bezpieczeństwo dziś i jutro*, Editions Spotkania, Warszawa 2016.
22. Makara-Studzińska M., *Wybrane zagadnienia z problematyki suicydologii*, *Annales Universitatis Mariae Curie-Skłodowska Lublin – Polonia*, VOL. XXVI, 17, 2001.
23. Mellibruda J., *Psychologiczna analiza funkcjonowania alkoholików i członków ich rodzin*, IPZ, Warszawa 1999.
24. Młyński J., *Wykluczenie społeczne wyzwaniem dla współczesnego świata*, *Teol Moralność* 2012.
25. Podgórecki A., *Zagadnienia patologii społecznej*, Warszawa 1976.
26. Pojęcie alkoholizmu i związane z tym zaburzenia osób najbliższych, <http://www.kolbaskowo.pl/>, dostęp 01.09.2018.
27. Pospiszyl I., *Patologie społeczne*, WN PWN, Warszawa 2009.
28. Pstrąg D. (red.), *Uzależnienia oraz związane z nimi zagrożenia społeczne*, Wyd UR, Rzeszów 2014.
29. Ryś M., *Rodzinne uwarunkowania psychospołecznego funkcjonowania Dorosłych Dzieci Alkoholików*, Wyd. PWN, Warszawa 2008.
30. Ryś M., *Role pełnione w rodzinie z problemem alkoholowym a poczucie własnej wartości i relacje interpersonalne z najbliższymi u Dorosłych Dzieci Alkoholików*, *Fides et Ratio* 2011, 4(8).
31. *Słownik politologii*, Wyd. PWN, Warszawa 2008.
32. Surzykiewicz J., *Agresja i przemoc w szkole. Uwarunkowania socjoekologiczne*, Centrum Metodyczne Pomocy Psychologiczno-Pedagogicznej, Warszawa 2000.
33. Szymanowski T. (red.), *Patologia społeczna. Wybrane problemy*, Wyd. WSPS, Warszawa 1991.
34. Ślusarczyk B., *Narkomania. Problemy prawno-kryminologiczne*, Wyd. Prawnicze, Warszawa 1991.
35. Wódz J., *Zjawisko patologii społecznej a sankcje społeczne i prawne*, Ossolineum, Wrocław – Warszawa – Kraków – Gdańsk 1973.

Strony internetowe:

36. http://alkoholizm.eu/pub/biologiczne_uwarunkowania.pdf, dostęp 15.10.2018.
37. <http://www.parpa.pl/index.php/badania-i-informacje-statystyczne/statystyki>, dostęp 21.10.2018.
38. <https://pl.glosbe.com/pl/pl/przest%C4%99pstwo%20pospolite>

Akty prawne:

39. Ustawa o wychowaniu w trzeźwości i przeciwdziałaniu alkoholizmowi z dnia 26 października 1982 roku, Dz.U. 1982 Nr 35 poz. 230.
40. Ustawa z dnia 12 marca 2004 r. o pomocy społecznej, Dz. U. 2004 Nr 64 poz. 593.
41. Ustawa z dnia 26 października 1982 r. o wychowaniu w trzeźwości i przeciwdziałaniu alkoholizmowi, Dz.U. 1982 Nr 35 poz. 230.



Iwona Ignasiak-Skurowska

Politechnika Śląska
Katowice, Poland

El diálogo en *El corazón helado* de Almudena Grandes / *The dialogue* *in The frozen heart of Almudena Grandes*

Summary

This article posits as a testing center the novel of Almudena Grandes *The frozen heart* (2009) in correspondence with the motion of *the dialogue* taken from Gadamer's hermeneutics. It seeks to draw parallels to see how the generation of grandchildren of two families related to Spanish Civil War cope with the fault and grief of grandparents. We analyze the degree of mutual understanding and dialogue of post-memory participants.

Key words: dialogue, memory, posmemory, Spanish Civil War, Gadamer, hermeneutics.

GADAMER VERSUS GRANDES

La hermenéutica filosófica de Gadamer, también llamada la filosofía de la comprensión, insiste en que el reto principal del ser humano sea aspirar al entendimiento mutuo¹. Tal estado de las cosas está de acuerdo con la dimensión práctica de la hermenéutica proveniente de su pretensión a la universalidad y de la potencia de mejorar la vida social².

Gadamer parte de la radical finitud humana cuya horizonte es cuestionable, variable y limitado y, por lo tanto, el valor de la experiencia reside en la fragilidad de toda certeza y la provisionalidad de todo significado. Aun así, la hermenéutica de Gadamer, al enfatizar el carácter histórico y situado de nuestra comprensión, asume que el

1 Citemos a Zúñiga (1995: 29):

Esta es la tarea de la hermenéutica: buscar nuevos caminos para acceder a la cosa, dar rodeos, argumentar, preguntar y contestar, objetar y refutar..., en definitiva, todo lo que constituye el arte de la conversación. (...) Esta es la tesis que (...), a nuestro juicio, es el núcleo de la hermenéutica filosófica de Gadamer.

2 Tal y como señala Gadamer, el diálogo condiciona nuestra participación en la vida social; por ello toda la experiencia del mundo está inscrita en la perspectiva hermenéutica.

diálogo con la tradición es infinito siendo una constante creación de sentido. Dicho sentido nunca se realiza en ausencia de presuposiciones; nuestra orientación hacia el mundo está intrínsecamente condicionada por la tradición de la que somos parte.

El índice más competente y significativo de una conversación fructuosa es el verdadero cambio de la opinión por ambas partes de tal modo que un retorno a una controversia inicial es imposible. Los interlocutores “van entrando, a medida que se logra la conversación, bajo la verdad de la cosa misma, y es ésta la que los reúne en una nueva comunidad” (Gadamer 1997: 457-458) aunque sea por un breve periodo del tiempo. Consecuentemente, en el campo de la literatura, sirviéndose de las palabras de Gómez Redondo (1996: 238), puede decirse que “para Gadamer, una obra literaria no posee, en ningún momento, un significado acabado, (...) la lectura implica un proceso de interpretación, una especie «de círculo comprensivo»”³.

Está de acuerdo con lo dicho Michail Bajtín quien en la polifonía, la figura esencialmente dialógica que da razón a voces múltiples ideológicamente autónomas, *jerárquicamente* libres, basadas en igualdad de condiciones entre sí y con respecto a la voz del autor, busca la negación de cualquier autoridad ideológica⁴. Huerta Calvo (1982: 148) confirma lo siguiente:

Esta novela «a varias voces» contiene, así, una pluralidad de mundos, cada uno de los cuales se corresponde con cada voz que se deja oír en el texto. La misión del novelista consistirá en contraponer las voces-personajes entre sí, enfrentará dialécticamente, incluso consigo mismas, a fin de ofrecer no el devenir biográfico de un solo individuo -con la restricción consiguiente del interés-, sino la difícil coexistencia de diferentes voluntades.

Tanto Gadamer como Bajtín consideran la novela como una encrucijada y un lugar de encuentros, un género abierto que, aparte de tener la estructura polifónica, dialoga con sus lectores cada vez sumergidos en su presente.

El corazón helado de Almudena Grandes es, a nuestro parecer, la novela que cumple con los requisitos de ser considerada como una obra dialógica tanto al nivel estructural como al del contenido. En *El corazón...* podemos identificar sin dificultades los recursos estilísticos típicos de la polifonía; esta multiplicación de discursos propios y ajenos: la hibridación, la interrelación dialogada de lenguas, en donde se incluye la estilización, la parodia y el diálogo puro. Hablando de la estructura merece la pena mencionar el papel del narrador que -según el *teórico ruso*- recoge información de otros discursos. Tal operación además de generar un diálogo entre ellos, pone al narrador entre la omnisciencia y la no-omnisciencia lo cual hace auténtico un intento del entendimiento y del conocimiento mutuos entre -en el caso de la novela en cuestión- las dos naciones españolas⁵. Las dos naciones sobre las cuales Antonio

3 Ahora vemos que “la propuesta de Gadamer contradice radicalmente cualquier forma de dogmatismo (...). Contra la ingenuidad de considerar la propia situación histórica como algo inmediato y absoluto (...) Gadamer recuerda que en lo otro siempre queda un resto inasimilable” (Caner-Liese, 2009:51).

4 En palabras de Bajtín (1991:101):

Para buscar un camino hacia su sentido y su expresión, el discurso atraviesa diversas expresiones y acentos extraños; está de acuerdo con ciertos elementos, en desacuerdo con otros, y en este proceso de dialogización puede dar forma a su imagen y a su tono estilístico.

5 En resumidas cuentas: se trata de la situación donde las distintas voces o puntos de vista de la novela ni son vehículos de la verdad ni se subordinan a una idea dominante que pudiera estar encarnada en la voz del autor.

Machado dice “Españolito, que vienes / al mundo te guarde Dios/ una de las dos Españas/ ha de helarte el corazón”. Obviamente, estamos pensando en la división muy cruel y simplificada pero al mismo tiempo bastante común: la de los supuestos vencedores de la guerra civil española y los supuestos perdedores, los republicanos y los *monárquicos, los víctimas y los verdugos*, etc.

COMPRENDER ES CONVERSAR

Arriba mencionadas cualidades de obra dialógica serán posibles siempre y cuando aparezca una actitud constante de pregunta, codiciosa de obtener una mayor comprensión. La importancia que aporta Gadamer a la estructura de pregunta-respuesta, consiste principalmente en el equilibrio de ambas partes que asumen el papel de quien puede formular preguntas y de quien tiene respuestas que ofrecer⁶ (Caner-Liese, 2009: 54-55). Mencionada estructura es omnipresente en el texto de Grandes ya que según la óptica hermenéutica acercarse a un texto significa reconstruir la pregunta de la cual él es respuesta, más allá de las intenciones conscientes del autor.

Es menester señalar que la pluralidad de las voces a lo largo de la obra de la escritora madrileña, muy a menudo se realiza de forma no solo de pregunta y respuesta sino también de autopregunta y autorespuesta o incluso de la interrogación a la cual casi siempre hay otro testimonio, de tal manera que la discusión continúa. Gracias a esta estructura tan dinámica aparecen múltiples discursos que muestran, en muchos casos, el discurrir de la conciencia española y, al mismo tiempo, establecen la relación entre voces individuales y colectivas, establecen su propia historia minimalista unamuniana, o como prefiere Ginzburg, la microhistoria.

Habiendo explicitado esto, merece la pena exponer que a través de las dos familias de los Carrión y los Muñoz conocemos un panorama completo de los conflictos, dudas, creencias, normas y reproches recientes de la historia de España. Dicho panorama abarca el período desde los años veinte, el momento de la muerte de Franco, transcurre los años de la transición social-política, y termina en presente, en el año 2005.

Julio Carrión, famoso hombre de negocios cuya fortuna proviene de los años del franquismo, deja a sus hijos una enorme herencia pero también muchas incógnitas de su pasado y de su experiencia en la Guerra Civil y en la División Azul. En su entierro, su hijo Álvaro Carrión, descubre la presencia de una mujer desconocida Raquel Fernández Perea; por su parte -hija y nieta de los defensores de la República, luego exiliados en Francia y estafados por Julio Carrión- aparece para acabar con la deuda pendiente que tiene con ella esta rica familia madrileña. Esta misteriosa mujer en el entierro es la puerta de entrada al pasado y a la verdad.

Álvaro, un protagonista principal de la novela, empieza primero a dudar y cuestionar un orden establecido en/por la familia, luego empieza a preguntar (y autopreguntar),

⁶ Hay también otro factor de importancia fundamental y es que no es la pregunta que pueda formular el lector o intérprete, sino la pregunta que procede del texto mismo. Esta inversión significa en primer lugar algo tan simple como que el lector considera que el texto tiene algo relevante que decir, que nos interesa, que nos interpela. (...) Y la inversión significa, en segundo lugar, que se inaugura la verdadera posibilidad de hacer una experiencia. El preguntar descubre otras posibles respuestas y la propia como cuestionable, diluye la rigidez de los prejuicios y abre un espacio de encuentro y transformación (Caner-Liese 2009: 54-55).

más tarde a hablar y finalmente a comprender. Tal actitud requiere la disposición a aprender continuamente de nuevas experiencias para así poder reformular ciertos prejuicios (otra noción gadameriana) y abandonar algunos mediante la discusión. Al mismo proceso se somete Raquel como si estos dos, los hijos de enemigos, repitamos: el hijo de un próspero empresario franquista y la nieta de un héroe republicano, estuvieron condenados a encontrarse por sus respectivas historias familiares. Como si esa pareja con su relación amorosa en torno a la cuarentena, que ha vivido en democracia desde siempre, fuera la única para descubrir y averiguar el odio nacional atando cabos familiares y recuerdos propios, como si fueron los únicos para calmar el dolor y perdonar. De hecho, los dos emprenden un diálogo y de este momento nos enteramos de los acontecimientos, entre otros, de un encuentro entre los abuelos de Raquel y Álvaro en París o el momento de robo de la fortuna, de distintas perspectivas; un hecho se relata muchas veces por distintas personas, la versión del abuelo de Raquel, Ignacio, está confrontada con la versión de Carrión y ésta con la de los compañeros de guerra de Julio Carrión y con un universo de personajes que irán cruzándose en la historia, dando su testimonio. El hecho de que cada voz halla su contrapunto (y se identifica por tanto a sí misma) en la presencia de otra voz hace lógicamente imposible el concepto de verdad absoluta. Además, la estructura de flashback contribuye a la confluencia de tiempos paralelos y de este modo obtenemos una imagen como si dialogasen las épocas. En resumidas cuentas, el texto nos habla, abriéndonos nuevas perspectivas de preguntar.

LA PRUEBA DE EQUILIBRAR LA DOLOROSA POSMEMORIA

Para recuperar y aceptar la memoria, aunque sea dolorosa y aplastante, hay que hablar. Tras haber hablado con sus hermanos Álvaro acepta la ambigua situación de su familia, tras haberle confesado a Álvaro su plan de venganza, Raquel recupera su calma. Y como somos los seres lingüísticos la verdad se alcanza por medio de un consenso racional, siempre provisional y revisable, producto de un diálogo previo. Ella, Raquel, hace que sea posible un puente de encontrarse en medio camino.

—Al principio, no me daba cuenta. Al principio estaba tan segura de quiénes eran los buenos y quiénes eran los malos, de quién era yo, de cuál era mi historia, no sé... Yo no quería vengarme, no podía pensar que quería vengarme, no me tocaba, no me correspondía, ¿comprendes?, pero, de paso... De paso, mientras hacía un buen negocio, le amargaba la vejez a tu padre, pues mira qué bien, estaba muy segura de lo que hacía, estaba tan segura de todo y de que él no se merecía otra cosa... Yo no quería vengarme, no podía, pero la venganza me tranquilizaba, me cubría las espaldas, me servía para ser indulgente conmigo misma (...) Hasta que te vi aquella tarde en el museo, Álvaro, me encontré mirándote con los ojos de mi abuelo y comprendí que le habrías gustado mucho, mucho, y luego ya no pude parar, porque yo también estaba allí, contigo, y mi abuelo con nosotros, así que me miré a mí, me vi con sus ojos y comprendí que yo no le estaría gustando nada, en cambio (Grandes, 2007: 920)

Sin ninguna exageración podemos constatar que el nuevo acuerdo intergeneracional se ata por encima de la tumba de los luchadores muertos, en este caso de la abuela socialista, una mujer moderna de los años 30, maestra, digna y valiente. En la carta de

despedida que escribió Teresa González a su hijo de 14 años Julio Carrión, leída por Álvaro Carrión, su nieto, 68 años después, descubrimos las reflexiones y las respuestas de Álvaro a Teresa y nos enteramos de los reproches a su padre fallecido, por haber ocultado a su madre, por haberla eliminado de la vida. De hecho, la carta “actúa a modo de bisagra de la novela, al establecer un triálogo generacional, que demuestra que la historia no avanza en línea recta, pues Álvaro se siente más cerca de su abuela, esa, que de su padre”⁷. En este momento merece la pena indicar otro proceso al que se someten los familiares, es decir, al diálogo de posmemorias⁸: el pensamiento de los nietos se articula haciéndose un bien común. Su expresión individual es un hecho comunicativo que afirma la unidad familiar, generacional, emocional. Citemos:

Había elegido vivir, y sin embargo, cuando cogí a Teresa González con la mano izquierda y toqué su cara con los dedos de la derecha, como había visto hacer a Raquel con la foto de sus abuelos, me pregunté si en otros países del mundo la gente no tendría más bien retratos de su padre, de su madre, en la mesilla de noche o al lado de la pantalla del ordenador (...). Es todo tan injusto, abuela, es todo tan injusto y tan justo a la vez, este amor perverso y puro, súbito y extraño, que me ahoga, que me rebasa, que me explota por dentro como una bomba minuciosamente armada, programada, detonada, y que es también tu amor, que también te corresponde, que te pertenece porque yo soy tú, una parte de ti, porque quiero serlo y nadie me lo va a impedir, porque nadie tiene poder para impedírmelo, y yo te quiero tanto, tanto, tan de verdad, tan de repente, abuela (Grandes, 2007: 516-517).

Con cierta simplificación puede decirse que tal diálogo, con la profunda vivisección de cada generación, con la confesión de pecados condiciona la posibilidad de plena aceptación del pasado. Nuevo punto de vista, o como quiere Gadamer, horizonte, gracias al enfrenamiento integrado con el proceso del diálogo puede encontrar nuevas perspectivas comprensivas que posibiliten la superación del horizonte histórico de las partes. Incluso la madre de Álvaro, la gran partidaria del régimen, para no perder a su hijo, se abre a la reconciliación:

– Quiero que sepas que, si tú quieres, puedes venir también con esa chica, Raquel, ¿no? (...).

Todas las cosas presentes y pasadas eran blancas dentro y fuera de mí. Eran blancos mis dedos, blancas mis manos, blanca la corbata que me quité y el bolsillo donde la guardé, blancos mis ojos y lo que contemplaban, blancos mis oídos, mi cerebro blanco en su blanquísima inutilidad.

– No me mires así, Álvaro – y mi madre, blanca ella también, de arriba abajo, sonrió con sus labios blancos—. Eres mi hijo y lo vas a seguir siendo, siempre, por encima de todo. Ya sé que esto ahora te parece gravísimo, pero no lo es, yo sé que no lo es. El tiempo pondrá cada cosa en su sitio, yo me moriré y tú te arrepentirás de lo que me has dicho hace un momento, pero hasta entonces no estoy dispuesta a perderte (...) (Grandes 2007:727-728)

⁷ www.gexel.es, 31.10.2018

⁸ Evoquemos el término de Marianne Hirsch cuya propuesta se refiere a la memoria heredada por la generación de los que “crecen dominados por las narrativas que precedieron a su nacimiento, cuyos propios relatos tardíos son evacuados por las historias de la generación anterior moldeada por los acontecimientos traumáticos que no pueden ser ni comprendidos ni recreados” (Hirsch 1997:22, la traducción es mía).

“Es un error pensar que la memoria tiene que ver solo con el pasado” dijo Almudena Grandes recibiendo por su cuarta entrega de la saga *Episodios de una guerra interminable* el Premio Nacional de Narrativa. Sus libros demuestran que el dialogar con la tradición no es nunca su mera repetición lingüística, sino “siempre algo así como una nueva creación de la comprensión que deviene a su determinación en la palabra interpretativa” (Dutt 1993:38).

BIBLIOGRAFÍA

1. Bajtin M., El hombre hablante en la novela, en: Teoría y estética en la novela, Cap. I, Taurus, Madrid 1991.
2. Bajtin M., Problemas de la poética de Dostoievski, Fondo de Cultura Económica, México D.F. 2012.
3. Caner-Liese R., Gadamer, el lector de Celan, Herder, Barcelona 2009.
4. Colmeiro F. J., Memoria histórica e identidad cultural. De la posguerra a la postmodernidad. Anthropos, Barcelona 2005.
5. Dutt C., En conversación con Hans-Georg Gadamer. Ed. Tecnos, Madrid 1993.
6. Gadamer H. G., *Verdad y método I*. Sígueme, Salamanca 1997.
7. Gadamer H. G., *Verdad y método II*, Salamanca, Sígueme 1998.
7. Ginzburg C., *Mitos, emblemas, indicios. Morfología e historia*. Gedisa, Barcelona 1999.
8. Gómez Redondo F., La crítica literaria del siglo XX, Editorial EDAF S.A., Madrid 1996.
9. Grandes A., El corazón helado, Tusquets, Barcelona 2007.
10. Huerta Calvo J., La teoría literaria de Mijail Bajtín (Apuntes y textos para su introducción en España). “Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica”, nr 1, 1982, s. 143-158.
11. Hirsch M., Family Frames: Photography, Narrative, and Postmemory, Harvard University Press, 1997.
12. Machado A., Campos de Castilla, Catedra, Madrid 2006.
13. Unamuno de M., *En torno al casticismo*. Alianza, Madrid 2000.
14. Zúñiga García J., El diálogo como juego. La hermenéutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, Editorial Universidad de Granada, 1995.
15. www.gexel.es Grupo de Estudios del Exilio Literario, La memoria revelada en El corazón helado de Almudena Grandes, Neus Samblancat Miranda.

9 www.elpaís.com, 24.20.2018



Ivica Gulášová

Vysoká škola zdravotníctva a sociálnej práce sv. Alžbety, Bratislava, SR

Lada Cetlová

Vysoká škola polytechnická Jihlava, Katedra zdravotníckých štúdií, ČR

Jozef Babečka

Vysoká škola zdravotníctva a sociálnej práce sv. Alžbety
Bratislava, Slovakia

Zdravotní rizika u obyvatelstva v České republice / *Health Risks of Population in the Czech Republic*

Summary

The aim of our contribution is to briefly describe the health risks to people in the Czech Republic. It is necessary to realize that health concerns not only the human being but also the environment, it is the result of mutual relations between the organism, the psychic and the personality of the individual and the surrounding environment. Health is most damaging to smoking, poor nutrition, low physical activity, excessive psychological stress, excessive alcohol consumption, drug abuse, risky sexual behavior. Demography is a doctrine of the population, it deals with dynamic and statistical indicators - population, migration, etc. The most important method is demographic statistics. Mortality or mortality is the ratio of the number of deaths to the given disease to the total number of inhabitants in the given administrative unit. For example, breakdowns into groups of men, women, children under 15 or occupations, injuries, etc.

Prevention is a set of measures to prevent any undesirable phenomenon such as illness, drug addiction, crime, accidents, failure in school, social conflicts, violence, environmental disasters, and so on. Primary prevention is specific and non-specific. Specific is targeted against disease or against the risk of disease. Primary non-specific prevention means activities leading to the strengthening and development of health through health education or a health-conscious lifestyle. Secondary prevention attempts to capture the phenomena in a timely manner and prevent their deepening, spreading and the like. It focuses on particularly vulnerable groups, such as youth, minorities or the socially weak. Tertiary prevention seeks to prevent repetition, such as crimes, illness, drug addiction, and so on. It focuses on people who have just been cured, punished, and the like.

Lifestyle is a style that includes forms of voluntary behavior in given life situations that are based on individual choices from different options. The health status of the company is assessed mainly on the basis of morbidity and mortality. The sickness, incidence and prevalence of illnesses in the population is the ratio of the number of ill persons to the number of persons at risk in the population and in the time period. It expresses the incidence and prevalence indicators.

Key words: Health risks. Disease. Prevention. Mortality.

ÚVOD

V nynější složité a stále se měnící vtahy mezi člověkem a životním prostředím jsou výsledkem nejen biologického, ale především sociálně-ekonomického vývoje lidské společnosti. V poslední době pozorují stále se snižující úroveň znalostí občanů v dané problematice. Díky tomuto stále se zvyšujícímu se trendu v dnešní době jen málokdo rozezná výstražné signály, lidé nevědí, jak na ně správně zareagovat a jak se zachovat. I tyto rizika sebou přináší naše moderní doba. Vést zdravý životní styl neznamená pouze eliminovat zdravotní rizika ohledně lidského zdraví, ale znamená přispívat i ke zdraví přírodního prostředí. **Je zapotřebí si uvědomit, že se zdraví týká nejen člověka samotného, ale i okolního prostředí, je tedy výslednicí vzájemných vztahů mezi organizmem, psychikou a osobností jednotlivce a mezi životním prostředím, které ho obklopuje.** Lidé si mohou své zdraví vlastním jednáním nejen posílit, ale i poškodit. O zdraví každého jedince je nezbytné pečovat už od jeho narození, neboť stále platí, že prevence je levnější než léčba. Cílem našeho příspěvku je stručně popsat jaké jsou rizika pro zdraví lidí v České Republice.

Zdraví je jedna z nejvýznamnějších hodnot života, avšak pro různé lidi znamená realitu zcela odlišnou, např. pro lékaře nepřítomnost nemoci, choroby, úrazu, pro sociologa člověka dobře fungujícího ve všech sociálních rolích, humanista si představí člověka, který se pozitivně vyrovnává s životními úkoly, idealista člověka, kterému je dobře tělesně, duševně a sociálně. Existuje mnoho různých teorií, které nám předkládají význam slova zdraví. Světová zdravotnická organizace WHO definuje zdraví jako „stav fyzické, psychické, sociální a estetické pohody“.

Demografie je nauka o obyvatelstvu, zabývá se dynamickými a statistickými ukazateli – počet obyvatel, migrace apod. Nejdůležitější metodou je demografická statistika. Důležitým faktorem pro sledování zdravotního stavu obyvatel je sledování nemocnosti (Komárek, Provazník, 2011).

Mortalita neboli úmrtnost udává poměr počtu zemřelých na dané onemocnění k celkovému počtu obyvatel v daném správním celku. Například rozdělení na skupiny muži, ženy, děti do 15 let nebo dle profesí, úrazů atd.

Prevence (z lat. *praevenire*, předcházet) je souhrn opatření, která mají předcházet nějakému nežádoucímu jevu, například nemocem, drogovým závislostem, zločinům, nehodám, neúspěchu ve škole, sociálním konfliktům, násilí, ekologickým katastrofám a podobně.

Primární prevence je specifická a nespecifická. Specifická je zaměřená proti nemocem nebo proti rizikům vzniku nemoci. Primární prevence nespecifická znamená aktivity vedoucí k posilování a rozvíjení zdraví zdravotní výchovou či zdravotně žádoucím životním stylem (Machová, Kubátová, 2010).

Sekundární prevence se snaží příslušné jevy včas zachytit a bránit jejich prohlubování, šíření a podobně. Zaměřuje se na zvláště ohrožené skupiny, například mládež, menšiny nebo sociálně slabé.

Terciární prevence se snaží zabránit opakování, například trestných činů, onemocnění, drogové závislosti a podobně. Je zaměřena na osoby právě vyléčené, propouštěné z výkonu trestu a podobně (Bašková et al., 2009).

Životní styl je styl, který zahrnuje formy dobrovolného chování v daných životních situacích, které jsou založené na individuálním výběru z různých možností. Zdravotní stav společnosti se hodnotí hlavně na základě nemocnosti a úmrtnosti.

Nemocnost, výskyt a působení nemocí v populaci představuje poměr počtu nemocných osob k počtu osob v riziku v dané populaci a v časovém období. Vyjadřuje se ukazateli incidence a prevalence.

WHO – světová zdravotnická organizace od svého vzniku v roce 1948 podporuje Světová zdravotnická organizace mezinárodní technickou spolupráci v oblasti zdravotnictví, realizuje programy na potírání a úplné odstranění některých nemocí a usiluje o celkové zlepšení kvality lidského života. Cílem činnosti organizace je dosažení co nejlepšího zdraví pro všechny.

Hlavní strategické záměry WHO jsou:

- omezování úmrtnosti, nemocnosti a postižení zejména u chudých a sociálně slabých skupin populace;
- podpora zdravé životosprávy a omezení zdravotních rizik vyplývajících z ekologických, ekonomických a sociálních podmínek;
- rozvoj spravedlivějších a efektivnějších zdravotnických systémů, které budou odpovídat legitimním potřebám lidí a budou pro ně finančně únosné;
- rozvoj odpovídajících zdravotnických strategií a institucionálního zázemí a začleňování zdravotnických aspektů do sociálních, ekonomických, ekologických a rozvojových strategií.

(Komárek, Provozník, 2011).

Zdravotní rizika – zdraví nejvíce poškozuje kouření, nesprávná výživa, nízká pohybová aktivita, nadměrná psychická zátěž, nadměrná konzumace alkoholu, zneužívání drog, rizikové sexuální chování.

Kouření je podle zákona č. 37/1989 Sb. zvláštní druh toxikomanie, který škodlivě působí na zdraví kuřáků i nekuřáků bezprostředně vystavených účinkům kouření (Zdravotní služby, 2012).

Je definováno jako vdechování tabákového kouře. Takto se do organismu dostává více než 2000 různých látek, které mají mnohdy významné negativní účinky na lidský organismus. Podle WHO (2015) je užívání tabáku charakterizováno pravidelností a nutkavostí. Abstinence tabáku je pak ve většině případů provázena syndromem odnětí (tedy přítomností tzv. abstinčních příznaků). Jedná se o naučené chování, které u většiny pravidelných kuřáků dříve nebo později komplikuje fyzická závislost na nikotinu. Kuřáctví je zařazeno jako nemoc (F 17.X drogová závislost) a jako každá nemoc si zaslouží prevenci a léčbu (Krejčí, Šulová, Rozum, Havlíková, 2010).

ONEMOCNĚNÍ SPOJENÁ S KOUŘENÍM

Rakovina: nejčastější je rakovina plic, ale rozhodně se rakovina může postihnout kterýkoliv orgán lidského těla, vředová choroba žaludku a dvanácterníku, infarkt myokardu, kuřáci mají horší kvalitu spermií, problémy s otěhotněním, kouření je nejčastější příčina získané slepoty, zvyšuje kazivost zubů, kuřákům intenzivněji vypadávají vlasy, kouření zdvojnásobuje riziko cukrovky, kuřáci jsou častěji v depresi a je u nich větší pravděpodobnost ke spáchání sebevraždy, kuřák má 3x vyšší pravděpodobnost, že onemocní roztroušenou mozkomíšní sklerózou.

NESPRÁVNÁ VÝŽIVA

Výživa je základní podmínkou života. Nesprávná výživa je velmi často příčinou nemocí. Člověk při výběru stravy, jejího množství, složení, ale i podmínek jejího přijímání musí využít svých rozumových schopností. Člověk, chce-li zůstat zdravý a v dobré kondici, musí vědomě svůj způsob stravování usměrňovat.

Základy zdravé racionální výživy spočívají v přizpůsobení výživy potřebám organismu, přizpůsobení výživy fyzickému i duševnímu vývoji jedince, aplikaci nejnovějších poznatků do stravovacího režimu, strava k zamezení rozvoji aterosklerózy, strava není karcinogenní.

Lékaři tvrdí, že za 75 procent všech nemocí může nesprávná výživa. Podle profesora Štěpána Svačiny nejsou informace o tom, jak zdravě jíst a žít v české společnosti dostatečně rozšířené. Také proto, že mezi skutečnými nutričními terapeutky je podle něj celá řada výživových poradců, kteří ve skutečnosti jen distribuují potravinové doplňky (Svačina, 2008).

NÍZKÁ POHYBOVÁ AKTIVITA

Pohyb je jednou ze základních potřeb člověka. Lidské tělo je vyvinuto k pohybu a aktivitě. I když je v klidu, provádí dechové pohyby, běží cirkulace krve, srdeční stahy, pohyb střev a dalších orgánů, včetně jednotlivých buněk – krvinky, spermie. Přemísťování těla v prostoru je umožněno aktivním pohybem (výsledek vlastní pohybové aktivity) nebo pasivním pohybem (využitím zvířat nebo techniky). Pro zachování zdraví je nejdůležitější aktivní pohyb. Onemocnění pohybového aparátu je v ČR na druhém místě příčin krátkodobé a dlouhodobé pracovní neschopnosti. Je i častým důvodem odchodu do invalidního důchodu. V obou případech se jedná i o velmi významné zhoršení kvality života. Příčiny vzniku onemocnění pohybového aparátu mají základ již v dětství, kdy se vlivem nesprávného zatížení pohybového aparátu rozvíjí svalová nerovnováha, která vede k vadnému držení těla. Několikahodinové sezení ve školních lavicích pokračuje vyseďáváním ve družině, u domácích úkolů, televizorů, videí, počítačů (Čevela, Čeledová, 2010). Svůj podíl má i ergonomicky nevyhovující nábytek, vysoká psychická zátěž a zejména nedostatek všestranného pohybu. Tyto rizikové faktory se i během dalších let školní docházky nejzávažněji podílejí na prohlubující se svalové nerovnováze, zhoršené koordinaci a špatné pohybové ekonomice. To vede k rychle nastupující únavě a k poklesu celkové výkonnosti (Stojan, 2008). Vadné držení těla tak přispívá v dospělosti k degenerativním změnám na páteři, často provázené bolestí.

NADMĚRNÁ PSYCHICKÁ ZÁTĚŽ

Duševní hygiena neboli psychohygiena je nauka o tom, jak si chránit a upevňovat duševní zdraví a jak zvyšovat odolnost člověka vůči nejrůznějším škodlivým vlivům. Poskytuje návod, jak cílevědomě upravovat životní styl a životní podmínky tak, aby se nejen zabránilo nepříznivým vlivům, ale aby se co nejvíce uplatnily vlivy posilující naši duševní kondici, duševní rovnováhu. Má člověka naučit, jak předcházet psychickým obtížím (Kelnarová, Matějková, 2008). Pokud již nastaly, učí ho, jak je nejlépe zvládat. Přínos psychohygieny spočívá v prevenci somatických a psychických nemocí, v dobré pracovní výkonnosti - vyrovnaný člověk se dokáže dobře koncentrovat na práci i odpočinek, ve fungujících sociálních vztazích - člověk, který je duševně zdravý, kladně působí na své okolí v subjektivní spokojenosti - vyrovnaný člověk neprožívá citová vypětí.

NADMĚRNÉ UŽÍVÁNÍ ALKOHOLU

Alkohol je dobrý tehdy, když potřebujeme něco zapít - ať už je to něco příjemné nebo zlé. Když to zapijeme moc dlouho, tak se ale utopíme (Medicína v aforismech, Svatopluk Káš)

Použití většího množství alkoholu vede k opilosti. Dlouhodobé zneužívání vede k závislosti na alkoholu – alkoholizmu – je to stav, při němž je postižený závislý na alkoholu, a pokud jej nemá, objeví se abstinenční příznaky. Abstinenční syndrom – souhrn příznaků, které jsou důsledkem odnětí, respektive nedostatku drogy, na níž je vytvořena závislost. Abstinenční syndrom se může projevovat různým způsobem a s různou intenzitou. Rozlišujeme mezi abstinenčním syndromem psychickým a fyzickým. Abstinenční syndrom se projevuje různě u různých typů osobnosti postiženého, významnou roli hraje struktura osobnosti postiženého, rodinné či partnerské zázemí. Základním právem každé lidské bytosti je právo na zdraví a na kvalitu života. Ochrana a podpora zdraví a kvality života dětí a mládeže jsou zakotveny v Úmluvě OSN o právech dítěte a jsou součástí zdravotní politiky SZO Zdraví 21. Cíl 12 požaduje, aby děti do 15 let nepožívaly alkohol vůbec. Alkohol je příčinou každého třetího úmrtí chlapců a mladých mužů mezi 15. a 29. rokem na úrazy, dopravní nehody, otravy alkoholem, sebevraždy a jaterní a nádorová onemocnění. Alkohol musíme považovat za tvrdou, silně návykovou drogu, obzvláště v psychicky těžkých obdobích, kdy se stává berličkou. Její nebezpečnost spočívá v tom, že je všude, je legální a patří k různým rituálům (např. oslavy). Nastala zvláštní doba, kdy není outsiderem ten, kdo pije alkohol, ale ten, kdo abstinuje (Komárek, Provazník, 2011). Platí to především u mládeže. Konflikt se společností tedy nemá ten, kdo pije, ale ten kdo nechce pít.

ZNEUŽÍVÁNÍ DROG

V praxi se osvědčila definice podle Komárka, Provazníka (2011) droga je každá látka, která splňuje dva základní požadavky: má tzv. **psychotropní účinek** – působí na psychiku (mění prožívání okolní reality i „vnitřní naladění“ člověka) a **může vyvolat závislost** – míra nebezpečí vzniku závislosti je u různých drog odlišná, může být větší nebo menší, ale riziko závislosti je přítomno vždy.

V běžném společenském kontextu jsou dnes jako drogy označovány téměř výhradně ty omamné a psychotropní látky, které jsou v našem státě zákonem zapovězeny, resp. je zakázána jejich výroba a distribuce – tj. NELEGÁLNÍ DROGY (Čevala, Čeledová, Dalanský, 2009). Za zmínku stojí, že pojem „droga“ je v češtině někdy používán nejen pro označení látek, ale v přeneseném smyslu slova i pro označení činností vyvolávajících nějakou formu závislosti (gambling – hra jako droga, workoholismus – práce jako droga, netolizmus – závislost na virtuálních drogách, tj. návykové sledování televize, závislost na počítači).

DROGOVÁ ZÁVISLOST – TOXIKOMÁNIE

Pojem toxikománie je odvozen od řeckých slov toxikon – jed a mania – šílenost, zuřivost, nadšení. Toxikománie – dle WHO – duševní a někdy také tělesný stav vyplývající ze vzájemné interakce mezi organismem a drogou, charakterizovaný změnou chování a jinými reakcemi, které vždy zahrnují puzení brát drogu stále nebo opakovaně pro její účinky na psychiku, někdy také z obav před abstinenčními účinky. Úzus – užití, užívání, abúzus – zneužití či zneužívání (Komárek, Provazník, 2011). Rozlišuje se abúzus bez návyku, kdy si subjekt dokáže drogu kdykoli odepřít a abúzus s návykem, kdy subjekt již drogu nutně potřebuje a není schopen svobodně se rozhodovat a kdykoli si ji odepřít.

RIZIKOVÉ SEXUÁLNÍ CHOVÁNÍ

„Sexuální zdraví je stav tělesné, duševní a sociální pohody ve vztahu k sexualitě; není to jen nepřítomnost nemoci, dysfunkce či vady. Sexuální zdraví vyžaduje pozitivní a uctivý přístup k sexualitě a partnerství, stejně jako schopnost mít uspokojení z bezpečného sexu prostého nátlaku, diskriminace a násilí. Aby bylo sexuální zdraví dosaženo a udrženo, musí být sexuální práva všech osob respektována, chráněna a naplňována“ (WHO, 2002).

Sexuálně přenosné choroby jsou onemocnění přenášející se pohlavním stykem, jejich šíření je úzce vázáno na sexuální zvyklosti a chování. Onemocnění se přenáší sekrety sliznic, krví, slinami či spermatem a každoročně se objeví cca 500 mil. nových případů na světě (Machová, Kubátová, 2010). Nejzávažnější průběh, šíření a následky mají v tzv. třetím světě. Postihují především pohlavní ústrojí, případně močový trakt nebo ostatní orgány.

AIDS (ACQUIRED IMMUNODEFICIENCY SYNDROME)

Původce – agens AIDS byl v roce 1981 v USA poprvé rozpoznán nové onemocnění. Dostalo jméno AIDS, zkratka anglického Acquired Immune Deficiency Syndrome (vyjadřuje podstatu onemocnění). Syndrom získaného imunodeficitu, česky-soubor příznaků, které vedou ke ztrátě imunity, tj. obranyschopnosti organismu. Lidský organismus napadený HIV je vnímavější k infekčním a nádorovým onemocněním. V roce 1983 objevili nezávisle na sobě vědecké týmy v USA a ve Francii původce onemocnění AIDS-virus, který byl nazván HIV - Human Immunodeficiency Virus (virus způsobující ztrátu obranyschopnosti u člověka). Virus napadá v organismu

zejména bílé krvinky (T lymfocyty), množí se v nich a později je zabíjí. Dochází k výraznému poklesu počtu bílých krvinek a tím k selhávání imunity a rozvíjí se v onemocnění AIDS (Rovný, Bielik, 2011).

ZÁVĚR

Při spracovávání našeho příspěvku, jsem zjistili, že výchova ke zdraví by se neměla zahájit již od narození, jak jsme uvedli v úvodu. **Výchova ke zdraví se musí zahájit již když žena čeká své dítě.** Přece matka ta rozhoduje, co dá svému dítěti „do vínku“, musí si rozmyslet zda bude kouřit atd.. Předmět „Výchova ke zdraví“ je již vyučován na základních, středních a vysokých školách, ale z našeho pohledu je to nedostačující, protože rizika se stále modernizující dobou se zvyšují. Pravdou je, že v České Republice se průměrný věk obyvatelstva zvyšuje. Za posledních 20 let se průměrně zvýšil o 7 let (Komárek, Provazník, 2011). Velkým problémem České Republiky je obezita, ta je spojená s mnoha nemocemi, jak jsem již uváděli, alkohol je velký problém z hlediska dostupnosti, zavedli bych větší postihy při prodeji alkoholických nápojů mladistvým. S kouřením Český stát na tom není nejlépe, uvidíme co přinese zákaz kouření v restauracích. Rizikové faktory můžeme ovlivnit pouze správnou výchovou. My děláme prostředí, ve kterém žijeme a které nás ovlivňuje. Jedině my můžeme naše zdraví z velké části ovlivnit. Sami se musíme nad sebou zamyslet.

SEZNAM POUŽITÉ LITERATURY

1. BAŠKOVÁ, M. et al. 2009. *Výchova k zdraví*. Martin: Osveta. 2009. 226s., ISBN 978-80-8063-320-2
2. ČEVELA, R., ČELEDVÁ, L., DOLANSKÝ H., *Výchova ke zdraví pro střední zdravotnické školy*. Praha, Grada Publishing, a.s., 2009. ISBN 978-80-247-2860-5
3. ČEVELA R., ČELEDVÁ, L. 2010. *Výchova ke zdraví – vybrané kapitoly*, Praha: Grada Publishing, a.s., 2010. ISBN 978-80-247-3213-8
4. KELNAROVÁ, J., MATEJKOVÁ, E., 2008. *Psychologie a komunikace pro zdravotnické asistenty*. Grada Publishing, a.s., 2008. ISBN 978-80-247-2831-5
5. KOMÁREK, L., PROVAZNÍK, K. 2011. *Ochrana a podpora zdraví*. Praha, 3. Lékařská fakulta UK, Nadace CINCI. 2011, 99s., ISBN 978-80-260-1159-0
6. KREJČÍ M., ŠULOVÁ L., ROZUM F., HAVLÍKOVÁ D., 2010. *Výchova ke zdravému životnímu stylu*. Plzeň, vydavatelství FRAUS, 2010. ISBN 978-80-7238-930-8
7. MACHOVÁ J., KUBÁTOVÁ D., 2010. *Výchova ke zdraví*. Praha, Grada Publishing, a.s., 2010. ISBN 978-80-247-2715-8
8. ROVNÝ, I., BIELIK, I. et al. 2011. *Vybrané kapitoly z veřejného zdravotnictví*. Bratislava: Interpharm, 2011, 591s., ISBN 978-80-89057-33-7
9. STOJAN, M., 2008. *Dopravní výchova dětí a mládeže jako jeden z pilířů ochrany zdraví a prevence úrazů*. Brno, MSD, 2008. ISBN 978-80-7392-078-4
10. SVACINA, Š. 2008. *Klinická dietologie*. Vyd. 1. Praha: Grada, 2008. ISBN 978-80-247-2256-6.



Damian Liszatyński

Katolicki Uniwersytet Lubelski
Lublin, Poland

Społeczno-ekonomiczne znaczenie optymalnego rozmiaru sektora publicznego / *Socio-economic importance of the Optimal Size of Government*

Summary

Establishing the optimal size of government using the Rahn curve is crucial to show the key problem of the functioning of the economy, which is finding a proper balance between the private and the public sector. The relationship between GDP growth and the size of government spending means that countries with too large public sector are no longer developing. The socio-economic consequences of such a situation are associated with a decrease in economic growth, real income of the population and the standard of living. The article presents a comparative analysis of current research results regarding the estimation of the optimal size of government, as well as a reflection on the impact of the state's economic structure on social development.

Key words: Rahn-curve; Armey-curve; BARS curve; economic growth; public expenditure; Government size; social development; government spending.

WSTĘP

Podstawowa struktura współczesnej gospodarki opiera się na dwóch filarach: sektorze prywatnym i sektorze publicznym (Stiglitz 2004: 5). Pierwszy z nich odpowiada za finansowanie drugiego, stąd wielkość wydatków publicznych jest kluczowa dla wydajności całej gospodarki. Zbyt wielkie obciążenie sektora prywatnego nakładami na sektor publiczny (nadmierna fiskalizacja) powoduje spowolnienie rozwoju gospodarczego, którego efektem jest brak środków na inwestycje i pogarszająca się sytuacja socjoekonomiczna społeczeństwa. Z drugiej jednak strony, zbyt niskie wydatki na usługi publiczne, takie jak edukacja, zdrowie, czy infrastruktura, skutkują niedostatecznymi warunkami do szybkiego rozwoju gospodarczego. Dlatego można przypuszczać, że istnieje optymalny rozmiar sektora publicznego, który

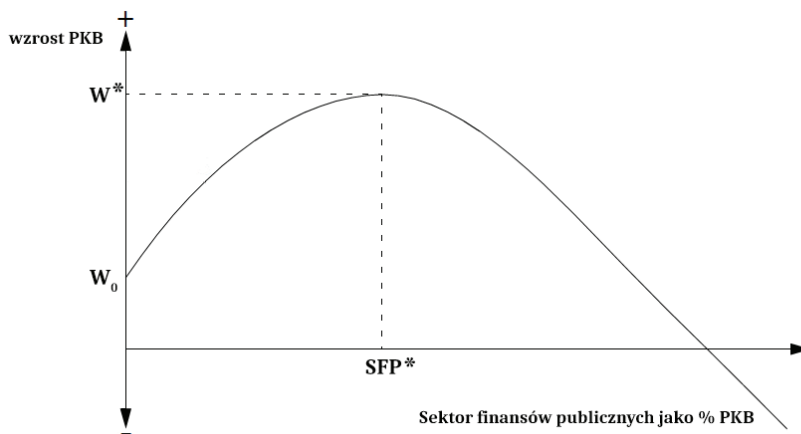
zapewnia konieczne i wystarczające warunki rozwoju, a jednocześnie nie stanowi zbędnego ciężaru dla sektora prywatnego, dzięki czemu, w danym otoczeniu rynkowym, możliwy jest do osiągnięcia maksymalny wzrost gospodarczy.

Istnienie takiego optymalnego rozmiaru sektora publicznego można wyznaczyć za pomocą tzw. krzywej Rahna (w literaturze znanej również jako krzywa Armeya, Scully lub BARS – od nazwisk jej badaczy: Barro, Armei, Rahn, Scully), która przedstawia zależność między rozmiarem sektora publicznego a wzrostem PKB (Dobrescu 2015: 693). Krzywa ta jest opracowywana indywidualnie dla każdego kraju, uwzględniając jego specyfikę i określone działania administracji publicznej, mające wpływ na wzrost gospodarczy. Zastosowanie więc znajduje przy tym teoria endogenicznego wzrostu gospodarczego, który może być inicjowany przez państwowe (administracja rządowa) interwencje, w celu realizowania długofalowej społeczno-ekonomicznej polityki prorozwojowej. Krzywa odzwierciedla wówczas skuteczność sprawowania władzy, ukazując poziom niezbędnych kosztów, jakie musi ponieść rząd, dla maksymalnej efektywności realizowanych przedsięwzięć inwestycyjnych. Przekroczenie poziomu niezbędnego wydatkowania przez rząd oznacza nieracjonalną i nieefektywną politykę społeczno-gospodarczą.

Niniejszy artykuł ma charakter przeglądowy, jego zadaniem jest przybliżenie aktualnego stanu badań nad krzywą Rahna i optymalnym rozmiarem sektora publicznego. Zostanie w nim przeprowadzona analiza porównawcza dotychczasowych wyników badań, mających na celu określenie rozmiaru optymalnego sektora publicznego, zarówno w państwach rozwiniętych, jak i rozwijających się. Celem artykułu jest również refleksja nad oddziaływaniem struktury gospodarczej państwa na rozwój społeczny.

UJĘCIE TEORETYCZNE KRZYWEJ RAHNA

Rys. 1. Wykres krzywej Rahna



Źródło: Opracowanie własne

Krzywa Rahna (rys. 1) jest wyznaczana za pomocą następującego równania kwadratowego:

$$W_t = a + b SFP - c SFP^2, \text{ dla } b \text{ i } c > 0 \quad (1)$$

gdzie W_t oznacza realny wzrost produktu krajowego brutto w określonym czasie, natomiast SFP to rozmiar sektora finansów publicznych (jako % PKB), uwzględniający aktualny cykl ekonomiczny. Gdy SFP jest równe 0, wówczas wzrost PKB może być również równy zero, bądź nieznacznie przekraczać tę wartość. Oznacza to, że całkowity brak sektora publicznego (stan anarchii) nie prowadzi do intensywnego rozwoju gospodarczego danego obszaru (Holcombe 2004: 329). Dopiero zapewnienie podstawowych usług publicznych, takich jak ochrona własności, czy niezbędnej infrastruktury, a także wprowadzenie akceptowalnego społecznie porządku prawnego, tworzy odpowiednie warunki do społeczno-ekonomicznej ekspansji (Rahn 1996: 9-10). Stąd można wnioskować, że żadne państwo nie jest w stanie osiągnąć maksymalnego tempa rozwoju gospodarczego bez rozwiniętego sektora publicznego (Herath 2012: 15).

Analiza krzywej Rahna dostarcza także kolejnych wniosków, dotyczących wielkości wydatków publicznych. Wydatki te osiągają graniczną wartość (maksimum funkcji), przy której ich oddziaływanie powoduje maksymalny wzrost PKB. Wszelkie wydatki ponad tę wartość nie mają już znaczenia dla intensyfikacji tempa rozwoju gospodarczego. Istotne jest jednak to, że po przekroczeniu tej wielkości zaczynają oddziaływać negatywnie na wzrost PKB (Vedder, Gallaway 1998: 2). Oddziaływanie to skutkuje zawężającą się przestrzenią dla wolnego rynku, wyższym opodatkowaniem działalności gospodarczej i dochodów, zniechęcającym do aktywności zawodowej i podejmowania ryzyka, przejmowaniem przez państwo funkcji, które efektywniej mogłyby wykonywać sektor prywatny, czy wyhamowaniem wdrażania innowacyjnych metod zwiększania wartości zasobów, jako że państwo jest w tym aspekcie o wiele mniej efektywne niż działalność wolnorynkowa (Gwartney i in. 1998: V). Co więcej, nadmierny przyrost wydatków publicznych oddziałuje negatywnie na wzrost gospodarczy w silniejszy sposób niż wówczas, gdy posiadał pozytywną korelację, co w równaniu (1) jest reprezentowane przez podniesienie wydatków publicznych do kwadratu (SFP^2). Dzięki temu eliminacja pozytywnych efektów oddziaływania wydatków publicznych jest szybka i prowadzi do coraz niższego tempa rozwoju gospodarczego. Przy ekstremalnie rozbudowanym aparacie państwowym, tempo to spada poniżej zera, pogrążając gospodarkę w recesji.

Optymalny rozmiar sektora publicznego, wyznaczony przez krzywą Rahna jest pewną wskazówką dla odpowiedzialnych za zarządzanie tym sektorem. Nie oznacza to jednak, że punkt graniczny, maksymalizujący wzrost gospodarczy, musi być osiągnięty, a wszelka polityka społeczno-ekonomiczna powinna prowadzić do niego, jako swojego celu. Rozmiar sektora publicznego należałoby zbilansować tak, aby koszty finansów publicznych nie były ciężarem dla wzrostu gospodarczego, a jednocześnie społeczeństwo uzyskało maksymalny stan dobrobytu (Forte, Magazzino 2011: 296). Stąd wyznaczenie optymalnego rozmiaru sektora publicznego dla danego państwa nie jest prostą matematyczną kalkulacją, a opiera się na indywidualnych potrzebach danego społeczeństwa (Mavrov 2007: 57). Każde społeczeństwo ma bowiem swoje preferencje w pojmowaniu roli wolnego rynku i zakresu dóbr publicznych, których dostarcza państwo. Inaczej rozumie się państwowość w Stanach Zjednoczonych, a inaczej w Europie Zachodniej, gdzie przywiązanie do kosztownych instytucji publicznych oraz rozbudowanego państwa dobrobytu jest o wiele większe i wynika z prowadzonej od kilkudziesięciu lat polityki społecznej. Zmienna jest również efektywność poszczególnych rynków, a więc zmienne są także potrzeby korygowania

jego błędów przez interwencjonizm państwowy (Facchini, Melki 2011: 13-14). Różna jest też efektywność wydatkowania finansów publicznych i sposób zarządzania nimi. W państwach rozwijających się sektor publiczny zmagają się często z problemem korupcji, marnotrawstwa środków publicznych, nieumiejętnym zarządzaniem i nietrafionymi inwestycjami, dlatego jego rozbudowywanie jest szczególnie niebezpieczne. Ponadto istnieje znaczna różnica zamożności między państwami rozwiniętymi a rozwijającymi się. Państwa rozwijające się potrzebują szybszego wzrostu gospodarczego kosztem zwiększania dobrobytu społecznego, natomiast państwa rozwinięte mogą ograniczać wzrost dla zapewnienia większego komfortu życia swoim obywatelom.

PRZEGLĄD LITERATURY

Literatura na temat krzywej Rahna i wyznaczenia optymalnego rozmiaru sektora finansów publicznych jest niezwykle bogata. Przedmiotem badań są zarówno pojedyncze państwa, jak i grupy państw, zrzeszone w organizacjach takich jak OECD czy UE. Badacze często porównują państwa rozwinięte i rozwijające się, szukając uniwersalnego rozmiaru sektora publicznego dla obu tych grup. W poniższej tabeli (tab. 1) zostały ujęte wybrane wyniki badań z ostatnich kilkunastu lat, podzielone ze względu na badany przedział czasu, obszar i uzyskany rozmiar optymalnego sektora publicznego jako procent PKB.

Wszyscy ujęci w powyższej tabeli (tab. 1) badacze potwierdzają istnienie krzywej Rahna dla badanego obszaru. Tym samym wykazują znalezienie nieliniarnej zależności między wzrostem gospodarczym a rozmiarem sektora publicznego. Jedynie Di Matteo i Summerfield zauważają, że badana krzywa podlega ewolucji w czasie i o ile jest użytecznym narzędziem dla gospodarek w fazie industrializacji, to dla postindustrialnych gospodarek ujawnia słabnące powiązanie wydatków publicznych ze wzrostem gospodarczym (Di Matteo, Summerfield 2017: 19). Tezy tej jednak nie potwierdzają inni badacze, dostrzegając w postindustrialnych gospodarkach przerosł wydatków publicznych, spowodowany tworzeniem państwa dobrobytu, co ich zdaniem jest bezpośrednio związane ze spowolnieniem rozwoju gospodarczego (Vedder, Gallaway 1998: 15).

Wszystkim badaczom udało się również określić optymalny rozmiar sektora publicznego, w którym następuje maksymalizacja wzrostu gospodarczego. Wyniki obliczeń są pochodną nie tylko badanego obszaru (jego społeczno-ekonomicznej i historycznej specyfiki), ale i stosowanej metodologii (posługiwanie się określonymi funkcjami, modelami ekonometrycznymi), a także zastosowanego przedziału czasu, czy jakości danych (bazy danych są różnorodne, począwszy od oficjalnych danych z Banku Światowego, Eurostatu, czy OECD, a skończywszy na bazach, opracowywanych przez różnego rodzaju instytuty, np. Jordà-Schularick-Taylor Macrohistory Database). Można jednak stwierdzić, że najczęściej występującą zmierzoną wartością optymalnego rozmiaru sektora publicznego jest przedział 20-30%, przy czym w państwach należących do UE ten rozmiar oscyluje wokół górnej granicy tegoż przedziału. Inaczej jest natomiast w Stanach Zjednoczonych, gdzie badacze są wyjątkowo zgodni, co do wielkości tamtejszego optymalnego rozmiaru sektora publicznego i określają go między 17,45 a 22,9%. Optymalny rozmiar sektora publicznego zależy jest również od jego jakości, a nie tylko wielkości, gdy sektor publiczny jest

Tab. 1. Badania optymalnego rozmiaru sektora publicznego za pomocą krzywej Rahna dla wybranego obszaru

Autor badania	Przedział czasu	Badany obszar	Optymalny rozmiar
Abounoori i Nademi (2010)	1960-2006	Iran	34,7%
Alimi (2014)	1970-2012	Nigeria	19,8%
Altunc i Aydin (2013)	1995-2011	Turcja, Rumunia, Bułgaria	20,44-25,21%
Asimakopoulos i Karavias (2015)	1980-2008	MEDC i LEDC	18,0% i 19,1%
Chao i Grubel (1998)	1929-1996	Kanada	34,0%
Chobanov i Mladenova (2009)	1970-2007	28 państw OECD	25,0%
Di Matteo (2013)	1980-2011	186 państw	26,0%
Di Matteo i Summerfield (2018)	1870-2013	17 państw	27,0-32,0%
Dobrescu (2015)	1990-2013	Rumunia	31,8%
Facchini i Melki (2011)	1871-2008	Francja	30,0%
Ferris (2014)	1890-2012	Nowa Zelandia	25,0-30,0%
Forte i Magazzino (2011)	1970-2009	27 państw UE	35,39-44,47%
Herath (2012)	1959-2009	Sri Lanka	27,0%
Hok i in. (2014)	1995-2011	8 państw ASEAN	28,5%
Zareen i in. (2014)	1973-2012	Pakistan	17,0%
Mavrov (2007)	1990-2004	Bułgaria	21,42%
Mutascu i Milos (2009)	1999-2008	12 i 15 państw UE	27,46% i 30,42%
Pevcin (2004)	1951-1995	12 państw UE	36,56-42,12%
Scully (1994)	1929-1989	Stany Zjednoczone	21,5-22,9%
Vedder i Gallaway (1998)	1947-1997	Stany Zjednoczone	17,45%

Źródło: Opracowanie własne

wysoce efektywny, wówczas wynik optimum może ulec zmniejszeniu (Chobanov, Mladenova 2009: 21). W większości zbadanych przypadków obliczony optymalny rozmiar sektora publicznego jest niższy niż faktycznie występujący (za wyjątkiem przypadku Sri Lanki), stąd u wielu badaczy pojawia się postulat obniżenia wielkości sektora publicznego do jego optymalnego rozmiaru. Co ciekawe, pojawia się on nawet wówczas, gdy obliczony optymalny rozmiar sektora publicznego jest niższy od jego faktycznego stanu o zaledwie 1% (Zareen i in. 2014: 11). Wyjątek stanowią Forte i Magazzino, którzy podkreślają nadrzędną rolę państwa dobrobytu nad dążeniem do maksymalnego wzrostu gospodarczego (Forte, Magazzino 2011: 316). W ich przekonaniu cięcia wydatków publicznych, dla osiągnięcia wyższego wzrostu gospodarczego, muszą uwzględniać obecny i przyszły dobrobyt społeczny.

Zdecydowana wiêkszość badaczy wskazuje, że mniejszy rozmiar sektora publicznego wpływa korzystniej na wzrost gospodarczy i rozwój społeczno-ekonomiczny. Niektórzy z nich podkreślają, że zwiększanie wydatków w sferze publicznej ponad optymalny poziom, nie prowadzi do znaczącego postępu społecznego w postaci lepszej opieki zdrowotnej czy wyższego poziomu edukacji (Di Matteo 2013: 75). Ponadto, inne badania dowodzą, że społeczeństwa preferujące większy sektor publiczny, a zatem i większe wydatki socjalne, posiadają średnio mniejsze rodziny, niż społeczeństwa, opowiadające się za mniejszym sektorem publicznym (De Witte, Moesen 2010: 48). Szczególnie wyraźnie jest to widoczne w państwach skandynawskich, w których bardzo rozbudowana pomoc socjalna dla rodzin jest silnie negatywnie skorelowana ze średnim rozmiarem tych rodzin (państwa te odnotowują najniższy w UE średni rozmiar rodziny na poziomie 2,0) (Eurostat). Co więcej, według Forte i Magazzino, powiększenie rozmiaru sektora publicznego o 10% ponad optymalny poziom, skutkuje obniżeniem wzrostu PKB o 2,1% (Forte, Magazzino 2011: 314). Mniejszy rozmiar sektora publicznego, choć trudny do osiągnięcia od strony politycznej, okazuje się niezwykle opłacalny dla zwiększenia dochodów ludności (Ferris 2014: 22).

Szereg badaczy dość dokładnie wylicza hipotetyczny wzrost gospodarczy, który miałby miejsce, gdyby nastąpiło zmniejszenie nadmiernie rozbudowanego sektora publicznego, do jego optymalnego rozmiaru. Mutascu i Milos przewidują, że średni wzrost gospodarczy 12 państw unijnych, po uwzględnieniu optymalnego rozmiaru sektora publicznego z ich badań (27,46%) wyniósłby 7,69% rocznie, natomiast państwa bałtyckie mogłyby się rozwijać w jeszcze szybszym tempie, rzędu 7-10% rocznie (Mutascu, Milos 2009: 453). Z kolei Chao i Grubel wykazują, że redukcja sektora publicznego do obliczonego przez nich optimum, zapewni zwiększenie rocznego wzrostu PKB Kanady o 22%, czyli z wartości 3,0% do 3,7% (Chao, Grubel 1998: 61-62). Mavrov oblicza, że średni wzrost PKB Bułgarii w badanym okresie (1990-2004), przy zastosowanym optymalnym rozmiarze sektora publicznego, wyniósłby 3,9% i byłby o 62% wyższy od zmierzonego (Mavrov 2007: 59). Dane te podaje również Di Matteo, który prognozuje, że przy 26% optymalnym rozmiarze sektora publicznego, wzrost gospodarczy, wśród 186 badanych państw, zwiększyłby się o 3,1% rocznie (Di Matteo 2013: 56).

Asimakopoulou i Karavias zauważają asymetryczność wpływu wydatków rządowych na wzrost PKB w krajach rozwiniętych i rozwijających się. Polega ona na tym, że w państwach rozwijających się, negatywny efekt wydatków publicznych, które występują powyżej wyznaczonego optimum, jest większy, niż ich pozytywny efekt, obecny w sytuacji, gdy zwiększają się, będąc poniżej optimum. Natomiast w państwach rozwiniętych jest odwrotnie, występuje duży pozytywny efekt, gdy wydatki publiczne zwiększają się dążąc do wyznaczonego optimum, w porównaniu do negatywnego efektu, gdy przekroczą optymalny poziom (Asimakopoulou, Karavias 2015: 4).

Według Forte i Magazzino optymalny rozmiar sektora publicznego jest odwrotnie proporcjonalny do stopnia zamożności społeczeństwa. Im zamożniejsze społeczeństwo (wyższe PKB per capita), tym mniejszy powinien być sektor publiczny (Forte, Magazzino 2011: 312-313). Jednak sektor publiczny rozrasta się za sprawą polityków, którzy podnosząc wydatki budżetowe, wolą działać w swoim interesie (reelekcji) niż polegać na efektywności ekonomicznej (Scully 1994:10).

PODSUMOWANIE

Krzywa Rahna w niezwykle prosty i wyrazisty sposób ukazuje doniosły problem w funkcjonowaniu współczesnego państwa. Problem ten polega na optymalnym wydzieleniu sektora publicznego z całości działań gospodarczych, aby sektor ten dostarczał usług publicznych dla społeczeństwa. W teoretycznym założeniu usługi te powinny być tanie, dobre i powszechnie dostępne. Niestety często zdarza się, że efektywność tego typu usług jest niska, a dla jej poprawy angażowane są coraz większe środki publiczne, obciążające obywateli i działalność gospodarczą. Skutkuje to obniżeniem wzrostu gospodarczego, realnych dochodów ludności i standardu życia.

Paradoks związany z wielkością sektora publicznego polega jednak na tym, że im biedniejsze społeczeństwo, tym wykazuje ono większe zapotrzebowanie na usługi publiczne (które wydają się „darmowe”) i poprzez mechanizm wyborczy opowiada się za siłami politycznymi, które te usługi dostarczą, jednocześnie podnosząc podatki i tym samym doprowadzając do sparaliżowania gospodarki (Piwowarski 2017: 240). Rozrastający się i kosztowny w utrzymaniu sektor publiczny powoduje wówczas spowolnienie gospodarcze i utrzymywanie się niskiego poziomu zarobków, co z kolei tworzy bufor dla społecznego zapotrzebowania na usługi publiczne. Biedniejsze społeczeństwa dążą zatem w ten sposób do autodestrukcji, czego znakomitym przykładem mogą być choćby Wenezuelczycy, czy Grecy.

Wyznaczenie optymalnego rozmiaru sektora publicznego, przy którym następuje maksymalizacja wzrostu gospodarczego pomaga zorientować się w skali problemu. Natomiast dalsze działania zależą od przyjętej strategii rozwoju, możliwości politycznych i woli społecznej. Politycy nie są skłonni do obniżania wydatków publicznych, kierując się przy tym krótką, kadencyjną perspektywą czasową i chęcią utrzymania władzy. Preferują zadłużanie państwa, dla utrzymania rozrośniętego sektora publicznego, nad przedsięwzięcie trudnych społecznie reform. Należy przy tym zaznaczyć, że osiągnięcie optymalnego poziomu sektora publicznego samo z siebie nie jest sposobem na wysokie tempo wzrostu gospodarczego, a jedynie pomocą w osiągnięciu maksymalnego możliwego tempa wzrostu w danych warunkach rynkowych. Nie ma więc żadnych gwarancji, że wraz z cięciami wydatków tempo wzrostu gospodarczego nagle przyspieszy. Cięcia mogą zbiec się w czasie z osłabieniem koniunktury, a wówczas cała operacja może wydać się bardzo kosztowna i nie przynieść natychmiastowych pozytywnych skutków, co w działalności politycznej oznacza klęskę. Niekorzystne więc sprzężenie nieefektywnego systemu politycznego i rozbudzonych oczekiwań społecznych, prowadzi do ugruntowania antyrozwojowej struktury funkcjonowania gospodarki.

Imponujący rozwój społeczno-gospodarczy, jakiego doświadczyły w ostatnich dekadach takie państwa jak Chiny, Korea Południowa, czy Irlandia i jakiego od ponad stu lat doświadczają Stany Zjednoczone, ma u swoich podstaw jedną wspólną cechę, państwa te utrzymują optymalny, bądź zbliżony do optymalnego, poziom sektora publicznego. W ten sposób maksymalizują osiągnięty wzrost gospodarczy i uzyskują przewagę nad innymi uczestnikami rynku. Zmiany zachodzące w gospodarkach państw, pod wpływem wysokiego wzrostu gospodarczego, sprzyjają ich społeczeństwom o wiele skuteczniej, niż polityki dobrobytu oparte na rozroście sektora publicznego i związanych z tym patologiami.

LITERATURA

1. Alimi R., *Does Optimal Government Size Exist for Developing Economies? The Case of Nigeria*, Munich Personal Research Archive, 2014.
2. Altunc O. F., Aydm C., *The relationship between optimal size of government and economic growth: Empirical evidence from Turkey, Romania and Bulgaria*, *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 92, 2013.
3. Asimakopoulou S., Karavias Y., *The impact of government size on economic growth: a threshold analysis*, Granger Centre Discussion Paper, 15/02, 2015.
4. Chao J.C.P., Grubel H., *Optimal Levels of Spending and Taxation in Canada*, w: *How to Use the Fiscal Surplus – What is the Optimal Size of Government?*, red. Grubel H., The Fraser Institute, Vancouver 1998.
5. Chobanov D., Mladenova A., *What Is the Optimum Size of Government?*, Institute for Market Economics, 2009.
6. De Witte K., Moesen W., *Sizing the government*, *Public Choice*, vol. 145(1–2), 2010.
7. Di Matteo L., *Measuring government in the Twenty-first Century: An International Overview of the Size and Efficiency of Public Spending*, Fraser Institute, Vancouver 2013.
8. Di Matteo L., Summerfield F., *The Shifting Scully Curve: International Evidence from 1870 to 2013*, Working Paper series 18-01, Rimini Centre for Economic Analysis, 2017.
9. Dobrescu E., *BARS curve in Romanian economy*, *Amfiteatru Economic*, vol. 17(39), 2015.
10. Eurostat, *EU Statistics on Income and Living Conditions (EU-SILC) database*, Average household size - EU-SILC survey [ilc_lvph01].
11. Facchini F., Melki M., *Optimal government size and economic growth in France (1871-2008): An explanation by the State and market failures*, *Documents de travail du Centre d'Economie de la Sorbonne* 2011.
12. Ferris, J. S., *Government Size, Government Debt and Economic Performance with Particular Application to New Zealand*, *Economic Record*, vol. 90(290), 2014.
13. Forte F., Magazzino C., *Optimal Size Government and Economic Growth in EU Countries*, *Economia Politica* vol. 28(3), 2011.
14. Gwartney J.D., Lawson R., Holcombe R., *The Size and Functions of Government and Economic Growth*, Joint Economic Committee, Washington D.C. 1998.
15. Herath S., *Size of government and economic growth: A nonlinear analysis*, *Economic Annals*, 57 (194), 2012.
16. Hok L., Jariyapan P., Buddhawongsa P., Tansuchat R., *Optimal Size of Government Spending: Empirical Evidence from Eight Countries in Southeast Asia*, *The Empirical Econometrics and Quantitative Economics Letters* vol. 3(4), 2014.
17. Holcombe R. G., *Government: Unnecessary but Inevitable*, *The Independent Review* vol. VIII(3), 2004.
18. Mavrov H., *The Size of Government Expenditure and the Rate of Economic Growth in Bulgaria*, *Economic Alternatives*, issue 1, 2007.
19. Mutascu M., Milos M. C., *Optimal size of government spending. The case of European Union member states*, *Annales Universitatis Apulensis Series Oeconomica*, 11(1), 2009.
20. Pevcin P., *Does optimal spending size of government exist?*, Paper presented at the European Group of Public Administration Conference, 1-4 September 2004, Ljubljana, Slovenia.
21. Piwowarski R., *Preferencje społeczne dotyczące wielkości sektora publicznego oraz wybranych dóbr publicznych a wysokość dochodu*, *Studia Prawno-Ekonomiczne*, t. CII, 2017.
22. Rahn R.W., Fox H., *What Is the Optimum Size of Government?*, *Vernon K. Kriebel Foundation* 1996.
23. Scully G., *What is the optimal Size of government in the US?*, *National Center for Policy Analysis, Policy Report n°188*, Dallas 1994.
24. Stiglitz J., *Ekonomia sektora publicznego*, Warszawa 2004.
25. Vedder, R., Gallaway L., *Government Size and Economic Growth*, *Joint Economic Committee*, Washington D.C. 1998.
26. Zareen S., Qayyum A., *An Analysis of Optimal Government Size for Growth: A Case Study of Pakistan*, *Pakistan Institute of Development Economics (PIDE)*, Islamabad 2014.



Marlena Stradomska

Konrad Harasim

Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej
Lublin, Poland

Die Bedrohung vom Selbstmordterrorismus in der Zivilisation des 21. Jahrhunderts / *The threat of suicide terrorism in 21st century civilization*

Summary

The article shows the conclusions from the analysis of the relationship between the media and suicide terrorism. The phenomenon of suicide is poorly written lately, although it has been present in our culture since antiquity. Psychologically, suicide is opposed to self-preservation. In the 21st century, we are threatened by many different threats that bring us the ever-changing world and related processes. These processes can be analyzed from different perspectives, such as social, industrial, scientific and technological perspectives. In the article, I deal with terrorism as the greatest danger of our time and I analyze this phenomenon from the historical and contemporary point of view.

Key words:

terrorism, suicide, 21st century.

EINLEITUNG

Alle wissenschaftlichen Bereiche in derselben Zeit sowohl prägen als auch reagieren auf die politischen, wirtschaftlichen und kulturellen Entwicklungen. Die Politikwissenschaften passen sich besonders gut an die sie umgebende Welt, weil die politischen und wirtschaftlichen Änderungen neue Probleme im Vordergrund stellen, während die anderen Fragen unwichtig zu sein scheinen¹.

¹ <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev-polisci-062813-051049> [Zugriff: 2.11.2018]

In dem Artikel wird von den Autoren gefragt, ob die Gefahr vom Selbstmordterrorismus ein großes Gesellschafts-, Psychologisch- oder Rechtsproblem in der Moderne ist. Wenn man die Phrase „Selbstmordterrorismus“ auf Google sucht, bekommt man in ein paar Sekunden mehr als 87 Tausend Ergebnisse. Es zeigt, dem äußeren Anschein zum Trotz, dass dieses Thema allgemein bekannt ist.

Die Selbstsuizide, der Terrorismus oder das Handeln gegen die menschliche Gesundheit und das Leben – das ist eine der schwierigsten Fragen, die im 21. Jahrhundert noch nicht stabilisiert ist. Die Spektakularität der Kriegsmethoden, z.B. vom Selbstmord oder vom Bombenanschlag, soll den Terroristen die richtige Angststufe in der Gesellschaft garantieren, damit ihre Organisationsziele akzeptiert werden. Die Angriffe auf die Gesellschaft, die sich um ihre Sicherheit und um die Verwandten fürchtet, sind ein effektiver Mechanismus, um die Regierenden zu drücken. Die Gesellschaft verlangt vom Staat nicht nur die intensivierten Handlungen gegen Terrorismus, sondern fordert auch, dass die apolitischen Zugeständnisse an die terroristischen Organisationen gemacht werden, damit die Bürger von diesem Staat außer der Liste von potenziellen Zielen bleiben. Europa steht jetzt der größten Terrorismusbedrohung seit einer Dekade gegenüber. Jeden Tag kann man die Informationen vom Terroranschlag im Internet, im Radio oder im Fernsehen finden. Immer häufiger fürchten die Leute vor Terrorismus, der noch vor fünfzehn Jahren von ihnen eher bagatellisiert wurde. Man kann vermuten, dass früher die Terroranschläge den Bürgern nicht so nah waren und deshalb schienen auch, nicht so wirklich und bedrohlich wie heute zu sein. Es muss erwähnt werden, dass dank der digitalen Revolution die Gesellschaft noch nie da gewesene Stufe der technischen Entwicklung erreichte. Die sozialen Medien haben das Verhalten, die Kommunikationsmittel und *Modus Operandi* verändert, sowohl zwischen den Bürgern, als auch den terroristischen Gruppen². Man muss im Kopf halten, dass die Entwicklung und das Wachstum der Möglichkeiten, die das Internet mitbringt, immer mit der Gefahr und den mehrdimensionalen Problemen verbunden sind, mit denen sogar die professionellsten und modernsten Institutionen nicht zurechtkommen. Sogar den neuesten prophylaktischen Präventionsprogrammen nicht imstande sind, sofort den Inhalt zu entdecken. Einige von ihnen können für die Bürger unerwünscht oder unpassend sein. Dass die Kontrolle von alles, was man im Internet findet, sehr schwierig ist, ist schon bestätigt. Es gibt eine Menge Dateien und ihre Anwendung ist nicht immer positiv. Einerseits können sie verwendet werden, um die Sicherheit der Gesellschaft zu vergrößern, andererseits – um ihre inneren Bindungen zu zerstören. Die Motivation von Suizid-Verhalten kann vielseitig analysiert werden, nämlich aus Rücksicht auf die gesellschaftlich-ökonomische Lage, das Wohnort, das Alter und die vorherigen Erfahrungen einer Person oder einer sozialen Gruppe. Dennoch muss man immer die Rücksicht auf die Aspekte nehmen, wie das soziale und Heimat- Milieu, die ein Grund für das menschliche Verhalten sind. In diesem Fall spielen die Persönlichkeit, die Reife und das Wertesystem eines Individuums eine große Rolle.

Jeder Selbstmordanschlag ist ohne Zweifel ein absichtliches Handeln, dessen Zweck ist es, psychisches und körperliches Leid anzutun. Der Suizid wird nur dazu angewandt, um den anderen Leid zuzufügen. Im Durkheims Werk über den Selbstmord wird

² <https://www.europol.europa.eu/publications-documents/eu-internet-referral-unit-year-one-report-highlights> [Zugriff: 12.01.2018].

der Suizid als Altruismus betrachtet. Aus der Perspektive von Selbstmordattentaten kann man es auch als Märtyrertod im Namen von der Religion. Die Märtyrer werden oft wie die furchtlosen Verteidiger der Religion behandelt³.

Das Internet ist ein ideales Ort, die neuen Mitglieder der kriminellen Vereinigung zu rekrutieren, unter denen auch die künftigen Selbstmord Attentäter gibt. Die Menschen suchen im Internet nach ihrem wirklichen „Ich“. Sie suchen dort neue Freunde, Hobbies, Freizeitmöglichkeiten, Neuigkeiten. Die Gründe dafür können unterschiedlich sein, aber keiner ist so tragisch, wie im Beispiel mit den Terroristen. Die Massenmedien, der Sicherheits- und Geheimdienst informieren uns, dass die Terroristen imstande sind, die Menschen aus aller Welt zu rekrutieren, um mit ihnen zusammenzuarbeiten. Die Nutzung von Selbstmordanschlägen als eine Kriegsmethode ist die Eigentümlichkeit des modernen Terrorismus, der auch „der neue Terrorismus“ benannt wird⁴. Konrad Harasim in seiner Publikation *Die moralische Panik als Werkzeug von Terroristen* deutet auf einen wertvollen Aspekt vom Einfluss der Psychologie auf die Funktionsweise einer terroristischen Organisation hin. Neben der weit pathologischen Funktion und ihren traditionellen Kampfmethoden kommt eine Störung zum Vorschein, die im Suizid vom Terroristen besteht⁵.

SCHUTZ IM INTERNET

Das Löschen und die Überprüfung der Informationen im Internet sind die Grundlage unserer Gesellschaft. Das Problem wird wesentlich, wenn man Rücksicht darauf nimmt, wie viele Informationen jede Minute im Internet entstehen⁶. Normalerweise werden die Selbstmorde mit einem Verlust in der Population oder einer Senkung der Gesellschaftskräfte verbunden. Der Selbstmordterrorismus wird dagegen dergestalt interpretiert, dass der Tod des Täters eine notwendige Bedingung des Missionserfolgs ist. Der Gewalttat wird von einer selbstbewussten Person begangen, die aktiv und eigenwillig sich selbst mit dem Absicht tötet, das vorher bestimmte Ziel zu zerstören⁷. Die Medienpsychologie befasst sich auch mit der Begründung der Selbstzerstörungstätigkeiten, u.a. des Suizidverhaltens⁸. Der sowohl politische, technologische und wirtschaftliche als auch kulturelle oder weltanschauliche Wandel, der heutzutage stattfindet, ist ein Zeichen der Verwandlung in der breiten Perspektive. Es folgt zu immer größerer Interdependenz und mehrstufiger Integration⁹. Die Entwicklung und die Nutzung von den Informationstechnologien verursacht schnellere und wirkungsvollere Unternehmung in der Gesellschaft. Die Neuigkeiten sind für viele Menschen und Organisationen eine wichtige Herausforderung sowohl

3 K. Harasim (2017). *Islamski terroryzm samobójczy – religia w służbie ideologii*. Przegląd Naukowo-Metodyczny EDUKACJA DLA BEZPIECZEŃSTWA, Rok X nr. 2/2017 (35), S. 81-93.

4 M. Jarosz, *Samobójstwa*. Warszawa 1997, S. 55-98.

5 https://docplayer.pl/47231087-Walka-informacyjna-uwarunkowania-incydeny-wyzwania-pod-redakcja-naukowa-hanny-batorowskiej-wydawca.html?fbclid=IwAR0iKMBBrWan_6h9fGV5WP2XZpkRb7uM21bq2l4iqHKW6p81r19IYmb-xQ [Zugriff: 2.11.2018]

6 <https://www.filmweb.pl/film/Czy%25%9Bcicie+internetu-2018-798016> [Zugriff: 23.10.2018]

7 R.M Martin, *Should we try to prevent suicide*, Proceedings Communications, Ottawa 1979, S. 279-281.

8 K.A van Orden et al., *The interpersonal theory of suicide*, „Psychological Review” 2010 t. 117, S.575-600.

9 B. Hołyst, *Wiktymologia*, Warszawa, 2011, S.93.

wegen der Globalisierung, als auch der ernsteren gesellschaftlichen Exklusion¹⁰. Das Problem mit dem Selbstmord ist komplex – der Selbstmordversuch wird nicht immer vollendet. Der Suizid war im menschlichen Leben von Anfang an anwesend und nicht immer war es der definitive Schluss. Die Menschen, die Krisen, emotionale Probleme und Geiststörungen erleiden, erpressen oft die anderen mit den Drohungen oder der Einschüchterung, um ihre eigenen Ziele zu erreichen¹¹. Diese Vielfältigkeit bringt uns dazu, auf den Selbstmord aus vielen Perspektiven zu schauen: philosophischen, psychologischen, pädagogischen, gesellschaftlichen, politischen und rechtlichen¹². Unten wird der Film „The Cleaners“ beschrieben, der seine Premiere in Deutschland am 18. Mai 2018 hatte. Regie: Moritz Riesewieck und Hans Block. Drehbuch: Moritz Riesewieck, Georg Tschurtschenthaler, Hans Block. Jeden Tag und jede Minute werden 500 Stunden von Filmen auf YouTube hochgeladen, 450 Tausend Tweets auf Tweeter und 2,5 Millionen Posts auf Facebook publiziert. Der Mitbegründer von Facebook, Mark Zuckerberg, hat eins versprochen, dass Facebook alles mit allen Benutzern teilen wird, aber in Wirklichkeit ist es ganz anders. Das Internet ist gar nicht so neutral, demokratisch und unabhängig, wie es scheint. Tausende von Moderatoren auf Philippinen Tag für Tag entscheiden darüber, was wir in sozialen Medien sehen dürfen und was nicht. Sie akzeptieren oder lehnen alles ab, alle von uns publizierten Filmen oder Fotos. Man sollte sie nicht kritisieren, wenn es um die Gewaltbilder geht. In allen anderen Bereichen ist aber solcher Eingriff umstritten. Der Film von Riesewieck und Block zeigt die Hintergründe von der Internetzensur, ihre Folgen und Opfer. Die Zensur ist ein ideales Gerät, mit dem man die Wirklichkeit kreieren kann. Die hohen Technikexperten und die ehemaligen Internetputzer erzählen von der Notwendigkeit und der Praxis solcher Aktivitäten. Es zeigt sich, dass die sozialen Medien mit einigen Staatsregierungen den Zugang zu den Materialien negoziieren, in denen die Regierungen kritisiert werden. Wie ist es möglich, dass die großen Internetkorporationen, wie Facebook oder Instagram, die sehr niedrige oder keine Verantwortung gegenüber ihren Kunden tragen, sind heute an der so großen Macht, von der manche Regierungen nur träumen darf? Dass dieses Thema eine weitgehende Analyse braucht, muss man nicht kommentieren. Wenn wir ein Attentat terroristisch nennen, darauf haben Einfluss dieselben Faktoren, wie bei dem terroristischen Selbstmordattentat. Die Selbstmord-Taktik können zu denselben Zwecken benutzt werden, sogar im Rahmen von derselben Strategie, egal, ob die Zwecke zivil oder militärisch sind und ob es Kriegs- oder Friedenszeit ist. Deshalb ist die Definition von „Terrorismus“ auf viele Selbstmordattentate, auch diese, die von den Terroristen verübt werden, nichtzutreffend. Solche Angriffe können ein Teil der terroristischen Gewalt, aber nicht unbedingt Terrorismus selbst sein¹³.

10 E.W Pływaczewski, E.M Guzik-Makaruk, D. Dajnowicz, Działania Wydziału Prawa Uniwersytetu w Białymstoku na rzecz przeciwdziałania wykluczenia społecznemu, In: E.M Guzik-Makaruk, E.W Pływaczewski (Hg.) *Wybrane prawne kryminologiczne i medyczne aspekty wykluczenia społecznego*, Białystok 2016, S.15-33.

11 K. Dymek-Balcerek, *Patologia społeczna wśród dzieci i młodzieży – rzeczywistość lat dziewięćdziesiątych*, Radom, 1999

12 E. Ringel E., *Gdy życie traci sens. Rozważania o samobójstwie*, Szczecin 1987, S.57-98.

13 <http://politics.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190228637.001.0001/acrefore-9780190228637-e-579> [Zugriff: 10.10.2018]

Die Zeichnung 1.

Quelle: Ein Modell von dem terroristischen Selbstmordattentat als Kommunikationsprozess, aus: *Suicide Terrorism as Social Noise: A Communicative Perspective*, Jonathan Matusitz¹⁴.

Der Selbstmordterrorismus wird oft als Kommunikationsversuch mit den anderen interpretiert. Die Informationen darüber werden auf der Zeichnung 1. dargestellt.

SELBSTMORD UND BEDROHUNG

Viele von den Meldungen aus den Massenmedien und den Erklärungen von Experten, die die Steigerung vom Terrorismus kommentieren, konzentrieren sich besonders auf den „islamistischen Terrorismus“, genauer gesagt auf den „islamistischen Selbstmordterrorismus“¹⁵. Im 21. Jahrhundert haben die Massenmedien für die Menschen immer größere Bedeutung. Die Nachricht, die im Netz erscheint, ist imstande, sich nur in ein paar Minuten über die ganze Welt zu verbreiten. Die Verbreitung ist ein dynamischer Prozess, aber es ist schwieriger den Zugang zu den negativen Informationen im Netz zu senken¹⁶. Die Massenmedien manipulieren oft die Menschen – es gibt viele Theorien, die diese Tendenz haben¹⁷. Die Medien sind ein Gerät, das für die Population eine große Bedeutung hat, weil der größere Teil von uns einen Zugang zu diesen Medien hat. Es erleichtert die Kommunikation mit anderen. Dieser Vorteil wird von Terroristen, besonders den Selbstmordattentätern benutzt. Der Selbstmord ist ein vielseitiges Problem – es gibt manchmal mehr als einen Grund des Suizidversuchs. Man plant manchmal die Tat, überlegt darüber,

¹⁴ <http://sk.sagepub.com/books/understanding-suicide-terrorism/n4.xml> [Zugriff: 2.11.2018].

¹⁵ K. Harasim, *Terroryzm samobójczy w interpretacji islamu* [w:] *Determinanty bezpieczeństwa militarnego* (red. R. Wróblewski, H. Wyřebek, S. 200-211

¹⁶ M. Susułowska., Sztompka P., *Próba wyjaśnienia młodzieżowych zamachów samobójczych*, „Psychologia Wychowawcza”, 5, 1987, s. 34-43.

¹⁷ B. Hołyst, *Suicydologia*. Warszawa, 2012, s.105-220

dass er seinem Leben ein Ende machen will und wie er das zu tun vorhat. Man muss aber betonen, dass bei den terroristischen Organisationen sieht es anders aus. Der Selbstmordterrorist muss den Anschein von normalem Leben bis zum Ende erscheinen. Solches Handeln verhindert und erschwert dem Nachrichtendienst die Arbeit. Die möglichen Gründe dafür, sich das Leben zu nehmen, sind unter anderen: Probleme in der Familie, Probleme in der Arbeit, schlechte finanzielle Lage oder Tod eines Verwandten. Die traumatischen Ereignisse sind mit dem Auftritt von pathologischen Situationen in unserem Leben verbunden – besonders diese, die uns direkt treffen, z.B. die Trennung von Freunden, der Druck oder die Gewalt der Schulkollegen. Der Mangel von sozialen Kontakten hat Einfluss auch darauf, dass man sich in der Gesellschaft nicht akzeptiert und unnötig fühlt. Die Scheidung oder ungewollte Schwangerschaft sind durch die jüngeren Leute besonders schwierig zu ertragen und können zum Selbsterstörungsverhalten folgen. Das Ort, wo man am meisten Zeit verbringt, wie z.B. die Schule spielt auch eine große Rolle. Hohe Anforderungen und die Enttäuschung von den Schulergebnissen beeinflussen das Individuum. Die somatischen Leiden oder die Geschlechtskrankheitsinfektion sind nur einige Faktoren, die das Funktionieren von Menschen behindern. Die Analyse der Ideologie-, Religions- und Kulturproblemen ist auch sehr wichtig. Wenn man in seiner Gesellschaft nicht wohl fühlt, kann sich abgelehnt fühlen. Die Folgen des Suizidverhaltens sind vielseitig. Nach Prof. Brunon Holdys betreffen die Folgen von elf bis zwanzig Personen aus der Gesellschaft, in der wir wohnen (Familie, Freunde, die Schul-, Universitätsgruppe, die Kirchengemeinde usw.)¹⁸.

Das Suizidverhalten hat viele negative Auswirkungen auf die ganze Gesellschaft. Man muss aber daran denken, dass der Suizid ein Prozess ist. Sogar wenn der Terrorist Selbstmord für eine Idee begehen will, bereitet er sich darauf, damit sein Tod wertvoll wird, d.h. so viele Leute umbringt, wie möglich¹⁹. Dazu gehören die gesellschaftlichen, psychologischen, gesundheitlichen und wirtschaftlichen Folgen²⁰. Jede von diesen Strukturen ist ebenso wichtig und alle zusammen bilden das Ganze der Gemeinschaft. In der Suizidsituation ist die effektive Hilfe sehr wichtig, darunter die Verstärkung von Kompetenzen des Gesundheitswesens, die Sensibilisierung der Öffentlichkeit für dieses Problem, die Verstärkung des Unterstützungssystem für die Menschen aus den Risikogruppen oder die Förderung der professionellen Unterstützung²¹.

INTERNET DEM TERRORISMUS GEGENÜBER

Heutzutage wird der Terrorismus als Synonyme für Revolte, Rebellion, Aufstand, Straßenkampf, Staatsstreich und Partisanenkampf genutzt. Der Kampf für politische Ziele wird dann durch die grauenvollen Mittel geführt. In der polnischen Literatur findet man mehr als 200 Definitionen des Terrorismus²². Das Internet bietet viele Möglichkeiten, die Ansichten miteinander auszutauschen und wird deshalb oft

18 J. Komender., *Zapobieganie próbom samobójczym podejmowanym przez dzieci i młodzież*, [in:] B. Hołyst, M. Staniaszek (Hg.) *Samobójstwo*, Warszawa-Łódź, 1995, S. 94-100.

19 <http://suicydologia.org/>

20 B. Hołyst, op.cit., s. 255

21 C. Cekiera, *Zapobieganie samobójstwom. Poradnik dla nauczycieli i innych pracowników szkoły*, Światowa Organizacja Zdrowie, Polskie Towarzystwa Suicydologiczne, Genewa-Warszawa 2003, S. 15-16.

22 J. Kaczmarek, *Problemy współczesnego świata. Terroryzm i konflikty zbrojne a fundamentalizm islamski*, Wrocław 1999, s. 20.

zu terroristischen und grausamen Zwecken benutzt. Andreas Breivik ist ein gutes Beispiel dafür. Bevor er den terroristischen Anschlag in Oslo verübte, hatte er eine E-Mail an den Leuten geschickt, die sich mit Breivik Ideologie identifizierten. In der E-Mail hat er über seine Pläne geschrieben. Darüber hinaus hatte er auch Konten in sozialen Netzwerken und führte ein Blog, wo er über alle seinen Plänen informierte. Die letzten terroristischen Attentaten und die verhinderten Anschläge werfen Licht darauf, auf welche Art und Weise wird das Internet heutzutage von den Terroristen als der wichtigste Teil ihrer Propaganda zum Rekrutieren, zur Radikalisierung und zur Verherrlichung des Terrorismus genutzt. Die Terroristen nutzen das Radio sogar in der Angriffsphase. Aus diesem Grund hat der Rat für Justiz und Innere (JI-Rat) vereinbart, dass Europol und Europol „Check-the-Web“ gemeinsame Unionseinheit schaffen sollen, die sich mit folgenden Sachen beschäftigen wird: Zusammenarbeit und Teilung der Informationen bei der Identifizierung von terroristischen Inhalten und gewalttätigen Extremisten im Internet; schnelle, effektive und erfolgreiche Realisierung und Anmelde-service in der Kooperation mit der Branche; die Unterstützung der entsprechenden Strukturen durch Strategie- und Operationsanalysen; die Funktion des Europäischen Vollkommenheitszentrums auf dem Gebiet der obigen Aufgaben erfüllen²³.

Einige Stoffe sollen besonders gut bewahrt werden aufgrund der Konsequenzen, die sie bringen können, wenn sie in falsche Hände geraten. *Manchester Manual*, d.h. *das Manchester Handbuch* diente nicht nur als Handbuch, sondern auch als Schulungsgerät. Es wurde für die islamistischen Extremisten vorbereitet, die aus dem Handbuch lernten, wie man selbst einen terroristischen Angriff und Selbstmordattentat durchführen kann. Es wurde zufällig vom Geheimdienst in einem der Al-Kaida-Verstecken in Großbritannien. In wie vielen Exemplaren diese Text ausgefertigt wurde, sagte der Dienst nie. Man weiß auch nicht genau, wer *Das Manchester Manual* gelesen hat und wie die Informationen aus dem Buch in der Zukunft genutzt werden. Die gründliche Analyse ermöglichte uns aber den gefährlichen Inhalt zu verifizieren und zu sichern. Jede Zustimmung zum Inhalt des Handbuches wird eine Inspiration für die anderen potenziellen Terroristen²⁴. Das Inhaltsverzeichnis selbst und die kurz gefassten Beschreibungen vom Inhalt aus den Unterkapiteln sind beunruhigend.

Das Manchester Manual war ohne Zweifel eine Inspiration für viele Menschen, die die Terroristenanschläge durchführten. Dort wurden die Informationen zu den Prinzipien, Rekrutierung, Organisation, Arbeitsmethoden, Verkehrsmitteln und Transport gegeben. Die meisten schockierenden Fragmente betreffen Waffenbedienung, Folter oder Exekutionen. Ohne diese Informationen wird es schwierig, das Handbuch praktisch zu nutzen. Die Hinweise können zu weiteren und breiten Recherchen inspirieren. Der Terrorismus ist mit dem kriminellen Akt verbunden, der oft symbolisch ist und dessen Aufgabe ist, die Öffentlichkeit zu berühren. Die europäische Definition des Terrorismus wurde ein bisschen früher im Rahmenbeschluss des Rates vom 13. Juni 2002 geprägt. Die Analyse der verschiedenen Definitionen, die von den Forschern genutzt werden, ist eine der Herausforderungen der Forschung von der terroristischen Literatur. Das Thema wird Selbstmordterrorismus, Suizidmissionen,

²³ Justizministerium der Vereinigten Staaten, http://www.justice.gov/ag/manualpart1_1.pdf [Zugriff: 09.10.2018].

²⁴ *Ibidem*

Selbstmordattentate und Selbstmordanschläge genannt. In diesem Artikel verwende ich absichtlich wechselweise „Selbstmordattentate“ und „Selbstmordanschläge“ als Synonyme²⁵. Der Ausdruck „Suizidmission“ wird auch seltener in der Literatur verwendet²⁶.

Diese Entscheidung enthält die Handlungen, die man für terroristisch handelt, z.B. der Tötungsversuch, Immunitätsstörung, Entführung und Geiselnahme²⁷.

Das andere Problem, das man unterstreichen soll, ist die Zerstörung des Administrationseigentums, des Regierungseigentums, des Verkehrsmittelsystems, der Infrastruktur, des Informationssystems, des privaten und öffentlichen Besitzes. Weitere Beispiele der Straftat sind die Flugzeugs- und Schiffsentführung, Herstellung, Besitz, Transport oder Gebrauch von Atommaterialien, Sprengstoffen und Feuer-, Chemie- und Biologiewaffe. Die Nutzung der lebensgefährlichen Stoffe, die Brand- oder Explosionsgefahr bringen, das Stören bei der Energie-, Wasser- und Ressourcenlieferung werden auch als ein Terrorattentat betrachtet. Die Drohungen der Gesellschaft, der Regierung oder internationalen Organisationen gegenüber, ähnlich wie die Destabilisierung und Zerstörung der politischen, wirtschaftlichen, konstitutionellen, und gesellschaftlichen Staatsstrukturen, die die starken Schäden für das Land oder die internationale Organisation bringen können, sind alle die Beispiele des Terrorismus²⁸.

ZUSAMMENFASSUNG

Einerseits könnte die terroristische Organisation nicht gut funktionieren, wenn seine Mitglieder nicht bereit würden, den Selbstmordanschlag durchzuführen. Andererseits wäre sogar die meist zum Selbstmord entschlossene Person nicht imstande, ohne Hilfe von der Organisation den Selbstmordattentat zu organisieren. Außerdem hat die Organisation großen Einfluss auf die individuellen Gründe des Attentats. Die Organisation kann die Beweggründe vom Selbstmordanschlag geben, besonders wenn jemand neu und erst seit kurzem in der terroristischen Organisation ist. Sie kann die Gründe auch verstärken, um den Mensch zu motivieren, dadurch dass sie ihn mit allen technischen Mittel und notwendigen Informationen von der Zeit, Ort und Umständen ausrüstet. In der Fachliteratur wird einstimmig unterstrichen, dass der Selbstmordterrorismus ohne die Hilfe der Organisationen nicht so effektiv würde. Die Organisationen versichert den Terroristen alles, die sie für den Kampf brauchen: Finanzierung der Attentaten, Ausrüstung mit dem Waffen, Rekrutierung, Schulung, Indoktrination von künftigen Mitgliedern, Strategie und die potenziellen Ziele.

Die Medien und das Internet sind eine der größten Leistungen der westlichen Zivilisation. Mandarfsieein Apogäumeiner Entwicklungsstufe. Die Staatsinstitutionen sind im Kampf gegen den Terrorismus nicht untätig ☐ das Programm *Check -the-*

25 Der Selbstmordattentat wird am meisten als ein Anschlag definiert, in dem der Tod des Attentäters ein Mittel ist, das zum Erfolg des Anschlags folgt. Es schließt die Anschläge aus, in denen das Überleben des Attentäters sehr unwahrscheinlich, aber nicht unmöglich ist.

26 <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev-polisci-062813-051049> [Zugriff: 2.11.2018]

27 Rahmenbeschluss des Rates vom 13. Juni 2002, Art. 1. (2002/475/JHA).

28 *Ibidem*

Web ist heutzutage sehr wichtig. *Check -the-Web* ist eine internationale Plattform der Zusammenarbeit von den europäischen Polizeioorganisationen, deren Aufgabe ist, die Gesellschaft zu schützen und das Sicherheitsgefühl zu verstärken²⁹. Man muss die weiteren Möglichkeiten finden, um die Gesellschaft vor dem negativen Folgen des Internetmissbrauchs zu wehren. Es gibt sehr wenige Erscheinungen, die so gefährlich wie die organisierte Kriminalität und der Terrorismus sind. Obwohl der Terrorismus nicht Neues ist, nimmt er heutzutage die Formen ein, die vor ein paar Jahren noch nicht bekannt waren. Darunter kann man die Determination der Terroristen, die Respektlosigkeit dem eigenen und fremden Leben gegenüber und die immer häufigeren und überraschenderen Angriffe auf die Zivilen nennen. Seit dem 11. September 2001 und dem World Trade Center terroristischen Angriff, wird in der Öffentlichkeit und im politischen und wissenschaftlichen Diskurs immer mehr über Terrorismus gesprochen. Solche Situation ist eine Folge der zwei Faktoren: erstens ist der Einfluss der Massenmedien und die Informationen über die Terroristen und ihr Handeln, die von den Medien gegeben und produziert werden, riesig; zweitens verursacht das Ausmaß dieser Erscheinung, dass wir mit einem globalen Problem zu tun haben. Die Terroristen nutzen das Internet nicht nur als Kommunikations- und Propagandagerät, sondern auch zur Radikalisierung, Rekrutierung und zur Schulung der Terroristen, die imstande werden, die Menschen umbringen und die Organisationen, die sozialen Strukturen zerstören wollen, zu unterstützen³⁰. Die Terroristenmission ist es, die Einsätze zu führen, Verbrechen zu begehen und die Informationen zu mitteln, die gefährlich für die anderen sind. Die Antwort auf die Frage, warum die Menschen bereit sind, ein lebendes Geschoss zu werden, ist vielseitig. Einerseits verdammt und verschließt der Islam nicht nur den Selbstmord, sondern auch terroristische Attentate aus. Andererseits ermöglichen die Interpretationsgeräte, die die Muslime haben, die Übermittlung aus dem Koran zu verfälschen. Der Selbstmordterrorismus kann als eine Kampfweise gegen den Westen interpretiert werden³¹.

Suicide terrorism in the 21st century civilization

Summary

This article is a conclusion of the considerations taken on psychology of media towards suicide terrorism. The phenomenon of suicide has been the subject of interest recently relatively, despite the fact that the mentioned act has been observed and described since antiquity³². On the psychological level, suicide is an offense against the unconditional instinct of life and the supreme value of life. The XXIst century brings a lot of different threats as the environment and the whole world around us under go major, continuous transformations connected with the progress. This progress might be seen from various perspectives and concerns civilization, industry, science or technology³³. In this article, I focus on terrorism as a major threat of the contemporary world and analyse the phenomenon from the historical and contemporary point of view.

29 <https://euobserver.com/justice/24162> [Zugriff: 10.01.2018].

30 B. Hołyst *Suicydologia*. Warszawa, 2012 S.105-220

31 K. Harasim (2017). Islamski terroryzm samobójczy – religia w służbie ideologii. *Przegląd Naukowo-Metodyczny EDUKACJA DLA BEZPIECZEŃSTWA*, Rok X nr. 2/2017 (35), S. 81-93.

32 B. Hołyst, *Bezpieczeństwo jednostki*, Warszawa 2014, s. 171-175.

33 G. Kwiatkowska, A. Siudem, *Człowiek w środowisku pracy*, Lublin 2011, s. 4-11.

BIBLIOGRAPHIE

1. Cz. Cekiera, *Zapobieganie samobójstwom. Poradnik dla nauczycieli i innych pracowników szkoły*, Światowa Organizacja Zdrowie, Polskie Towarzystwa Suicydologiczne, Genewa-Warszawa 2003, S. 15-16.
2. J. Komender *Zapobieganie próbom samobójczym podejmowanym przez dzieci i młodzież*, [in:] B. Hołyst, M. Staniaszek (Hgb.) *Samobójstwo*, Warszawa-Łódź, 1995, S. 94-100.
3. K. Dymek-Balcerak *Patologia społeczna wśród dzieci i młodzieży – rzeczywistość laty dziewięćdziesiątych*, Radom, 1999,
4. K. Harasim, *Islamski terroryzm samobójczy – religia w służbie ideologii*. Przegląd Naukowo-Metodyczny EDUKACJA DLA BEZPIECZENSTWA, Rok X nr. 2/2017 (35), S. 81-93.
5. B. Hołyst *Wiktymologia*, Warszawa, 2011, S. 93
6. B. Hołyst *Bezpieczeństwo jednostki*, Warszawa, 2014, S. 175.
7. B. Hołyst *Suicydologia*. Warszawa, 2012
8. G. Kwiatkowska, A. Siudem, *Człowiek w środowisku pracy*, Lublin 2011, S. 4-11.
9. E.W. Pływaczewski, E.M. Guzik-Makaruk, D. Dajnowicz, *Działania Wydziału Prawa Uniwersytetu w Białymstoku na rzecz przeciwdziałania wykluczenia społecznemu*, [in:] E.M Guzik-Makaruk, E.W. Pływaczewski (Hgb.) *Wybrane prawne kryminologiczne i medyczne aspekty wykluczenia społecznego*, Białystok, 2016, S.15-33.
10. M. Susułowska, P. Sztompka., *Próba wyjaśnienia młodzieżowych zamachów samobójczych*, „Psychologia Wychowawcza”, 5, 1987, S. 34-43.
11. E. Ringel, *Gdy życie traci sens. Rozważania o samobójstwie*. Szczecin, 1987, S.57-98.
12. M. Jarosz, *Samobójstwa*. Warszawa, 1997, S.55-98.
13. K.A van Orden u.a. The interpersonaltheory of suicide, „PsychologicalReview” t. 117, 2010, S.575-600.
14. R.M. Martin, Should we try to prevent suicide? [w:] *Proceedings Communications*, Ottawa 1979, S. 279-281.
15. J. Kaczmarek, *Problemy współczesnego świata. Terroryzm i konflikty zbrojne a fundamentalizm islamski*, Wrocław, 1999.

Internetquellen

16. http://www.justice.gov/ag/manualpart1_1.pdf [Zugriff: 09.10.2018].
17. <https://www.europol.europa.eu/publications-documents/eu-internet-referral-unit-year-one-report-highlights> [Zugriff: 12.10.2018].
18. <https://euobserver.com/justice/24162> [Zugriff: 10.10.2018].
19. <http://suicydologia.org/> [Zugriff: 10.01.2018].
20. <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev-polisci-062813-051049> [Zugriff: 10.10.2018].
21. <http://politics.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190228637.001.0001/acrefore-9780190228637-e-579> [Zugriff: 10.10.2018]
22. <http://sk.sagepub.com/books/understanding-suicide-terrorism/n4.xml> [Zugriff: 2.11.2018]



Zhang, Xinyan

Heinrich Heine University
Germany

The Meaning of Being

Summary

With many different concepts, definitions, equations and examples, the author tries in this article to tell one and the same thing: The meaning of the ontological concept “being”, the most asked and answered question in philosophy.

The author puts forward here the notion: “Being” might mean nothing more or less than Parmenides’ one in Heraclitus’ flux. He holds that the one and the flux are the same in reality. And we may not experience Heraclitus’ flux if without the one and can also not understand Parmenides’ one if without the flux.

Key words: being, metaphysics, ontology, Heraclitus, Parmenides.

Some time, as we all know, the only way to get a better theory is to unify certain contrary ideas. So is it even when with philosophy and even when with those great ideas from ancient Greek philosophers.

One of such great ideas from Heraclitus is that all things are in *flux*.⁽¹⁾ However, Parmenides disagreed with it and argued that the whole universe is a single being or a *one*, and this one does not change.⁽¹⁾ Also a great idea. Behind the efforts from ancient metaphysics to modern physics, all what we have wanted to find might just be the same, might just be such a one, something self-consistent and not changing in space and time.

Though what in the flux must not be “things” and though our universe does not have to be a one or the only one, I think we may still take the flux and the one together, defined either as “no change in change” or “changing in not changed”, as the most fundamental ontological concept.

The difference and disagreement between the one and the flux might be something intrinsic only to our way of thinking and talking, but not to anything in reality. In reality the one and the flux may be the same. There is the flux, there is the one. The one means the flux and the flux also means the one. We may not experience the flux if without the one and we cannot understand the one if without the flux.

And it seems to me, the metaphysical concept “being”⁽²⁾ might mean the same, might mean nothing more or less than Parmenides’ one in Heraclitus’ flux. Therefore being is and is not itself as well, and we may not define being as “A=A” but have to define it with the below equation:

$$\text{Being} = \text{P} + \text{H}$$

Where P is Parmenides’ one and H is Heraclitus’ flux.

This equation means to say that being is what beyond either “entity” or “change”, and except the one in the flux nothing really exists.

At least what “being” means should not be what that may be divided into “subject”, “predicate” and “object”, or that may be divided into substances and attributes, or that has the ability to think itself or talk about itself, or that is self-evident to itself. Otherwise what hidden behind this concept is not intellect but only will, not philosophy but only religion.

Furthermore, it seems to me, what the concept “being” means may not be limited by any word or phrase. Therefore the phrase “Heraclitus’ flux” or “Parmenides’ one” in above mentioned equation is replaceable with many other words. For example, they may be replaced by:

- ◆ One-way motion,
- ◆ Return motion,
- ◆ Change from one-way motion to return motion or reverse,
- ◆ Change from less to more dimensions or reverse.

Here the phrase “one-way motion” means the same as the phrase “Heraclitus’ flux” does, and may also be understood as “to leave from self”. And the phrase “return motion” means the same as the phrase “Parmenides one” does, and may also be understood as “to return to self”. Then the above mentioned equation may be reformulated as:

$$\text{Being} = \text{P} + \text{H}$$

Where P is the return motion or change, and H is the one-way motion or change.

For example, the growth of a tree may be understood as the unity of both return changes and a one-way change. So is the existence of an animal or a human or an ecological system.

Also, ontologically, the H in this equation might mean the same as what the word “energy”, “time” or “necessity” or “will” does. And the P in this equation might mean the same as what the word “matter”, “space” or “contingency” or “intellect” does. For example, when light is understood as a unity of both return motion(s) and a one-way motion, its return motion(s) is also its space or matter or contingency or intellect, and its one-way motion is also its time or energy or necessity or will, which might together be the explanation of its wave-particle duality.

Followings are more examples of such an ontological equality:

- ◆ Universe
Being is neither a whole nor many parts. The macroscopic universe that physicists know might only be a particular thing or particular things. So are those microscopic particles.

◆ Time and space

There might be no time except the flux and no space except the one. ⁽³⁾

◆ Life

As the one, all what so called proliferating, initiative, creativity or subjectivity is nothing essential to any kind of life but only what attributed by the flux.

Bergson's philosophy of duration or "vital impulse" might have not said anything about life itself but only something about the flux. And so is Darwin's theory of natural selection.

◆ Humans

Birth is not the beginning and death is not the end.

A man alone could be anything else but not a being and mankind alone could be many things else but not beings.

The one in the flux is our only way to be. To be beyond individuality might be the true meaning of the love that Christ exhorted.

The one in the flux might be the very original and primary contract of our being, and the only reason why there is peace or wars among us.

The one in the flux might be the only basis for things such as morality, ownership or social justice.

Relatively to the one, continual growing in population of any race, including human race, might not be a way towards existence.

Human greatness is always a part of the greatness of being.

◆ Mind

Alone, phenomenon is not phenomenon, consciousness is not consciousness, memory is not memory, language is not language and mind is not mind. ⁽³⁾ I mean: None of them alone is a being.

◆ Will and intellect

Will is nothing more or less than the flux and therefore the will itself never means any kind of freedom.

None has her or his own will and there is even no human will at all.

Our only freedom is Parmenides' one or the return motion or the activities of intellect.

Will is the determinism side of being and intellect is its indeterminism side. Uncertainty is therefore a fundamental nature of intellect.

◆ Dignity

Dignity, all and every, is a kind of misunderstanding of being.

◆ Fact and value

Science concerns fact and philosophy concerns value, the value of human intellect. However, no fact alone is fact and no value alone is value. Value is only a part of being and fact too.

Neither subjectivity alone nor objectivity alone is of being.

◆ Universals and particulars

Everything is universal when to be a part of the one and also particular when in the flux. Therefore, no concepts, even those from physics, logic and mathematics, could really be universal or particular.

◆ Causation and purpose

The one is never the one to justify any causation but the flux is.

And the direction of the flux decides the purpose of the one.

The ultimate meaninglessness found by existentialists in human life might only be a misunderstanding of being.

◆ Knowledge

The flux is not only what experienced and the one is not only what understood. Without the one in the flux we may not know anything and can also not do anything.

Knowledge is only the interdependence, the inter-condition, the interaction or the interchange between will and intellect.⁽³⁾ For example, scientific knowledge may be understood as the interrelations either between things' will and human's intellect or between human's will and things' intellect.

And therefore nothing in being may be called as "information".

◆ Truth

The one might be the only truth and the whole truth. And the flux might be the limit of our knowing, thinking and talking about it.

Therefore, no truth is perfect or ever perfect, let alone any system of language, philosophy, logic, mathematics, science, economics, sociology, culture, politics or religion.

So is the ethical goodness or the aesthetic beauty.

◆ God

Ontologically, there is either God alone or everything else, including human beings.⁽³⁾ We might just be the same one in the same flux.

Finally, it seems to me, if metaphysics or ontology is possible, it should mean to believe that there is something that we may never know or can never do, no matter how much more we may still know and can still do.

LITERATURE

1. Curd, Patricia. "Presocratic Philosophy." *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), 2016,
2. <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/presocratics/>.
3. Van Inwagen, Peter and Sullivan, Meghan. "Metaphysics." *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), 2017,
4. <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/metaphysics/>.
5. (Zhang), Xin Yan. *Be Human in the Paradise*, In Amazon ASIN: B00IHE5QS2A, 2014, <https://www.amazon.com/dp/B00IHE5QS2>



Konrad Harasim

Instytut Psychologii
UMCS w Lublinie, Poland

Determinants of psychological well-being

Summary

The psychological well-being and its perception became a wave of post-existentialism and the development of the concept of positive psychology, one of the key research problems of contemporary psychology. One can not ignore the dichotomous division of the concept of mental well-being - derived from ancient reflection on happiness - into hedonistic and eudaemonist theories (Ryff, 1989). The hedonistic perspective, whose representative was Epicurus, treated happiness as pleasure. On the other hand, the basis of eudaemonic reasoning - represented by Aristotle - was a moral, meaningful life. Eudaymonia is a composition of everything that a man needs for a happy life - with happiness being not the same as pleasure, but without happiness life will not be pleasant. The article presents the main theories of human mental well-being, along with an indication of the directions of research in which they can be used.

Key words: Psychology of the quality of life; mental well-being; subjective well-being of post-existentialism.

INTRODUCTION

There is a tendency in psychology to preferentially study factors contributing to dysfunctional human behavior, rather than to study healthy, normal mental functioning, and factors enhancing psychosocial well-being (Ryff and Singer, 1998: 1-28). Psychological research has often focused more on the effects of negative affect and mental illness rather than on well-being. Myers (2000: 56-67) pointed out that the number of publications on negative impact exceeded the number of positive publications by 14: 1. The emergence and dynamic development of positive psychology is a turning point, the focus has been on the strengths and resources of individuals that enable them to survive and development (Seligman and Csikszentmihalyi, 2000: 5-14). Although previous research has associated the idea of mental health with the absence of negative conditions such as depression or anxiety, proponents of positive

psychology say that well-being is more than just the antithesis of malaise (Ryff, 1989: 1069-1081; Kahneman, 2003: 3-25; Cloninger, 2006: 71-76). In other words, just as physical health is more than no illness, so is mental well-being more than no psychological pathology. These scientists therefore postulate that mental health should be understood as the presence of well-being rather than the absence of illness. Psychological well-being is treated in psychology as a constitutive element of quality of life, expressed in a subjective aspect, determining the individual's satisfaction with personal life, or also treated as a synonymous term. Most psychological theories focus on subjective approach, in which quality of life is understood as psychological well-being units (Veenhoven, 1996; Derbis, 2000; Zalewska, 2003; Diener, Lucas, Oishi, 2008; Czapiński, 2008). In this perspective, various aspects of life are assessed from the perspective of the individual who performs the assessment process using their own individual criteria. This assessment includes both cognitive judgments about the sense of satisfaction and fulfillment, as well as emotional responses to occurring events. In this sense, psychological well-being is a broad concept that enables people to make judgments about their lives, instead of relying on external quality assessments of their own lives.

HEDONISM OR EUDAJMONISM?

In the psychological literature on the quality of life and psychological well-being, we encounter many concepts having different reach and impact. They all aim to build the theoretical foundations of quality of life. The issue of human psychological well-being is undeniably a topos in philosophy, where this well-being was positioned as both the path and purpose of life. Psychology on this aspect of the development of the individual, bent relatively recently – the focus was on research oscillating around pathogenesis or measuring human functioning in specific situations. This situation undoubtedly had its source in the accepted research paradigms and in particular in mapping the methodology of the sciences, comparing social sciences to natural sciences. For this reason, such aspects of human existence as love, happiness, will to live, pain of existence, dignity and well-being were ignored by explorers of the social structure. Campbell's postulates (1976) became a significant breakthrough in which he argued that socioeconomic research did not provide reliable answers to questions about the quality of life in society. At that time, humanistic psychology flourished. Subjectivity as a category of perception, understanding and also as a predictor of human actions has become the object of research to inquire experts from various fields of psychology.

Preliminary well-being research focused on subjective well-being, which is the level of happiness, positive impact, lack of negative affect and life satisfaction (e.g. Diener, 1994: 103–157). Welfare research can be divided into two broad themes: hedonistic well-being, which focuses on experiencing and maximizing happiness or pleasure, and avoiding pain, and eudaimonic well-being, which focuses on updating human potential (Ryan and Deci, 2001: 141–166). Although the terms subjective well-being and psychological well-being are sometimes used interchangeably (Wright and Cropanzano, 2004: 338–351); more correctly subjective well-being (SWB) reflects global assessment of quality of life and emotional value and refers to hedonistic well-being, while psychological well-being (PWB) is best used to describe the state of

preparation to overcome life's challenges refers to eudaimonistic well-being (Keyes, Shmotkin and Ryff, 2002: 1007-1022). Proponents of the concept of mental well-being emphasize the need to appreciate the tension between positive and negative aspects of life. The abolition of the primacy of negative experiences over positive ones (or vice versa) has a positive effect on the functioning of the individual. This is due to the activation of positive and negative emotions that allow individuals to understand and master stressful and traumatic experiences (Larsen, Hemenover, Norris and Cacioppo, 2003: 221-225).

Although subjective well-being may change depending on life experiences, PWB emphasizes more stable and adaptive aspects of human functioning (Ryan and Deci, 2001: 158). PWB can sometimes be increased by adversity, because personal development is determined differently by positive and negative experiences - disappointment, obstacles and failures (Ryff, 2014: 1-12). Self-knowledge, i.e. awareness of one's own limitations and resources, can be increased, and certainly modified (Ryff, 2014: 8). PWB is therefore not caused by life free from challenges or obstacles, but lives despite these limitations (Ryff and Singer, 2008: 13-39). In an attempt to define PWB, Ryff and Singer (1998: 1-28) studied philosophical arguments about optimal human functioning, from Aristotle to Bertrand Russell. The result of their research is that health is the general presence of positive in both mind and body. Ryff (1989: 1075) recognized the need for the theoretical reasoning of PWB and outlined a model of psychological well-being that draws and integrates psychological theories of functioning, including Maslow's theory of self-realization (1968), Allport (1961) concept of maturity, the psychosocial stage model of Erikson (1959), in Roger (1961), Jahoda's positive mental health criteria (1958), as well as Nichomachean Aristotle's ethics (after: Ryff and Singer, 2008: 13-38). Ryff (1989) conceptualized that there are often six dimensions in literature regarding life development, mental health and personal development. These dimensions are self-acceptance, positive relationships with others, personal development, purpose in life, environmental mastery and autonomy. These dimensions are responsible for well-being, which includes positive self-assessments; belief that life has a purpose and meaning; belief in continuous personal self-development; successful interpersonal relationships; harmonious relations with the environment (Ryff, 1989: 1073). They form the basis of the multi-dimensional PW model B Ryff and have their sources in guiding psychological theories (Ryff and Singer, 2008: 28). The dimension of self-acceptance derives from the Greek postulate about the necessity of getting to know oneself, i.e. exploring self-motivation for action and feelings related to it. However, contemporary psychology theorists have also taken into account the need for a positive self-perception. Jahoda (1958) defined it as a central feature of mental health, Maslow (1968) saw it as a feature of self-realization, Rogers (1961) as a sign of optimal functioning, and Allport (1961) as a sign of maturity. Erikson (1959) emphasized the importance of self-acceptance, both for the current self and the past self. Jung also emphasized the need to accept the shadow, i.e. the dark side of his own self. Self-accepting people admit that the self contains both positive and negative aspects, but maintains a positive attitude towards themselves, trying to clearly see their actions, emotions and motivations. Self-acceptance is therefore a richer concept than self-assessment because it involves awareness and acceptance of both strengths and weaknesses (Ryff, 1989: 1075). The unit's actions are generated by an objective that should be considered from existential perspectives. Frankl (1959:

18) seeks meaning through adversity. Although Frankl proposed a will to mean in dark or difficult situations, other theorists emphasized the importance of well-being, avoiding stressful situations. For example, Jahoda (1958) emphasized the importance of personal beliefs that give a sense of meaning and purpose in life, and Allport (1961: 11) argued that maturity includes understanding the purpose of life, including a sense of intentionality and direction. Russell (1930/1958) proposed a concept of joy in which the individual actively engages and conceptualizes his own life. Maturity should result in a sense of understanding of the purpose and meaning of life (after: Ryff, 1989: 1076). Personal development concerns self-realization, which Maslow (1968) sees as realizing human potential - conceptualized, as a dynamic process of continuous personal development, ability to improve self, which contributes to the increase of personal efficiency and self-knowledge (Ryff and Singer, 2008: 22). Rogers (1961) saw a fully functioning person as open to experience and development-oriented rather than reaching a steady state. Erikson (1959) also emphasized continuous growth through subsequent periods of life. The need for growth and development is therefore crucial for optimal psychological functioning (Ryff, 1989: 1079). Positive relationships with others, as a dimension of psychological well-being, come from the descriptions of many psychological theorists who focus their research around the interpersonal sphere. These positive interpersonal relationships - also with other dimensions - are a key element necessary for healthy development (Ryff and Singer, 2008). The ability to build and maintain proper relations with the environment is the key to optimal satisfaction of one's own needs (Ryff, 1989). Jahoda (1958) defined this skill as a key to mental health. One of the criteria for Allport's maturity (1961) was the ability to participate in spheres outside of himself. Theoreticians of the course of life psychology, such as Erikson (1959), emphasized the importance of the ability to manipulate and control one's own environment, as well as the actions and changes of the surrounding world through various physical and mental activities. Thus, positive psychological functioning included active participation and moderation of one's own environment. This is synonymous with constructions such as self-efficacy; however, the emphasis on creating an environment suitable for personal possibilities and needs is special for progressive coexistence with the environment (Ryff, 2013: 10-28). On the other hand, autonomy (i.e. internal location of control), i.e. independence and self-determination, in which one assesses himself according to personal standards rather than others, is, according to Ryff (1989), another equivalent component of psychological well-being. Maslow (1968) described self-developers as demonstrating autonomous functioning, and Jung (1933) emphasized the process of individuation, in which he no longer complies with the collective rights, fears and beliefs of others. In contrast, Erikson (1959) emphasized the process of turning inward in later years of development, which includes gaining freedom from everyday social norms. It is expected that PWB will be an important construct to consider as part of research on the identification of factors affecting the well-being of an individual, as well as on specific ways in which these determinants contribute to its increase or decrease. A number of studies suggest that in strengthening mental well-being, it is especially important to focus on existential personal resources. For example, coherence (sense of sense) and a sense of well-being despite adversity (e.g. hope, optimism, resilience) are issues e existential, and these personal resources seem to buffer the impact of modernity requirements (Kalimo et al., 2003; Mäkikangas and Kinnunen, 2003; Tremblay & Messervey, 2011; van den Broeck et al., 2011). Rooting psychological

well-being in the existential perspective remains indisputable - regardless of the acceptance of the optics of this issue (hedonistic / eudaimonistic). Most of the factors determining mental well-being can be grouped into several general categories: genetic, psychological, social, economic. They coincide with those that decide about the individual's decision to commit suicide. Therefore, by performing a considerable simplification, I will present selected theoretical models regarding mental well-being.

MODELS AND MODELING OF SUBJECTIVE AND OBJECTIVE WELFARE

- 1) Sequential-temporal model of psychological well-being of E. Diener et al. Diener (2005) defines psychological well-being as a unitary construct that changes over time. It consists of four stages:
 - a) Life events and circumstances;
 - b) Emotional response to these events;
 - c) Memories of emotional reactions;
 - d) Sady regarding life.

- 2) A model of maintaining happiness S. Lyubomirsky, K.M. Sheldona, D. Schkade (2007)

The axis of the model is the individual level of happiness over a period of time, which is defined as the constant level of happiness. The authors focus on a triad of factors: factors moderating the current level of happiness or the circumstances of life (individual innate potential - 10%); situational and context factors, i.e. the potential level of happiness (occurring in the life of the individual - 50%) and volitional factors, i.e. conscious activity (regarding the activities undertaken by the individual - 40%).

- 3) Transactional model of quality of life A. Zalewska (2003)

This concept is based on defining the quality of life as a system of attitudes of the individual towards their own life in the general sense and individual spheres of this life. These attitudes are also a degree of satisfaction and consist of two components: emotional and cognitive assessments. Emotional assessment consists of the intensity of various affective states: mood, mood, emotional satisfaction. Cognitive assessment, on the other hand, is manifested by means of cognitive-value judges, which contribute to what a given individual thinks and what attitude he has to a given situation. Zalewska clearly states: "the separation of emotional and cognitive assessments and it is assumed that the characteristics of a person modify the significance of external and internal factors, as well as the processing of emotional and cognitive information" (Zalewska, 2009).

- 4) Homeostatic model of mental well-being of R. A. Cummins (1997)

Cummins' approach is characterized by the designation of a broad and detailed catalog of factors underlying human well-being. This well-being is as subjective as it is objective and in both aspects the same ranges are distinguished: standard of living, health, life achievements, relations with others, personal safety, relationships with society and security for the future (Cummis 2005,

p. 5). Cummis distinguishes three determinants of quality of life: first-order determinants (personality: neuroticism / extraversion), second-order determinants (internal buffers: control / self-assessment / optimism) and third-order determinants (environmental: empirical input - individual experience). The threat to homeostatic balancing are negative environmental influences - they determine the well-being of the individual.

- 5) Onion theory of happiness by J. Czapiński (1994)
Czapiński assumed that the happiness structure model has a layer structure and that “the condition for the persistence of a positive attitude towards life is (...) that the deepest layer is intact” (Czapiński, 1994, p. 192). In this model, the layer closest to *śdordka* is genetically conditioned. Each subsequent layer is the result of living conditions, experiences, relationships or random events. The structure consists of three layers: the will to live (the deepest, stable, low-prone to changing conditions); general contentment of life (the so-called general sense of well-being, for which it manifests itself in emotions or cognitive orchards); partial satisfaction (they concern individual spheres of an individual’s activity, e.g. work, income, family).
- 6) Model of three ways of achieving Seligman’s happiness (Seligman, 2002).
In turn, this theoretical approach is based on three dimensions of happiness: a pleasant life (striving to experience positive emotions about the past, present and future; engaged life (the use of skills and abilities to accumulate positive experiences) and meaningful life (transcendental approach to set goals).
- 7) C.D. Ryff (1989) The Ryff concept is part of the eudaimonistic understanding of psychological well-being. As part of this approach, six aspects of well-being were identified: autonomy, a sense of having a goal in life, positive interpersonal relationships, self-acceptance, personal development and control over the environment.
The latter model became the theoretical basis for formulating methodological assumptions for the problems of own research.
The Ryff model (1989) is based on six dimensions of psychological well-being, where as the key one she adopted self-acceptance, which she defines as “positive attitude towards self, positive self-perception and acceptance of both positive and negative self-features” (Wojciechowska, 2005). Self-acceptance is responsible for maintaining sued self-assessment in difficult, conflicting, unforeseen situations (Keyes, Waterman, 2003). The next place is personal development, understood as the ability and motivation to self-improvement as well as a tendency to look for opportunities for further development. The next dimension is the purpose of life, which arises from the belief that “there is a direction in one’s own life, perceiving the ability to set and carry out life tasks, even when circumstances do not favor it” (Wojciechowska, 2005). Equally important is the control over the environment, which is responsible for effectively dealing with the surrounding dawn, the achievements and skills associated with the organization of this world as well as such use of this world to meet its own needs. The fifth dimension is autonomy and concerns the level of independence that the individual attributes to himself - this is important in situations of social expectations of subordination or submission. The last component is positive relationships with

others, understood as the ability to establish and maintain positive interpersonal relationships.

SUMMARY

Expressing far-reaching wishfulness, one should postulate that both subjective well-being and psychological well-being should be the object of interactions and not only of research. The need to strengthen mental well-being - as parallel to the main therapeutic activities, was highlighted in the Florence Declaration, the European Pact for Mental Health and Well-being and repeatedly in WHO documents. A multitude of theoretical approaches, a multitude of specific theoretical models gave rise to the construction of diversified research tools. Well-being was correlated with a number of other attributes of the individual, from identity through self-esteem to coping with anxiety. Thus, well-being has become a field of research, not impact.

LITERATURA

1. Brzezińska A., Stolarska M., Zielińska J. (2002), Poczucie jakości życia w okresie dorosłości [w:] K. Appelt i J. Wojciechowska (red.), Zadania i role społeczne okresu dorosłości, 103–126. Poznań: Wydawnictwo Fundacji Humaniora.
2. *Campbell, A. (1976)*. Subjective measures of well-being. *American Psychologist*, 31, 117-124.
3. Cloninger, C. R. (2006). The science of well-being: an integrated approach to mental health and its disorders. *World Psychiatry*, 5, 71-76.
4. Czapiński J. (2002). Ekonomia szczęścia i psychologia bogactwa, „Nauka”, 1, 51-88.
5. Derbis R., Miejsce zamieszkania a poczucie jakości życia bezrobotnych. *Forum Psychologiczne*, 1999, 1: 45-59.
6. Diener, E. (1994). Assessing subjective well-being: Progress and opportunities. *Social Indicators Research*, 31, 103-157.
7. Diener, E., Suh, E. M., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24, 25–41.
8. Frankl, V. (1959/2006). *Man's search for meaning*. (I. Lasch, Trans.). Boston: Beacon Press.
9. Kahneman, D. (2003). Objective happiness. In D. Kahneman, E. Diener and N. Schwarz (eds.), *Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology*. New York: Russell Sage, 3– 25.
10. Kalimo, R., Pahkin, K., Mutanen, P., & Topipinen-Tanner, S. (2003). Staying well or burning out at work: work characteristics and personal resources as long-term predictors. *Work & Stress*, 17, 109-122.
11. Keyes, C. L., Shmotkin, D., & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well-being: the empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 1007- 1022.
12. Larsen, J. T., Hemenover, S. H., Norris, C. J., & Cacioppo, J. T. (2003). Turning adversity to advantage: On the virtues of the coactivation of positive and negative emotions. *A psychology of human strengths: Fundamental questions and future directions for a positive psychology*, 211-225.
13. Lyubomirsky, S. (2011). Hedonic adaptation to positive and negative experiences. In: S. Folkman (ed.), *The Oxford handbook of stress, health, and coping*(pp. 200 –224). New York: Oxford University Press.
14. Myers, D. G. (2000). The funds, friends, and faith of happy people. *American Psychologist*, 55, 56-67.
15. Russell, J. A. & Carroll, J. M. (1999). On the bipolarity of positive and negative affect. *Psychological Bulletin*, 125, 3-30.
16. Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166.

17. Ryff, C.D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology* 57, 1069– 1081.
18. Ryff, C. D. (2013). Eudaimonic well-being and health: Mapping consequences of self- realization. In A. S. Waterman (Ed.) *The Best Within Us: Positive Psychology Perspectives on Eudaimonia*, pp. 77–98. York, PA: Maple Press.
19. Ryff, C. D. (2013). Psychological well-being revisited: Advances in the science and practice of eudaimonia. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 83, 10-28.
20. Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (Eds.). (2000). Positive psychology [Special issue] *American Psychologist*, 55(1).
21. Sheldon, K.M., and Lyubomirsky, S. (2007). Trwały wzrost poziomu szczęścia: perspektywy, praktyki i zalecenia. In: P.A. Linley, S. Joseph (eds.) *Psychologia pozytywna w praktyce*(pp. 87-111). Warszawa: Wydawnictwo naukowe PWN.
22. Tremblay, M. A. & Messervey, D. (2011). The Job Demands-Resources model: Further evidence for the buffering effect of personal resources; *Journal of Industrial Psychology*, 37, 10-19.
23. Van den Broeck, A., Vansteenkiste, M., De Witte, H., & Lens, W. (2008). Explaining the relationships between job characteristics, burnout, and engagement: The role of basic psychological need satisfaction. *Work & Stress*, 22, 277-294.
24. Veenhoven R. (1984), *Conditions of Happiness*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.
25. Wright, T. A., & Cropanzano, R. (2004). The role of psychological well-being in job performance: A fresh look at an age-old quest. *Organizational Dynamics*, 33, 338-351.
26. Zalewska, A. (2003). Dwa %wiaty. Emocjonalne i poznawcze oceny jakości życia i ich uwarunkowania u osób o wysokiej i niskiej reaktywności. Warszawa: SWPS Academica.



Marlena Stradomska

Uniwersytet Marii Curie – Skłodowskiej w Lublinie, Poland

Proces leczenia w sytuacji zagrożenia życia – analiza suicydologiczna na podstawie działalności Polskiego Towarzystwa Suicydologicznego

Summary

Treatment process in life-threatening situation - suicidological analysis based on the activities of the Polish Suicidological Society.

The article includes issues related to suicidology in the 21st century civilization. A branch of the Polish Suicidological Society has been operating in Lublin since 2016. This is an association that helps people in crisis. Working with people with mental difficulties is demanding, difficult and often does not bring the expected results. However, for effective prevention, it is necessary that as many people as possible have knowledge about suicide, self damage, and corrective action. Particular attention should be paid to the aspect of treatment in hospitals or psychiatric clinics. Beneficiaries of the society's activities mention that it is very difficult for them to admit that they are forced to attend a psychiatrist or psychologist. Suicide is a taboo subject for many people. Even in a suicidal situation, victims do not have insight into what happened. It is also difficult to deal with defense mechanisms that largely do not allow contact with emotions. Scientists often focus on the treatment situation, the use of appropriate methods, pharmacological agents rather than communication in a given place. Communication in the era of mobile phones, laptops and interactive communicators changes the dimension completely. It is difficult to talk honestly without distractions. There is a need to change the attitude about mental difficulties and suicidal acts, which may lead to wider preventive results in the future.

Key words: communication, hospitalization, suicidology, relationship, treatment.

WSTĘP

Sytuacja suicydalna dla wielu osób niewątpliwie może prowadzić do kryzysu. Bezpieczeństwo człowieka w XXI wieku jest oparte na wielu aspektach. Aby człowiek mógł mieć spełnione potrzeby związane z samorealizacją, konieczne jest to, aby realizował podstawowe potrzeby. Aby jednostka czuła się dobrze w społeczeństwie konieczne jest to, aby umiejętnie się komunikowała (Hołyst, 2014). Każdej

osobie przypisane są prawa takie jak: osobiste, obywatelskie, ekonomiczne, socjalne czy kulturalne (Majer, 2012). Kwestie związane z komunikacją są związane z wieloma dziedzinami naukowymi (Grzegorzczkowska 2005). Natomiast wiele instytucji postuluje, aby do programu nauczania w uczelniach medycznych wprowadzono przedmiot kształtujący odpowiedni sposób informowania pacjentów m.in. o przebiegu leczenia, sytuacjach trudnych, pogorszenia się stanu zdrowia, ryzyku czy śmierci (Polskie Towarzystwo Suicydologiczne, Światowa Organizacja Zdrowia, 2003). Odpowiednie przygotowanie psychologiczne wpływa pozytywnie na funkcjonowanie zarówno pracowników medycznych jak i pacjentów (Kozłowska, 2010). Niestety, według badań zamieszczonych w *Health communication in the 21st century*, Wright, Sparks, O'Hair (2008) studenci nauk medycznych uważają, że kursy psychologiczne, szkolenia dotyczące komunikacji czy innych aspektów społecznych są zbędne. Dodatkowo, przedmioty te traktowane są jako mało użyteczne, gdyż związane są z umiejętnościami miękkimi (ang. soft science). Niestety założenia studentów, często nie mają odzwierciedlenia w rzeczywistości, gdyż lekarz czy pracownik medyczny bardzo często ma kontakt z osobami, które przeżywają kryzys. Niewielu z nich jest w stanie poprowadzić rozmowę z osobą, która straciła kogoś w nieszczęśliwym wypadku czy w wyniku samobójstwa. Rozmowy o śmierci są trudne, gdyż stara drugiego człowieka jest bardzo trudna. Postawa ta, może mieć negatywny wpływ na proces leczenia oraz relacje białego personel - pacjent (Wright, Sparks, O'Hair). Karta Praw Pacjenta jest elementarnym dokumentem określającym prawa pacjenta, także te związane z hospitalizacją czy leczeniem. Dotyczy przede wszystkim pacjentów: korzystających ze świadczeń zdrowotnych w ramach ubezpieczenia zdrowotnego, korzystających z prywatnego sektora usług medycznych oraz innych niż ubezpieczenie (Karta Praw Pacjenta, 2019). Podstawą uchwalenia niniejszego dokumentu był fakt, że pacjent jest najważniejszą osobą w procesie leczenia (w tym tak także troska o jego zdrowie i życie). W badaniach Little i wsp. pacjenci zwracają uwagę na ciepło i życzliwość białego personelu w stosunku do osoby leczonej, a także wzajemnego stosunku personelu do siebie (Little i in. 2010). Warto zaznaczyć, że prawa pacjenta są wpisane w prawa człowieka, które określone są w polskim ustawodawstwie. Niniejsze prawa ujęte są co najmniej w kilkunastu aktach normatywnych. Wielu badaczy uważa, że komunikacja to inaczej stosunek pacjenta do lekarza. Według badań Neumanna i współpracowników istotnymi kwestiami w sytuacji choroby jest przede wszystkim dobra komunikacja, partnerstwo czy promocja zdrowia (Neumann, Scheffer, Cysarz, Bovelet i in. 2011). Natomiast A. Olchowska-Kotala, twierdzi, że dla pacjenta ważnym elementem może być dla przykładu to, że lekarz jest zainteresowany losem pacjenta. Odzwierciedla to poprzez: pytania, wizyty, zapamiętywanie wcześniejszych informacji, umiejętność powrotu do rozmowy, poświęcony czas czy motywacja. Wówczas pacjent ma często większe szanse na powrót do zdrowia, gdyż wsparcie ze strony autorytetu i osoby, która posiada wiedzę na temat danego schorzenia jednostki może być budujące i motywujące do dalszych zmagania (Olchowska-Kotala, 2000). Tobiasz-Adamczyk (2002), zauważa, że pacjenci zauważają u lekarza wiele cech, od których będzie zależała ich dalsza relacja. Elementami, które można tutaj wymienić są np. umiejętność nawiązania kontaktu, osobowość, stosunek do pacjenta i otaczającej rzeczywistości, relacja z innymi osobami w pracy, empatia czy otwartość. Niepokojące staje się to, że jeśli osoba nie zaakceptuje lekarza lub będzie uważała go za niekompetentnego – w najlepszym wypadku może prosić o zmianę specjalisty, a w najgorszym zdecyduje o zakończeniu leczenia, uważając: „I tak nic mi to nie da,

nikt mi tu nie pomoże” lub spróbuje wykorzystać składowe niekonwencjonalnej medycyny (Tobiasz-Adamczyk, 2002).

KOMUNIKACJA W SYTUACJI LECZENIA

Komunikacja jest jedną z najważniejszych kompetencji, która uzyskiwana jest na drodze rozwoju życiowego. Komunikacja zachodzi praktycznie wszędzie i jest niezbędna w życiu osobistym, jak i zawodowym. Stanowi podstawę interakcji i relacji w środowisku społecznym. Bowdur (2006), uznaje, że komunikacja zachodzi za pomocą dwóch systemów. Pierwszy z nich to werbalny, którego składowymi są przede wszystkim: polecenia i instrukcje, które stosowane są w celu wywierania wpływu na innych. Kolejnym elementem są pytania (mające na celu uzyskać informację), informacje, mowa nieformalna (żarty, pogawędki, w celu wzmocnienia relacji, rozbudowy tematu). Dodatkowo wymienić można wyrażanie emocji i postaw, wypowiedzi wykonawcze, w tym akty mowy: sążenie czy nazywanie (Bowdur, 2006). Nęcka (1996) uznaje, że: „komunikacja to wymiana werbalnych, wokalnych, niewerbalnych sygnałów podejmowana w określonym kontekście w celu osiągnięcia lepszego współdziałania”. Wyjątkowo znaczącym w sytuacji komunikacji chory-lekarz mogą być komunikaty niewerbalne:

Tabela 1. Znaczenie komunikatów niewerbalnych

Komunikat niewerbalny	Interpretacja komunikatu
mimika	informuje o stanach emocjonalnych, osobowości, nastawieniu, reakcji na przebieg spotkania;
głos	ton, barwa głosu, siła, tempo, zatrzymania;
pozycja ciała	informuje o ewentualnym dystansie emocjonalnym.

Źródło: analiza własna na podstawie dostępnej literatury (Bowdur, 2006).

Prawa pacjenta w dalszej perspektywie są rozwijane i uregulowane, w celu osiągnięcia jak najlepszych rezultatów w wieloaspektowym rozumieniu – ustawa o prawach pacjenta i Rzeczniku Praw Pacjenta (Dz. U. 2009 Nr 52, poz. 417, z późn. zm.). Zastanawiające jest także to, że osoby pracujące w placówkach medycznych mogą mieć wpływ na pacjentów i ich proces leczenia. Według Wielkiego Słownika Języka Polskiego – biały personel to: „pracownicy służby zdrowia mający medyczne wykształcenie” (<https://www.wsjp.pl/>). Warto dodać, że powinności lekarza normuje Kodeks Etyki Lekarskiej, którego część dotyczy odpowiedniego porozumiewania się, a przede wszystkim stosunku wobec człowieka, który potrzebuje pomocy medycznej (Czernicki, 2006).

W 1972 roku The American Association (<https://www.aapsonline.org/patients/bill-rlts.htm>) przyjęło dokument: A Patient’s Bill of Rights, który zawierał następujące postulaty:

1. Informowania w pełni pacjenta o postępach w leczeniu jego choroby,
2. Otaczanie pacjenta właściwą opieką połączoną z szacunkiem dla niego,

3. Udzielania pacjentowi niezbędnych informacji,
4. Prywatności,
5. Poufności,
6. Odpowiedzi lekarzy na prośby pacjenta o pomoc,
7. Informowania pacjenta o innych instytucjach, które są zdolne do leczenia jego choroby, zaburzenia itd.
8. Ciągłość opieki nad pacjentem,
9. Uzasadnienia wysokości opłat za leczenie,
10. Informowanie pacjenta o regulacjach prawnych, obowiązujących w procesie leczenia (Tokarczyk, 2000, s.309-310)

Świadomość wymienionych w dokumencie praw stanowi postawę do poprawnej komunikacji w sytuacji hospitalizacji, jak również zachowania komfortu psychicznego przez osoby przebywające w placówce. Podstawowym elementem jest tutaj szacunek, udzielanie informacji, szczerść oraz komunikacja, która pozwala w sposób poprawny przeprowadzić ważne rozmowy (<https://www.aapsonline.org/patients/billrts.htm>).

Ważne analizy zostały opublikowane w wielu badaniach naukowych, które pokazują, że część pacjentów, z różnych względów, nie stosuje się do porad lekarskich, a to powinno być podstawą poprawnej hospitalizacji (Cushing, 2002). Brak przestrzegania podstawowych zaleceń wpływa znacząco na proces leczenia (Arbuthnott, Sharpe, 2009). Według Zolnierek i Dimatteo kwestia komunikacji jest znacząca, wykazano, na podstawie 106 badań typu korelacyjnego oraz 21 eksperymentów, że dobra komunikacja pozytywnie koreluje z przestrzeganiem zaleceń lekarskich (Haskard Zolnierek, Dimatteo, 2009). Szymańska-Świątnicka, Pietrasieńska, 2012, zauważają, że aktywne słuchanie drugiej osoby może doprowadzić do tego, że jednostka zostanie „zauważona” i ważna. Niniejsza kwestia pozwala na zrozumienie i akceptację komunikatu, aktywne słuchanie może być traktowane jako wyraz szacunku i zrozumienia rozmówcy (Miształ, 2013).

SAMOBÓJSTWA JAKO PROBLEM SPOŁECZNY

Samobójstwa są problemem, który dotyczy wszystkich narodowości, państw czy kontynentów. Nie ma miejsca na świecie, gdzie nie byłoby chociaż jednego samobójstwa (Hołyst, 2012). Warto w niniejszym artykule przytoczyć dane Światowej Organizacji Zdrowia (WHO), która w swoim pierwszym raporcie poświęconym wyłącznie kwestii samobójstw z 2014 roku – *Preventing Suicide. A global imperative* – przedstawia zatrważające statystyki dotyczące samobójstw. Tematyka ta w dalszej perspektywie jest tematem tabu dla społeczeństwa (Gmitrowicz, Młodożeniec, Makara-Studzińska, 2015). Jednakże statystyki i dane, które są prowadzone niezależnie doprowadzają nawet największych sceptyków do wyciągnięcia pewnych wniosków - a mianowicie, co około minutę na świecie jedna osoba popełnia samobójstwo – nie

ma jednej przyczyny tego faktu. Samobójstwo jest procesem, który w ostateczności doprowadza do samouszkodzeń, próby samobójczej lub w najgorszym przypadku – samobójstwa dokonanego. W 2020 roku co około 20 sekund statystycznie ma ginąć śmiercią samobójczą jedna osoba, a liczba osób, która chce popełnić samobójstwo będzie prawdopodobnie kilkanaście razy większa niż w poprzednich latach. Rok 2001 był przełomowy pod względem liczby ofiar samobójstw (849 000), łącznie była ona większa niż liczba ofiar przemocy (500 000) i wojen (230 000). W większości krajów europejskich roczna liczba ofiar samobójstw jest większa niż ofiar wypadków samochodowych (World Health Organization, 2012, 186). Problematiczne jest także to, że coraz młodsza grupa społeczna decyduje się na to, aby pozbawić siebie życia w sposób samobójczy. Z dostępnej literatury wynika to, że relacje społeczne stają się coraz bardziej płytkie, co nie pozwala na to, aby dzielić się swoimi troskami dnia codziennego. Brak wsparcia, zaangażowania i poczucia bycia potrzebnym może powodować to, że osoba nie znajdzie żadnej innej drogi do rozwiązania swojego problemu niż śmierć samobójcza.

PODSUMOWANIE

W minionych latach prawa pacjenta ujmowane były zazwyczaj w kodeksach etyki zawodowej pracowników medycznych (Grzegorzczukowa, 2005). Na przestrzeni ostatnich lat, z inicjatywy różnych organizacji społecznych oraz rządowych organizacji międzynarodowych zaczęły powstawać uregulowania dotyczące prawnych aspektów związanych z prawami pacjenta (World Health Organization). W każdym możliwym aspekcie warto przypominać jednostkom chorym czy hospitalowanym o tym, że mają oni prawo do poszanowania osoby ludzkiej, prawo do informacji o stanie zdrowia, prawo do wyrażania świadomej zgody na udzielanie świadczeń zdrowotnych, prawo do opieki i leczenia, prawo do samodzielnego decydowania o własnym losie, prawo do skargi w razie naruszenia praw pacjenta.

Na podstawie analizy materiału badawczego oraz zebranej literatury można sformułować następujące wnioski praktyczne:

- istnieje potrzeba kierowania większej ilości kampanii społecznych dotyczących problematyki komunikacji w sytuacji hospitalizacji,
- zbyt mało akcji społecznych skierowanych jest bezpośrednio do pacjentów, ich najbliższych oraz personelu medycznego, które powinny być realizowane w celu poszerzenia wiedzy na temat elementarnych aspektów związanych z hospitalizacją,
- biały personel nie ma odpowiedniej wiedzy (lub ma jej za mało),
- personel medyczny ma nieodpowiednie umiejętności do pracy z osobami z tendencjami samobójczymi,
- na studiach medycznych, pielęgniarstkich i innych powinien być położony nacisk na aspekt przygotowania psychologicznego, który ułatwiłby pracę personelu medycznego np. w sytuacji przekazywania traumatycznych informacji osobom chorym.

Tematyka związana z kwestiami samobójczymi jest wartościowa i ma charakter rozwojowy, który powinien być realizowany w XXI wieku, która mimo ogromnego rozwoju często musi zmagać się z chorobami cywilizacyjnymi. Bez odpowiedniej wiedzy na temat komunikacji i możliwości współpracy na platformie pacjent-lekarz nie dojdzie do odpowiednich mediacji, które mogą wiązać się z kluczowym aspektem jakim jest – zdrowienie pacjentów (Wright K., Sparks L., O’Hair H., 2008). Samobójstwa to problem społeczny, a nie jednostkowy. W sytuacji kryzysowej osoby, które mają trudności natury psychicznej często pozostawiane są same. Większość społeczeństwa nie wie jak rozmawiać z osobą w trudnej sytuacji życiowej. Nawet specjaliści związani z tematem suicydologii mają problem w tym, aby zauważyć czynniki związane z tzw. syndromami presuicydalnymi. Należą do nich takie elementy jak: rozdawanie swoich rzeczy, myślenie negatywistyczne na temat świata i swojego życia, przekonywanie, że życie nie ma sensu. Komunikowanie się jednostki w ten sposób może świadczyć o tym, że w swoim życiu przeżywa trudne chwile. Zadaniem społeczeństwa, społeczności lokalnej czy rodziny jest to, aby reagować w odpowiedni sposób. Bez porady specjalisty, nie jest możliwe to, aby człowiek mógł poprawić swój stan zdrowia. Konieczne jest zatem to, aby obserwować najbliższe otoczenie, aby móc wyodrębnić czynniki ryzyka i odpowiednio na nie zareagować. Bardzo istotne jest to, aby informować społeczeństwo na temat różnorodnych trudności związanych ze zdrowiem psychicznym.

BIBLIOGRAFIA:

1. Arbuthnott A., Sharpe D. (2009). *The effect of physician-patient collaboration on patient adherence in non-psychiatric medicine*. Patient Education and Counselling, 77.
2. Bowdur E. (2006). *Komunikacja i informacja. Wstęp do zagadnienia*, Pobrano ze strony: http://sp15szklarski.edupage.org/files/podrecznik_do_komunikacji.pdf (dostęp 4.05.2019).
3. Czernicki Z. (2006). *Problemy prawne przekazywania informacji o stanie zdrowia w praktyce rzecznika odpowiedzialności zawodowej*. W: M. Kaćka, *Językowe, psychologiczne i etyczne aspekty komunikacji lekarza z pacjentem*. Warszawa: Rada Języka Polskiego przy Prezydium Polskiej Akademii Nauk.
4. Grzegorzczkova R. (2005). *Podstawowe funkcje języka a dialog lekarz-pacjent*. W: A. Hącia, *Komunikacja lekarz-pacjent w diagnostyce i leczeniu nowotworów*. Warszawa: Rada Języka Polskiego przy Prezydium Polskiej Akademii Nauk.
5. HaskardZolnierek K., Dimatteo M. (2009). *Physician communication and patient adherence to treatment: A meta-analysis*. Medical Care, 8.
6. Kozłowska K. B. (2010). *Wystąpienie Rzecznika Praw Pacjenta do Ministra Zdrowia w sprawie bariery zrozumienia w komunikacji*. Pobrano ze strony: <http://www.bpp.gov.pl/dok/wystapienia/ZIP-071-37-MC-11-28.11.11.pdf>
7. Little P., Everitt H., Williamson I., Warner G., Moore M., Gould C, Ferrier K., Payne S. (2001). *Preferences of patients for patient centred approach to consultation in primary care: observational study*, British Medical Journal, 322.
8. Misztal A. (2013). *Wychowanie bez porażek w szkole*, za: T. Gordon (2007). *Wychowanie bez porażek w szkole*. Warszawa: Instytut Wydawniczy PAX
9. Neumann M., Scheffer C., Cysarz D., Bovelet M., Tauschel D., Taylor-Swanson L., Edelhaeuser F. (2011). *Thermometer of warmth in the patient-provider relationship. Theory-based development of a patient self-report measure and initial validation* Rusing cognitive interview methodology. Patient Education and Counseling 3.
10. Nęcka Z. (1996). *Komunikacja międzyludzka*. Kraków: Wydawnictwo Profesjonalnej szkoły biznesu.

11. Szymańska-Świątnicka E., Pietrańska J. (2012). *Komunikacja interpersonalna. Jak porozumiewać się skutecznie?* Cz 1, Warszawa: Polska Federacja Edukacji w Diabetologii.
12. Tokarczyk R. (2000). Prawa narodzin, życia i śmierci. Zakamycze. Kantor wydawniczy.
13. Ustawa z dnia 6 listopada 2008 r. o prawach pacjenta i Rzecznika Praw Pacjenta, Dz. U. 2009 Nr 52, poz. 417, z późn. zm.
14. Wright K., Sparks L., O'Hair H. (2008). *Healthcommunication in the 21st century*. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing.
15. Cushing A. (2002). *Assessment of non-cognitive factors*. W: G. Norman, C. Vleuten, D. Newble (red.), *International handbook of research in medical education*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
16. Hołyst, B. (2012). *Suicydologia*. Warszawa: LexisNexis.
17. Majer P., (2012). *W poszukiwaniu uniwersalnej definicji bezpieczeństwa wewnętrznego. Przegląd Bezpieczeństwa Wewnętrznego nr 7*, Pobrano z: www.abw.gov.pl/download/1/1756/Majer.pdf, (otworzono: 30.04.2019).
18. Hołyst B., (2014). *Bezpieczeństwo jednostki*, Warszawa, s. 110-224.
19. Gmitrowicz A, Młodożeniec A, Makara-Studzińska M., (2015). *Ryzyko samobójstwa u młodzieży. Diagnoza, terapia, profilaktyka*. Warszawa
20. Światowa Organizacja Zdrowia, Polskie Towarzystwo Suicydologiczne Zapobieganie samobójstwom. Genewa, Warszawa 2003.
21. World Health Organization (2014). Pobrane z: <http://www.who.int/>.
22. Wielki Słownik Języka Polskiego. Pobrane z: <https://www.wsjp.pl/>
23. Karta Praw Pacjenta (2019) Pobrane z: http://www2.mz.gov.pl/wwwfiles/ma_struktura/docs/karta_praw_pacjenta_07082007.pdf
24. Association of American Physicians and Surgeons, Patients' bills of rights, Pobrane z: <https://www.aapsonline.org/patients/billrts.htm>
25. Polskie Towarzystwo Suicydologiczne. Pobrane z: <http://suicydologia.org/statut/>



Marián Ambrozy

College of International Business ISM Slovakia
Prešov, Slovakia

Štefan Kassay; 2011. Enterprise and Entrepreneurship: Strategic Communication, Vol. 3, Bratislava: Veda, 864 p. – review of book

The third book of Enterprise and Entrepreneurship pentalogy was dedicated to strategic communication by Stefan Kassay. The authors of the foreword are Ján Košturiak and Štefan Luby. The first subchapter deals with origins and reflections. The author describes the path of entrepreneurial success through the prism of his personal journey, recalling the student internship at the Technische Hochschule in Magdeburg, as well as the use of acquired theoretical knowledge during the privatisation and experience as a director of an English company doing business in Prague and Bratislava. He also deals with the question of Morality and Ethics in Business in that context. He states that privatisation shows that morality of many individuals is disturbed. He believes that investments are the key for the future of the privatized business. He deals with the relationship among business owners and managers, talking about the identity of their goals. Kassay connects the theoretical discourse on the need for leaders with the link between the market and the production and his personal experience. He recalls the beginnings of his business and his gradual marketing orientation to Slovakia, the Czech Republic, Hungary and Poland. Since the start of production, it has been clear that the Slovak market is small, so the company has focused on markets in the European Union, Ukraine, Russia and Croatia. An important entrepreneur states that without science and experimentation the entrepreneur is not successful. He does not see them in some academic counselors, whose astronomy costs are astonishing, but the benefits are ephemeral, but in leaning managers on current science. If it is an outdated application due to past knowledge, an incorrect application may mislead management. In learning, business managers must have a holistic view, not only the partial development of the theoretical basis. Human resources are the source of a possible victory in competition.

The author is aware that Slovak managers cannot be evaluated via the media opinion. After the privatization, a group of world class managers was formed within them. The book about strategic communication is not usually a reflection of managers' practices, but is a posturing of a firm strategy. From the position of a non-participating reviewer, the author of the review can claim that the company that leads the author can serve as a benchmark for business success in post-socialist countries.

After clarifying the structure of the book and praising the influential personalities who contributed to the content with their wealth of ideas, the author goes through the first comprehensive chapter dealing with the essence and process of communication. In this chapter, Kassay presents various types of grasp of the essence of communication, heuristic Lasswell's model, Shannon-Weaver model, Bandura's model, and Maletzke's model. He also shows communication models of direct and indirect communication, namely a one-step communication model where the recipient is passive, and a two-step communication model in which communication is realized through the media. He also describes the multi-step communication model in media. The author reminds the possibilities of modulations of communications model with the help of multitasking. Finally, the chapter presents a pragmatic complexity of communication, in the sense of evaluating the impact of communication.

In the chapter, Kassay also deals with new communication technologies and their relationship with forms of communication. This is dominated by digital communication. The area of digital communication in the context of the monograph involves communication with customers, internet technologies, the role of PR etc. The visualization of designs is described, communication means better availability of information about innovation. The author does not omit the area of facsimile communication. Naturally, the area of new communication technologies is dominated by internet. The chapter also deals with transmission and data loss in modern communication, the area of communication networks, with an emphasis on current conditions. It analyzes internet calling, describing Internet usage in Slovakia.

The second chapter of academician Kassay focuses on communication in marketing. He discusses the different views of marketing theorists. He notes that there are differences in the views of marketing theorists in Germany, Japan and the USA. He focuses on marketing features and outlines the different preferences of classical marketing and new marketing. Marketing techniques originating from the past are becoming less and less effective, says the author. The business structure has gone beyond marketing position and change. It is about the use of new technologies with emphasis on PR, and the author relying on Peter Drucker's statements. Marketing has become a major factor in product competition. The chapter also details the communication and marketing strategy. The global communication is the key indicator in strategic communication according to the author. He deals with global networks and global strategy as a *conditio sine qua non* for the world market. The author considers enterprise communication systems as significant for business communication. Transformation of a company must go to a stage where the company will be able to adapt flexibly to a constantly changing market environment. Communication in the area of PR is characterized as a two-way symmetrical communication. Communications trends are characterized as the creation of global communication conglomerates on the basis of new progressive network technologies.

As a result of the application of new technologies, there are social changes. The world has diminished as mobility has increased. There has been an increase in the number of information and misinformation, says Kassay. Economic decentralization is associated with information disparity; the various conditions that have caused electronic isolationism can be a serious obstacle to social integration. Today's business life is connected with visualization, and simulation. The author tries to reflect on marketing in period of crisis. He looks for points of change in the new marketing definition, and points out that clients are opposed to marketing, as well as there is a discussion on advertising ban in the media, etc. The author describes attempts at a new definition of marketing. In the crisis, the composition of clients is changing, and the purchasing power is weakened. Kassay also spurs the development of marketing in the history.

The third chapter describes communication influence on market participants. The author draws attention to the client and his role as a consumer. He seeks to express determinants affecting customer's behaviour describing the essence of customer relationship to product as well as customer behaviour patterns. He looks at the indicators of maintaining a positive relationship between consumer and customer. This is based on Maslow's pyramid of needs as well as on Guliford's list of human needs. Such a foundation can scientifically explain basic and less basic customer needs. He recalls that customer values are also an important indicator. He strives to express the role of communication in keeping the customer in favour of the business. Kassay presents several models of customer preservation, model of impulses and reactions, hierarchical models of purchasing decision-making of the customer, black box model and comprehension model by Howard and Sheth.

In the next part the author deals with the social and cultural environment and the social status of the consumer. He points to the fact that the customer is influenced by family, friends, social class, selected subcultures and other cultures. The affiliation to the social class has got a big influence. The author reminds us that the number of people with high purchasing power grew in our geographic areas. The impact of culture on the customer can be expressed mainly through education, knowledge, political and aesthetic feeling, moral qualities and technical skills. At the end of the chapter, Kassay strives to grasp the complex of influences on the consumer. He analyzes the possibilities of the customer's thought processes and the possible factors that influence them, without leaving out even the opinion leaders. He also describes the stages of the purchasing decision process. The conclusion of the chapter is devoted to the decision-making process in buying new products as well as communicating with customers, focusing on responding to their needs.

The fourth chapter of our economic theorist is focused on forming markets and their divergences. The chapter introduces the differentiation between the profit and the non-profit market, between the private market and the industrial markets. The author also deals with defining the framework of the presented theme in compliance with EU principles. Then the chapter describes the institution as a client and its focus on client. The essence of the chapter's conclusion is to define important aspects in relation to key clients for which Kassay considers the high frequency of mutual contacts, open direct communication, mutual encounters, initiation of common business goals, clarification of the basic impulses for cooperation and many others.

The second part begins with integrated communication. It deals with integrated corporate communication. There must be a communication system in the enterprise that should implicitly include algorithms of communication goals. Employees should know how to develop the system in question, develop it in a formal way, and use a synergic communication effect. Such integrated communication should have a scheme suggested by James G. Hutton in 1966. This author sees a common ground of public relations and marketing communication. Kassay presents various intersections in communication areas and also describes marketing communication tools. He compares the balance of use of individual marketing communication tools. Indeed, the author offers a broad-spectrum selection of instruments according to the area in which they are to be used. The economist is also engaged in optimizing communication efficiency. He seeks to address the problem dynamically, in accordance with the life stages of the product. The author makes present the pertinent facts in an exact way, the curve of accepting information, the effectiveness of communication tools, etc. In this context, he also mentions the relationship between profit maximization and budget.

Other parts represent the issue of the preparation of an integrated communication programme. They describe the process of preparing an advertising campaign within the programme. The author strives to scientifically present the issue of advertising in the field of marketing communication with the use of mathematics. He deals with the introduction of the new brand from the point of view of communication. The subchapter focuses primarily on the impact of advertising on the market, not excluding media, which is the expression of author's journalistic education. This is a comprehensive description of a business communication campaign from one author who tries to describe the harmonization of processes and functions in business. As a case study, in this context, the market strategy of I. D. C. Holding is presented. The publication mentions event-marketing relationships and new marketing styles for the company's products. Corporate Public relations present the most important products.

The following subchapter deals with the position of public relations in the communication strategy. In the introduction, the author explains the role of PR in business, offering several PR definitions. He points to the link between PR and marketing communication. Kassay emphasizes that PR is not advertising or marketing. He points to various areas of PR, not even spin doctoring. Business can make a lot of profit from the PR, as long as PR management and corporate management work together. The goodwill of the business is closely related to its economic situation. Goodwill has become a competitive advantage, depending on public opinion, public status and recognition, and general familiarity. Brand identity is also built on corporate identity. Identity of product is closely related to corporate identity, Kassay thinks. PR actually means communicating with the public. In particular, it is the internal PR that people create in the enterprise; the enterprise is a separate entity. Within the business, relationships within an external PR are also extremely important, including customers, sellers, distributors, pressure groups, leaders of public opinion, etc. Relations with investors are considered by Kassay to be of the utmost importance, as well as relations with customers and management of the company. As part of the crisis communication exercise, the monograph also deals with non-standard situations. The author strives to outline the strategy of judging

this situation, which can be positively appreciated. Directly to the non-standard situation is the work in the field of crisis communication. The publication describes strategic crisis plans, while attempting to provide some guidance on how to address the communication problem in a particular situation. It draws on the preparation of a crisis plan and seeks to solve the crisis situation. The subchapter also discusses business relationships with the media. As part of the marketing communication, the author also deals with the role of marketing event, as well as the role of sponsoring as a special form of communication. It discusses the effectiveness of sponsoring. It also deals with lobbying within PR. It emphasizes that the negative connotations of the concept of lobbying are inappropriate, and also points to the historical reminiscences of the emergence of lobbying.

The third subchapter deals with the product in the context of the communication strategy. The author analyzes the product from a variety of aspects, product value, brand, product scarcity, product-related services, and classifies products distinguishing them into common products, durable products, and special products. Industrial products are specially sorted. It also deals with services from a product perspective. The author devotes great attention to the diversity of products. From this point of view, he deals with both material products and services. He also focuses on brand issues, in particular the relationship between products, markets, and brands. The subchapter also discusses the environmental aspects of products, as well as the long-term perspective of product line production, and the possibilities of combining products. Other parts describe the product lifecycle from lifetime growth through market saturation to downfall. Next, the book deals with product and branding based on the theory of Hofer, etc., and also deals with product strategy. The subchapter also analyzes the introduction of new products and brands, deals with product planning, creative planning, customer satisfaction and development, product quality and growth. The author also emphasizes the need for new products, outlines ideas for generating new products according to customer requirements, and gives guideline for final selection of new products. When a new product is selected, its development is needed, which is related to market testing, including the adaptation of innovation. Next topic of the subchapter is the brand and the product. The monograph also deals with so-called product cannibalism, with the author pointing out that the product should appear on the market already at the maturity stage. He distinguishes positive and negative product cannibalism. Another topic is the relationship between the product life cycle, its innovations and the communication strategy.

The next subchapter deals with the brand and product relationship. The author thinks about the value of the brand for the customer as well as the above value from the point of view of the business. He deals with the brand from different aspects as a symbol and a logotype analyzing various components of the brand concept. The author analyzes the substance of the brand directly, also in terms of its connotations. He works with an expanded brand concept, perceiving the brand as a product, a business synonym, a personality and a logo. The concept of the brand is recommended to be perceived in modern contexts, but it is necessary to perceive the relationship with the traditional brand concept. The author seeks to identify brand value indicators for which he considers name, communication, visual page, sales strategy, personnel policy, and others. He also looks at the brand's value sources such as the brand, periodic brand reminders, and brand image. The author also considers the role of the brand in the

communication process. The brand has significant roles in this process, such as key brand, corporate brand, strategic brand, and so on. The author describes branding as a separate product brand, branding, detailed branding, branding as a symbol, and co-branding. Also, the value of the brand is described in the context of the process of acquiring its own value. The conclusion of the subchapter deals with different types and brand specifications. The subchapter is complemented by interesting case studies dedicated to the Kelly's bicycle and communication in the area of brands under the cover of Sedita.

The next subchapter is about advertising. Kassay describes the direct relationship of advertising and sales promotion, which is also graphically illustrated. He captures advertising in a historical context, seeking to define it. The author seizes the goals of advertising such as brand awareness and popularity, brand position in the market, profit growth, new shopping, and brand reputation. As a key area in advertising, our author considers heuristics. A creative idea is the initial step followed by creating a specific advert. Kassay is aware of the many aspects of advertising generation indicators, discusses the role of humour in advertising, the context in advertising, dramatization and the use of emotional distraction. He also describes the special role of some special emotions, such as enthusiasm, trust, fear, sexual motivation, the role of well-known individuals. Kassay reminds us a real example of Dr. Ebi. Professor Ebringer collaborating with author academician Kassay developed a new product and wanted to remain anonymous, so his identity resembles only a cartoon face image and an imitation link to his person. Recommendation of known persons is considered by the author as a significant indicator, which also geometrically quantifies. In the continuation of the subchapter, the economist deals with the creation process of advertisement, characterizes the role of advertising and media agencies as well as building relationships among businesses and the agencies. The author also describes the issue of advertising on foreign markets in the context of cultural differences, in the sense of differences between verbal and non-verbal communication. The academician reminds many styles of adverts in the sense of different national cultures. He writes about the economic benefits of advertising, quotes Howard Gossage, who argued that no business brain would want the least amount of advertising. The question of whether advertising can recommend a bad product to a client, Kassay replies that certainly not.

Next, the author discusses questions about the product price presentation. Of course, prices are influenced by economic processes, the price is determined by quality, and the client and its needs are important. Relationships among product, market, prices and communication play a major role. The author recalls the participation of the various sub-systems: production, communication, legislation, economy and others. He mentions classical methods of price stabilization, and also deals with the supply of demand and price. He uses scientific economic analyzes that are accurately supported by charts, formulas, and also analyzes the relationship between cost and retirement. Special attention is paid to stabilizing the prices of new products, especially those for export. In the subchapter, there is a scientific study on price increases and decreases. The case study is about I. D. C. Holding dealing with the pricing strategy of the company.

The next section is devoted to sales and distribution under the conditions of a developed market. He writes about sales and purchases in terms of direct interaction

between the customer and the seller. The author leads an imaginary dialogue on how to get a client to buy. He discusses marketing modifications and deals with different sales methods. Also, the author talks about the distribution way of sales, special attention is paid to channel distribution, especially in the consumer market, in retail conditions, department stores, supermarkets and hypermarkets. Kassay compares the distribution strategy of Ahold Retail, Kaufland, Lidl, Tesco, Unity and Bill in this section. The author also describes the distribution channels of the industrial market.

This entrepreneur also writes about sales support through communication. The subchapter essentially ends the second part of the third book of penthalogy. Sales development is seen as a presentation within the business network as well as the presentation of trading partners of the company. Kassay states that sales support depends on particular conditions as well as on the environment. The range of businesses that operate globally acts as an indicator. In particular, our presentation in European markets plays a major role. Extraordinarily important for Kassay is a strategy to maintain buying client in current competition conditions. At the same time, there must be strategic moves that affect the increase in sales efficiency. An electronic sales promotion plays an important role in this context. The most important part of it is the internet sales. This is, on the one hand, Internet advertising as well as the separation of deliberately sent viruses on networks from advertising messages. Kassay considers the internet site of the business as an exhibition box. Within the website of an enterprise, it is possible to sell products via an electronic catalogue, when the selection can take place directly to the electronic transaction. The author describes various forms of internet sales. Part of the subchapter is the analysis of barcode problems. Conclusion of the issue is about introducing a product group, whereby the author sorts the consumer's basket according to the purchase order. He also deals with the pricing according to various indicators.

The third part of penthalogy deals with market research and customers. At the beginning, Kassay analyzes market research methods. The author examines random probes as well as long-term surveys and market research. This economist particularly appreciates methods that can explain the potential of the market in terms of the expectation of a new product on the market. In this sense, it is important to do a commercial analysis of the new product. It needs to be linked to the right tracking methods in the market. In this respect, the author provides a really serious guide set on a scientific basis and is truly grounded, recommended for example by EquiTrend, Interbrand, BrandDynamics. Various scientific methods describe the impact of advertising on the effectiveness of communication, and the author deals with this issue. The author analyzes the loyalty of clients from the above point of view, and also retaining the target groups in favour. In this context, Kassay emphasizes the importance of science and business research.

The next subchapter is devoted to examining how to increase the effectiveness of client-centric communication. It analyzes in detail the complexity of the research in question. From the reviewer's point of view, I appreciate the bold, accurate processing of the division of communication, which leads to the use of analysis for branding and product implementation in the customer market. Kassay is also concerned about the characteristics of research techniques and methods designed to segment the market. For that purpose, he recommends analyzing the values of clients changing

during their life cycle, as well as differentiating customers according to their lifestyle. The above-mentioned scientific research is complemented by numerous diagrams and graphs devoted to various components, analysis of the intensity of purchases. The author presents various concepts in this context. The subchapter ends with an interesting case study from I.D.C.

The next subchapter deals with changes in the current market in terms of communication. Kassay introduces the modern means of prognostic market research associated with its electronic version. This means concern, for example pricing, and market simulation. The author also tries to analyze the processes of strategic penetration in this subchapter and his scientific approach is successful. Kassay continues to analyze customer relationship with the same analytical scientific style. He exploits different types of scientific research tools, complemented by graphical schemes. This analysis ends with the analysis of electronic communication from this point of view, as well as with the online communication with focus groups. The subchapter is completed by a small case study from I.D.C. The last but very brief subchapter of the third part is devoted to the Ipsos research method. Kassay describes the possibilities of using the aforementioned research method in business. The last subchapter is dedicated to the different contexts of market simulation as well as maximizing the ability of competition in business, options to increase the impact advertisement on brand development. The subchapter ends with the topic of building a profitable relationship with clients as well as a brief excursion into the hotel networks.

The fourth subpart of the third part of pentalogy is the most brief, but very important and it is about customer care. Its first subchapter deals with the impact of communication on the client while Kassay remarks in a futurologic way that the life of the company is driven by customers. The author draws attention to the central location of the client in enterprising, and points to the main forces that determine the relationship between customers and the business, outlining the business ecosystem with the central role of the client. The second subchapter deals with customer service processes in the context of CRM systems. He pays close attention to customers and their typology at this point. He writes about the importance of the customer contact center, discusses the importance of a customer communication campaign, and deals with the value of the lost client. The author also deals with the optimization of customer service processes, sales, and e-commerce. He also discusses customer loyalty and customer satisfaction, or customers in a critical situation. Finally, he deals with the topic of CRM in current business conditions, not excluding technological aspects.

Academician Kassay has also demonstrated the author's master's degree in the third book of pentalogy which consists in overcoming theory and practice. His inventive approach captured many aspects of the communication process in terms of business and entrepreneurship. I am convinced that it will serve science-based readers and practitioners.



Marián Ambrozy

ISM Slovakia
Presov, Slovakia

Rudolf Dupkala: Fantóm imigrácie – Konflikt alebo dialóg kultúr v kontextoch axiologického pluralizmu

Renomovaný slovenský filozof, špecialista na filozofiu národného obrodzenia a na filozofiu Slovanov prekvapil odborný svet monografiou, ktorá sa venuje imigrácii do Európy z hľadiska dialógu kultúr. Autor monografií a vedeckých statí, zameraných na dejiny filozofie a etiky sa vyjadruje k problematike z pohľadu axiológie.

Začiatok, s vtípnou analógiou na najznámejšie Marxovo dielo, poukazuje na chaos a napätie, ktorý problematika imigrantov vyvoláva. Autor sa už na začiatku dištancuje od multikulturalizmu a označuje ho za dožívajúci. Vymedzuje sa tak voči islamofóbii, ako aj voči bagatelizácii nebezpečenstva pochádzajúceho z prostredia islamského terorizmu.

Kultúru uchopuje profesor Dupkala axiologicky – ako systém hodnôt. Po etymologických a historických analýzach pojmu nasleduje analýza vzťahu civilizácie a kultúry. Autor tu hojne vychádza z Kanta, pričom rozoberá aj prístup súčasnosti bližších kulturológov (Mežujev, Tylor etc.). Kultúru vníma Dupkala ako filozofický a antropologický problém. Usiluje sa oprostiť vnímanie kultúr od ovplyvnenia hodnotiteľa jemu vlastným kultúrnym systémom, snaží sa o vytvorenie pozície metodologickej skepsy, potrebnej pre neutrálnu hodnotiacu pozíciu. V tejto súvislosti spomína názorové pozície M. de Montaignea, pričom sa usiluje vyjadriť ku koncepcii plurality kultúr. Rudolf Dupkala prezentuje takú koncepciu axiologického pluralizmu, ktorá vníma rozdiel medzi pluralizmom hodnôt jedného systému a viacerých odlišných systémov hodnôt. Na predmetnú dištinkciu upozorňuje náš autor i v súvislosti s názormi I. Berlina. Rovnako postuluje oba mantinely, kultúrny absolutizmus a relativizmus. Vlastný axiologický pluralizmus je v práci chápaný ako reflexívny postoj, ktorý vníma absolútnu platnosť hodnôt len v rámci im vlastného systému.

Autor sa zamýšľa nad vážnym problémom možnosti koexistencie hodnôt. V tomto zmysle prof. Dupkala delí systémy hodnôt na komensurabilné a inkomensurabilné. Spolužitie ľudí, ktorí uplatňujú inkomensurabilné hodnoty, pokladá za možné len za cenu nezhôd a konfliktov, za cenu permanentného disenzu. Multikulturalizmus považuje náš autor za neuskutočniteľný. Podľa Dupkalu podľahol v dôsledku ilúzie pokladať hodnotovo inkomensurabilné kultúry za teritoriálne zlučiteľné. Autor navrhuje nenásilné riešenie koexistencie vedľa seba, nie však spolu. Takto sa zachováva možnosť uchovať nezávislosť hodnotových systémov kultúr. Náš filozof varuje pred možnosťou, ak inkomensurabilné kultúry majú divergentné náhľady a ciele v globálnych otázkach svetovej geopolitiky. Diferencuje pritom medzi pôsobením kultúry dovnútra a navonok.

Druhú kapitolu venovanú konfliktu a dialógu kultúr uvádza výrokom Poppera, aby v sporoch zanikali myšlienky, no nie ľudia samotní. Reflektuje teóriu konfliktov Gastona Bouthoua. V uvedenom kontexte prináša monografia čitateľovi historický exkurz konfliktov v podobe križiackych výprav. Dupkala na pozadí historických udalostí konfrontuje texty Biblie a Koránu. Vyzdvihuje, že kresťanstvo aj islam sa prezentujú ako náboženstvá s univerzálnym, všeludským celoplanetárnym poslaním, a že vo svojich základných náboženských textoch prezentujú cestu nenásilia. Náš autor poukazuje i na fakt, že tzv. césaropapizmus je v oveľa väčšej miere vlastný islamu (obzvlášť v šiitskej tradícii), než je tomu v štátoch s kresťanským majoritným obyvateľstvom.

Ďalšie riadky kapitoly sa zaoberajú fundamentalizmom v zmysle jeho definovania a aplikácie v rámci kresťanstva a islamu. Značne heterodoxný islamský svet ho vníma výrazne odlišne, v závislosti od ideovej orientácie konkrétnej islamskej denominácie. V tejto súvislosti sprítomňuje význam, etymológiu a diferenciáciu pojmu džihád v chápaní v rámci islamskej kultúry. Autor upozorňuje, že džihád je vnímaný ako mravná povinnosť moslima, avšak jestvuje viacero foriem džihádu. Jestvuje nielen veľký a malý džihád, ale za džihád sa pokladá aj fyzická alebo materiálna pomoc bratom vo viere, pričom islamská kultúra pozná aj džihád srdca. V uvedenej súvislosti možno vnímať v príkrom rozpore mediálne podkladaný význam pojmu džihád, alebo dokonca džihádista. Právne konzekvencie diferenčne odlišného postoja voči uplatneniu princípu násilnej smrti v zmysle trestu sú v príkrom rozpore, upozorňuje autor monografie.

Rudolf Dupkala si jasne uvedomuje, že paralelná koexistencia kresťanstva a islamu nemusí byť nutne konfliktogénna. Analyzuje tematiku trestu smrti v Koráne a Biblii. Autor upozorňuje, že mnoho z hľadiska interpretácie závisí od konkrétneho prekladu Koránu. Po etymologickom a historicko – filozofickom rozbere pojmu dialóg nasleduje vnútorná diskusia o dialógu a tolerancii. V dialógu kultúr nejde o spor v zmysle pravdy – nech už ponímame pravdu z akéhokoľvek hľadiska teórie pravdy. Meritom sporu je koexistencia ľudí a spoločenských s rozdielnou axiálnou orientáciou. Dialektická herakleitovská jednota v rozmanitosti nefunguje – upozorňuje Dupkala. Rovnako je krajne nevhodná i uniformita, prípadne vyvážanie nejakej ideovej orientácie do sveta: socializmu, demokracie či liberalizmu. Konflikty kultúr predsa jasne ukázali neudržateľnosť multikulturalizmu, spolu s autorom to pochopil aj teoretik demokracie Sartori. Dupkala načrtáva aj kultúrnu problematiku vzťahu hosťa a hostiteľa, jej vypuklú podobu možno empiricky vnímať v Kosove. Za

podmienky úspešného dialógu kultúr považuje autor pozíciu vzájomnej tolerancie, úprimné hľadanie odpovedí na otvorené otázky, hľadanie spoločných postojov, garanciu slobody myslenia a jestvovanie priestoru na zmysluplnú argumentáciu.

Tretia kapitola je venovaná priamo problematike imigrácie. Autor sa usiluje deskribovať históriu témy v rámci dejín myslenia, pričom sprítomňuje názory J. Locka. Dupkalov rozbor prirodzenosti človeka zachádza do otázok antropológie, stavia proti sebe konštruktívne stanoviská Sokrata, Platóna a Augustína proti menej optimistickým názorom Hobbesa, Freuda alebo Nietzscheho. Zamýšľa sa nad príčinami tolerancie a intolerancie. Postuluje otázku, kde sú hranice tolerancie. Môže to byť akási zásada humanizmu, avšak autor upozorňuje, že akási zásada typu „netolerovať zlo“ je až humorne vágna. Ani legalistická pozícia netolerovať čo je nezákonné nie je žiadnym uholným kameňom, na ktorom by mohla stáť problematika celou váhou. Dupkala brilantnou argumentáciou analyzuje rôzne aspekty vzťahu sloboda – tolerancia. Reflektuje Sartrovo svoje ponímanie pojmu sloboda. Podobne, ako absolútne nezávisle vo svojej úvahe český teoretik Hušek, vidí napokon východisko otázok tolerancie a slobody „v kantovskom zákone ako produkte ľudskej múdrosti“ (s. 128).

Autor predkladanej knihy sa opiera o práce Ahmada Hemayu, s ktorým aj osobne o daných otázkach diskutoval. Zdôrazňuje, že Hemaya upozorňuje na fakt, že kresťanstvo je tzv. náboženstvo knihy, t. j. v islamskom ponímaní je Kristus jeden z piatich najväčších prorokov všetkých čias. Náš autor upozorňuje na skutočnosť, že výklady posolstiev základných obsahových pilierov islamu v zmysle A. Hemayu sú pomerne umiernené. Dáva do pozornosti Hemayov tzv. Euro – islam a ponímanie islamu v agresívnej fundamentalistickej monarchii Islamský štát (ISIL). Zdôrazňuje, že prejavy islamistického extrémizmu a terorizmu nesmú byť tolerované.

V závere svojej prínosnej knihy sa prof. Dupkala zamýšľa nad *Dohovorom o právnom postavení utečencov* (1951). Vypichuje fakt, že bazálnym predpokladom je sociálna a humanitárna povaha dôvodu úteku, ktorá nepripúšťa zneužívanie systému sociálneho zabezpečenia krajín EU. Dohovor hovorí o povinnostiach utečenca voči prijímajúcemu štátu. Utečenec má garantovanú náboženskú slobodu. Autor považuje za neprípustné uplatňovať ústretové uplatňovanie spomínaného dohovoru na utečencov, ktorí chcú uplatňovať džihád mečom. Takýto utečenec má byť podľa autora jednoznačne vyhostený ako *persona ingrata*. Uplatnenie pluralizmu kultúr musí byť vzhľadom na vyššie uvedené súvislosti selektívne, uzatvára autor.

Hlboká filozofická sonda prof. Rudolfa Dupkalu na aktuálnu tému utečencov neponúka riešenia v podobe kvót a plotov. Zdôrazňuje nutnosť migrantov po opadnutí nebezpečia v domácej krajine vrátiť do nej v maximálne novej miere. I dovedy však podľa Dupkalu je pre nich *conditio sine qua non* rešpektovanie právneho poriadku EU, ako to pripomína slovami I. Kanta.



Hynek Šmerda
Czech Republic

RECENZJA:

Patrik Maturkanič, Základy etiky (*Podstawy etyki*), VŠAPs, Terezín 2018, B5 s. 155, ISBN 978-80-87871-05-8.

W 2018 r. Szkoła Wyższa Psychologii Stosowanej w Terezinie (Republika Czeska) opublikowała specjalistyczną publikację „Základy etiky“ („Podstawy etyki”), która służy głównie potrzebom studentów uniwersyteckich zajmujących się kwestiami etycznymi. Autorem tej recenzowanej naukowo publikacji jest doktor teologii, wieloletni nauczyciel etyki: Patrik Maturkanič, który na swój własny sposób wyjaśnia w pięciu podstawowych rozdziałach, jak najlepiej połączyć filozofię życia z praktyką codzienności. Problematyka dotyczy wybranych obszarów ogólnie pojmowanej etyki i jej podziału, etyki zdrowia, etyki moralności i ekonomii, a ostatecznie religijnego podziału świata (religii żywych) i ich wpływu na społeczeństwo. Musimy powiedzieć, że te moralne pytania dotyczące swobodnie myślącej istoty ludzkiej mogą być najlepszym impulsem do przeżywania, a tym samym do wypełniania egzystencji każdego z nas. Także i w tym celu służy podręcznik uniwersytecki, który wzbogaca każdy z wymienionych we wstępie obszarów, przejrzystym wprowadzeniem w obszary tematyczne i badawcze (cele). Podsumowanie poszczególnych rozdziałów, które są zazwyczaj tej samej objętości, zawierają pytania kontrolne i zadania, mające na celu rozbudzić moralnie uważnych czytelników, a tym samym zachęcić do wyżej wspomnianej praktyki życiowej. Są to tematy, które niewątpliwie dotyczą każdej osoby, i warto być na nie całkowicie otwartym. Pomocne są ku temu liczne historie z życia, poparte wybranymi kodeksami postępowania związanymi z już wspomnianymi kwestiami etycznymi.

Publikacja na ostatnich stronach zawiera bogaty, przejrzysty przegląd wykorzystanej literatury, który zawiera, oprócz krajowych źródeł naukowych, dużą liczbę prac autorów zagranicznych. Te, ale także inne wspomniane fakty naukowe, jasno pokazują, że mamy to czynienia z kompletnym, dobrze naukowo wyważonym, dziełem. Opisując książkę polecam nie tylko studentom, ale także szerokiemu gronu społeczeństwa, szczególnie po to, aby móc pogłębić moralne zasady niewątpliwie zakotwiczone w każdej ludzkiej duszy.

Informacja dla Autorów

Redakcja „Humanum” zaprasza do współpracy Autorów, którzy chcieliby publikować swoje teksty na łamach naszego pisma. Uprzejmie informujemy, że przyjmujemy do publikacji artykuły nie dłuższe niż 20 stron znormalizowanego maszynopisu (1800 znaków ze spacjami na stronę), a w przypadku recenzji – niż 8 stron. Do artykułów prosimy dołączyć streszczenie w języku polskim i angielskim (wraz z angielskim tytułem artykułu) o objętości do 200 słów. Prosimy o niewprowadzanie do manuskryptów zbędnego formatowania (np. nie należy wyrównywać tekstu spacjami czy stosować zróżnicowanych uwypukleń, wycień itp.). Sugerowany format: czcionka Arial, 12 pkt., interlinia 1,5. Piśmiennictwo zawarte w artykule należy sformatować zgodnie z tzw. zapisem harwardzkim, zgodnie z którym lista publikacji istotnych dla artykułu ma być zamieszczona na jego końcu i ułożona w porządku alfabetyczny. Publikacje książkowe należy zapisywać:

Fijałkowska B., Madziarski E., van Tocken T.L. jr., Kamilska T. (2014). Tamizdat i jego rola w kulturze radzieckiej. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Rozdziały w publikacjach zwartych należy zapisywać:

Bojan A., Figurski S. (2014). Nienowoczesność – plewić czy grabić. W.S. Białokozowicz (red.), Nasze czasy – próba syntezy. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Artykuły w czasopismach należy zapisywać:

Bobrzyński T.A. (2009). Depression, stress and immunological activation. British Medical Journal 34 (4): 345-356.

Materiały elektroniczne należy zapisywać:

Zientkiewicz K. Analiza porównawcza egocentryka i hipochondryka. Żart czy parodia wiedzy? Portal Naukowy „Endo”. www.endo.polska-nauka.pl (data dostępu: 2014.07.31).

W tekście artykułu cytowaną publikację należy zaznaczyć wprowadzając odnośnik (nazwisko data publikacji: strony) lub – gdy przywołane jest nazwisko autora/nazwiska autorów w tekście – (data publikacji: strony), np.: Radzieckie władze „[...] podjęły walkę z tamizdatem na dwóch płaszczyznach: ideologicznej i materialnej” (Fijałkowski i wsp. 2014: 23). lub: Radziecka prasa, jak stwierdzają Fijałkowski i współnicy, „łżyła autorów druków bezdebitowych” (2014: 45). W przypadku przywoływanych tekstów, gdy nie ma bezpośredniego cytowania, należy jedynie podać nazwisko i rok publikacji (bądź sam rok, jeśli nazwisko autora pada w tekście głównym). W odnośnikach w tekście głównym należy w przypadku więcej niż dwóch autorów wprowadzić „i wsp.”, np. (Fijałkowski i wsp. 2014). W tekście piśmiennictwa (tj. alfabetycznie ułożonej literaturze) prosimy wymienić wszystkich autorów danej publikacji. Więcej o zasadach stylu harwardzkiego m.in. na Wikipedii (http://pl.wikipedia.org/wiki/Przypisy_harwardzkie). Uwaga, przypisy krytyczne, inaczej tzw. aparat krytyczny, prosimy w miarę możliwości zredukować do minimum i wprowadzać do głównego tekstu manuskryptu.

Zaznaczamy, że Redakcja nie płaci honorariów, nie zwraca tekstów niezamówionych oraz rezerwuje sobie prawo do skracania tekstów.

Texty prosimy przysyłać drogą elektroniczną za pomocą formularza na stronie WWW: <http://humanum.org.pl/czasopisma/humanum/o-czasopismie> lub na adres e-mailowy: biuro@humanum.org.pl

Do tekstu należy dołączyć informację o aktualnym miejscu zamieszkania, nazwie i adresie zakładu pracy, tytule naukowym, stanowisku i pełnionych funkcjach. Każdy tekst przesłany pod adres Redakcji z prośbą o druk na łamach czasopisma podlega ocenie. Proces recenzji przebiega zgodnie z założeniami „double blind” peer review (tzw. podwójnie ślepej recenzji). Do oceny tekstu powołuje się co najmniej dwóch niezależnych recenzentów (tzn. recenzent i autor tekstu nie są ze sobą spokrewni, nie występują pomiędzy nimi związki prawne, konflikty, relacje podległości służbowej, czy bezpośrednia współpraca naukowa w ciągu ostatnich 5 lat). Recenzja ma formę pisemną i kończy się stwierdzeniem o dopuszczeniu lub niedopuszczeniu tekstu do druku.

W związku z przypadkami łamania prawa autorskiego oraz dobrego obyczaju w nauce, mając na celu dobro Czytelników, uprasza się, aby Autorzy publikacji w sposób przejrzysty, rzetelny i uczciwy prezentowali rezultaty swojej pracy, niezależnie od tego, czy są jej bezpośrednimi autorami, czy też korzystali z pomocy wyspecjalizowanego podmiotu (osoby fizycznej lub prawnej).

Wszystkie przejawy nierzetelności naukowej będą demaskowane, włącznie z powiadomieniem odpowiednich podmiotów (instytucje zatrudniające Autorów, towarzystwa naukowe itp.).

Do przedłożonych tekstów z prośbą o druk, Autor tekstu jest zobowiązany dołączyć:

1. Informację mówiącą o wkładzie poszczególnych Autorów w powstanie publikacji (z podaniem ich afiliacji oraz kontrybucji, tj. informacji, kto jest autorem koncepcji, założeń, metod, protokołu itp. wykorzystywanych przy przygotowaniu publikacji), przy czym główną odpowiedzialność ponosi Autor zgłaszający manuskrypt.
2. Informację o źródłach finansowania publikacji, wkładzie instytucji naukowo-badawczych, stowarzyszeń i innych podmiotów.

